



o começo
do
CEO

ALINE PÁDUA



o recomeço
do
CEO
ALINE PÁDUA

Copyright 2022 © Aline Pádua

2º edição – junho 2022

Todo o enredo é de total domínio da autora, sendo todos os direitos reservados. Proibida qualquer forma de reprodução total ou parcial da obra, sem autorização prévia e expressa da autora.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Ilustração: Ellfie Designer

Diagramação: AAA Design

Sumário

[Importante](#)

[**A REDENÇÃO DO CEO**](#)

[**A REDENÇÃO DE UM CASAMENTO**](#)

[Sinopse](#)

[Playlist](#)

[Prefácio](#)

[Prólogo](#)

[Parte I](#)

[01](#)

[02](#)

[03](#)

[04](#)

[05](#)

[06](#)

[07](#)

[08](#)

[09](#)

[10](#)

[11](#)

[Parte II](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[Epílogo](#)

[Recadinho](#)

[Contatos da autora](#)

Deus.

A meu namorado, que compreende o quanto o trabalho é minha vida. Obrigada pelo apoio incondicional.

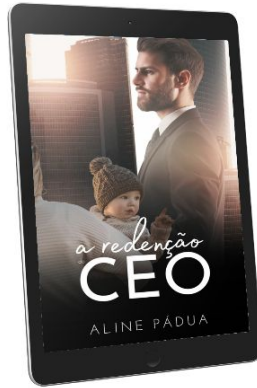
A Hilana Silva e Kamila Marques. Obrigada por ouvirem meus áudios infinitos e sempre tirarem um tempo para ler os capítulos. Obrigada por acreditarem em minha escrita. Serei eternamente grata!

Importante

Este livro foi lançado anteriormente sob o título GUILHERME – A ESCOLHA DE UM HOMEM. Ele agora apresenta novo título e ilustração, alterações que não afetaram o enredo. Sendo assim, conta a história a respeito de personagens já citados em outros livros já relançados: A REDENÇÃO DO CEO e A REDENÇÃO DE UM CASAMENTO (estão listados abaixo). **Não é necessária a leitura dos livros anteriores para o entendimento deste, mas recomenda-se para ter uma melhor experiência.**

AVISO DE GATILHOS: este livro contém cenas explícitas de violência contra a mulher e transtorno de pânico.

A REDENÇÃO DO CEO



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Davi Rivera tinha tudo calculado em sua vida, e aquilo incluía realizar sua maior ambição, ser o presidente da empresa da família. Porém, o que ele não contava, era que uma mulher intrigante apareceria novamente em seu caminho, ou melhor, nunca tinha saído do mesmo. Manuele o intrigava, e o fazia sentir como um jovem adolescente. Para um homem que sempre pensou no futuro, sem ter tempo para o presente, uma noite fora do planejado, era arriscado demais. Porém, ele o fizera. E naquela noite, a tornara apenas sua.

Manuele Cardoso apenas tinha em mente uma coisa: o tempo não para. Ela seria praticamente sozinha no mundo, se não fosse a ajuda e carinho de seus patrões, que sempre a trataram como da família. Porém, ela sempre lutou suas próprias batalhas, e na espera de que um dia, teria alguém para chamar de seu, e quem sabe, passar o resto da sua vida com essa pessoa. O

que não imaginou era que o homem o qual sempre lhe despertou os desejos mais profundos, a olharia. Era para ser apenas uma noite, porém, mal sabia, que tudo mudaria a partir dali.

Davi era determinado...

Manuele era apaixonada...

Uma mistura de sentimentos que gerou um fruto...

Um casamento que de repente tornou-se um caos...

Um segredo capaz de mudar tudo...

Afinal, qual será a redenção desse homem?

A REDENÇÃO DE UM CASAMENTO



adquira o seu clicando [aqui](#)

SINOPSE

Luíza Monteiro após uma desilusão amorosa se tornou um espírito livre, não pensando em nada além de uma vida ao extremo, sem arrependimentos, e a última coisa que esperava era se envolver. Entretanto, seu melhor amigo, Marcelo, surge em uma de suas noites sem fim, onde tudo o que ela desejava era o prazer. Porém, naquela noite ela encontrou muito mais nos olhos azuis profundos do homem que era declarado um romântico – ela encontrou o amor.

Marcelo Carvalho não esperava depois de três anos casado com a mulher que amava, que de alguma forma, voltaria a ser machucado por ela. Luíza tinha enlaçado seu coração desde o primeiro olhar trocado, mas por um longo período pisoteou e rechaçou seus sentimentos. Porém, ele não era conhecido por desistir do que queria, assim, casou-se com a mulher que

amava. Mas o tempo passou, e de repente, ele viu tudo ao seu redor ruir, e mais, sua confiança quebrada.

A omissão sobre uma noite no passado acaba por destruir o conto de fadas que estavam construindo. Marcelo se vê dividido entre a raiva e vingança... Luíza se vê a cada dia mais longe daquele que jurou amar.

Existe redenção para um casamento?

Sinopse

2

Guilherme Rivera perdeu não só a irmã em um acidente, mas acabou por perder a confiança do irmão mais velho. Uma família quebrada por uma omissão e a crença de que ele mesmo não merece o amor. E ele encontrou nos olhos azuis de Jéssica o mesmo, ela não lhe exigiria nada além do que ele poderia entregar. Ao menos, era o que ele esperava.

Jéssica Medeiros apenas tinha um objetivo: ser feliz novamente. Porém, o homem o qual desejara era casado, e pior, nunca a olharia como sua. Não daquela vez. Contudo, era difícil confiar em homens, ainda mais os quais ostentavam sorrisos fáceis e um carisma gratuito, o que é a própria personificação de Guilherme. Entretanto, um homem como ele não precisava se tornar algo *mais*.

Uma mulher que não confia

Um homem confrontado pelo passado

O destino parece sempre interferir

Uma gravidez completamente inesperada

Um amor pode surgir em meio a não procura do mesmo?

Playlist

A House We Never Built – Gabrielle Aplin

Anxiety – Julia Michaels feat. Selena Gomez

Apple – Julia Michaels

Bitches Broken Hearts – Billie Eilish

Deep – Julia Michaels

Happy – Julia Michaels

Jump – Julia Michaels feat. Trippie Redd

Let You Love Me – Rita Ora

Like To Be You – Shawn Mendes

Lovely – Billie Eilish feat. Khalid

Nicest Thing – Kate Nash

No Matter What – Callum Scott

Not My Ex – Jessie J

Peer Pressure – James Bay feat. Julia Michaels

Perfect To Me – Anne-Marie

Shallow – Lady Gaga feat. Bradley Cooper

Sucker – Jonas Brothers

Take Me To Church – Hozier

Then – Anne-Marie

What A Time – Julia Michaels feat. Niall Horan

When The Party's Over – Billie Eilish

Worst In Me – Julia Michaels

Dedicado a todas as mulheres fortes e que matam cinco leões pelas
manhãs

Leões muitas vezes disfarçados de cuidado, carinho,
paixão, afeto,
amor.

Não é, e nós sabemos.

Em algum momento, sabemos.

Aline Padua

Prefácio

“você pode não ter sido meu primeiro amor

mas foi o amor que tornou

todos os outros amores

irrelevantes”

outros jeitos de usar a boca

Rupi Kaur

Prólogo

““Eu cheirei como uma rosa, posso te dar doses?

Não, eu não quero brigar, mas eu vou se você quiser

Eu não nado, eu apenas mergulho direto naqueles olhos azul-
esverdeados

Não, eu não quero brigar, eu só quero ser.”^[1]

Jessica

Ajeitei minha caneca e liguei a máquina de expresso. Andei em direção a enorme porta de vidro da sala de estar, e coloquei uma de minhas mãos contra o vidro gelado. Caía uma leve chuva, que parecia marcar a cidade que tanto amava. Vestia apenas um moletom duas vezes maior que os meus, que pertencia a meu irmão, e que desde os meus dezoito, não fiz questão de devolver. Meus cabelos estavam presos num coque no alto da cabeça e apenas uma calcinha como peça de baixo.

Encarei meus pés com a meia de *emojis* e sorri: look perfeito para um dia de chuva dentro de casa. Na realidade, sentia-me forçando um sorriso. A noite anterior deixara meu coração em perigo e ansioso, e finalmente, tomara minha decisão. Diria a Guilherme o que tanto guardei e o que tanto queria. Talvez ele entendesse. Talvez ele realmente compreendesse. Talvez ele o quisesse.

O barulho da máquina de expresso chamou minha atenção e saí de meu cenário perfeito de clipe, e fui até a cozinha. Peguei minha caneca e por um segundo, um pequeno flashback se passou por minha mente. Sobre tudo o que vivi nos últimos meses, e que sequer entendi por onde ia. Apenas fui. Naquele momento, finalmente, entendera os porquês. A caneca em minhas mãos era uma das provas de que o caminho apenas surpreendeu, mas não foi um erro.

Passei a mão por minha barriga e senti meu coração disparar. Apenas alguns dias, e tudo mudara, e começara a entender que existia uma vida ali. Mais de dois meses, próxima aos três, e pela primeira vez, buscava *nele* ou *nela* a calma que precisava. Sentia-me ansiosa de repente, mesmo que nunca planejara ser mãe. *Aconteceu...* Uma única noite fora o bastante

para unir-me a Guilherme para sempre. A noite em que fizemos amor pela primeira vez.

Não teria como imaginar que estava grávida, ainda mais, por não ter nenhum sintoma óbvio, além do atraso da menstruação, que era algo comum de me acontecer. Porém, ali estava eu. Começando a querer algo como olhá-lo de uma vez, além das imagens esquisitas do primeiro ultrassom. Queria olhar para *ele* ou *ela*, e saber se os olhos teriam o verde profundo do pai que assumia novas tonalidades dependendo de seu humor, ou o azul claro dos meus. Se o cabelo sairia loiro clarinho como o da mãe, ou até mesmo, os tons mais escuros de Guilherme. Respirei profundamente, pegando-me pensando nele mais uma vez. Era como um vício. Entretanto, uma realidade.

A caneca com um personagem do meu jogo de vídeo game favorito, que ganhei de presente quando voltou da Espanha, dizia mais sobre ele, do que a respeito de mim. Ou melhor, falava muito a respeito de nós. Levei a caneca a boca e tomei um longo gole do chocolate quente. Barulhos vindos do quarto chamaram minha atenção e tentei imaginar como começar aquela conversa. As coisas poderiam sair de um jeito inesperado. Ainda mais, por

minha decisão ser tão pensada, ao contrário de estar grávida de um homem que mal conhecia.

Naquele momento, conhecia. Os meses me mostraram aquilo, assim como, sua forma de ser nada parecido com o que um dia tive. Já conhecera a dor com alguém, que simplesmente, não conseguia colocar como um relacionamento. *Não mais.* Porém, já conhecera o amor em uma outra ocasião, mas nada comparado ao que vivi nos últimos tempos. Suspirei fundo, no momento em que meus olhos se depararam com a visão de Guilherme saindo do corredor, em direção a sala.

Era como seu ritual matinal.

Deus, até aquilo decorara!

Um passo para perto do sofá, e ele levanta os braços e espreguiça. *Feito.* Mais um passo, e ele simplesmente se joga sobre o estofado. *Feito.* Ele leva a mão direita e passa pela barba rala, como se pensando a respeito da vida e ao mesmo tempo sobre nada. Um dia lhe perguntaria o que tanto fazia ali, por cerca de cinco minutos, claramente, fechado em seu mundo. Os minutos passaram, e *feito.* Ele então se levanta e logo seus olhos, recaem nos meus.

Analisei sua expressão e notei o franzir de seu cenho por um segundo. Talvez ele quisesse tudo, menos a minha visão em sua cozinha depois da noite anterior. Entretanto, ali estava eu. Pois tinha conseguido o dia de folga. Como ele mesmo diria: surpreendente e imprevisível. Talvez eu fosse. Naquele momento, por um bom motivo.

— Bom dia.

Apenas aquela simples fala em português, pegou-me completamente desprevenida. Não era o Guilherme brincalhão e bem-humorado pela manhã. Era a versão mais perto de fria que já conhecera dele. Ele geralmente gritava *buenos días* e me dava um beijo na testa. *Em que momento perdemos tal coisa?*

Minha mente me castigava, assim como, cobrava que fizesse algo. Aquele era o momento. Olhei diretamente em seus olhos e tomei coragem. *Vamos lá!* Não era algo tão difícil assim. Talvez fosse, para mim. Deveria seguir seu conselho e não me forçar. Porém, não era um esforço, era mais o fato de estar sufocada com meus próprios sentimentos.

Abri a boca para falar, ao mesmo instante que a campainha soou alta. Paralisei e soltei o ar que mal sabia que segurava. Guilherme me encarou por alguns segundos, e então, o som da

campainha soou mais uma vez. Vi-o se virar e praguejar algo em espanhol. Sorri, pois era completamente engraçado vê-lo se enrolar com as duas línguas.

Permaneci com a mão em minha barriga e pensei o que poderia fazer para confessar meu amor e para ele *acreditar*. Sentia-me pronta para aquilo.

— Olha, Gui, eu...

Minha frase morreu, assim como aquele momento. Tinha uma mulher sobre Guilherme, abraçando-o com afinco, e poderia mentir que não a reconheci, mas a conhecia de fotos em seu notebook. *Melina*.

Esperei que Guilherme a afastasse prontamente, porém, ele não o fez. Pelo contrário, ele passou as mãos em suas costas, como se assegurando-a de que era seu lugar. *De que ele esperou por ela*. Abaixei a cabeça e fui para o quarto no mesmo segundo. Finalmente entendendo, que entendi completamente errado. Eu era sua amada, até que *ela* chegasse. No fim, talvez ele duvidasse de meus sentimentos, por não ter certeza sobre os próprios. Não era sua insegurança, era por conta de seu verdadeiro amor.

Aquilo explicava a forma como me olhou minutos antes de ela aparecer. Ali não era o meu lugar. Era o *dela*. Sorri sem vontade, e senti as lágrimas descerem. Arrumei-me rapidamente, e joguei a mochila que deixara com algumas coisas, nas costas. Precisava sair dali. Não era a protagonista daquela história. Como sempre. Tinha que aceitar a realidade de que aquele homem fizera uma escolha bem antes de nos conhecermos.

Parte I

“confie no seu corpo
ele reage ao que é certo e errado
melhor do que a sua mente
- *o corpo fala com você*”
o que o sol faz com as flores

Rupi Kaur

“Me diga uma coisa, garota

Você está feliz neste mundo moderno?

Ou você precisa de mais?

Existe algo mais que você está procurando?”^[2]

Jessica

Meses antes...

— Eu não preciso disso, Will.

Meu cunhado sorriu abertamente e deu de ombros, saindo em seguida, sem dar atenção ao que falava. Bufei baixinho e ajeitei o microfone na altura necessária. Olhei rapidamente ao redor e sorri, pois, aquele restaurante era como ele descrevera – misterioso e aconchegante. As pessoas comiam e conversavam, sem dar atenção ao redor, era como se cada um estivesse em

seu próprio mundo, ou compartilhando algo apenas para os companheiros de mesa.

Encarei mais uma vez as músicas escolhidas para aquela noite e sorri, era completamente apaixonada por cada uma delas. Coloquei uma mecha insistente em cair no rosto, atrás da orelha, e me sentei no banco alto, ajustando-me ali. Encarei o relógio e faltavam cerca de cinco minutos para começar.

Suspirei fundo e olhei para o lado, vendo Will fazer um sinal de positivo com as mãos, assenti com a cabeça e logo uma fraca, mas suficiente luz, iluminou o pequeno palco até então vazio. Ter música ao vivo era o que diferenciava alguns restaurantes de muitos outros, as pessoas se sentiam curiosas a respeito, e se o cantor fosse bom, sentiam-se ainda mais parte do lugar. Música unia pessoas, e era por isso, que tanto amava passar as noites cantando em lugares diferentes. Música me ajudava a unir pessoas.

— Boa noite a todos. — saudei-os, testando meu espanhol que há muito não era usado. Segundo Will estava ótimo, mesmo assim, para os espanhóis que me encaravam atentos naquele momento, resolvi me explicar. — Me chamo Jéssica Medeiros. Esse leve sotaque, ou não tão leve, se deve ao fato de não ser

daqui. — expliquei-me e notei alguns sorrisos condizentes nas mesas mais próximas. — Fui convidada por um dos donos a cantar aqui hoje, e espero que possa contribuir para o melhor jantar de suas vidas. — sorri e peguei o violão que estava ao meu lado. — A primeira música tem um tom pessoal, admito, e como a acho incrível, resolvi fazer uma versão. Espero que gostem!

Muitas pessoas não tinham sua atenção no palco, e era acostumada com tal coisa, até porque não era a estrela da noite, nunca quis ser. Era mais como colocar o coração para fora de um jeito saudável, colocar as emoções mais perturbadoras em viva-voz. Cantar me fazia sentir livre. Liberdade era a palavra com maior significado em minha vida, e estava marcada em minha pele como lembrança constante de como cheguei até ali.

Toqueis os primeiros acordes e muitas cabeças se viraram para o palco. Aquela música realmente conquistava, o tanto quanto, intrigava. Não existia a forma certa de definir como era bonita, ao menos, em minha concepção. De certa forma, ela me ajudava a colocar várias verdades íntimas para fora. Uma forma de protesto muitas vezes.

“Minha amada tem humor

Ela é a risadinha no funeral

Ela sabe que todos desaprovam

Eu devia tê-la venerado antes

Se os céus falassem

Ela é a última profetisa verdadeira

Cada domingo fica mais sombrio

Um veneno fresco a cada semana

Nós nascemos doentes

Você os escuta dizendo

Minha igreja não oferece absolvições

Ela me diz: Louve entre quatro paredes

O único paraíso para onde serei enviado

Vai ser quando eu estiver sozinho com você

Eu nasci doente, mas adoro isso

Ordene-me que eu me cure

Ah, amém, amém, amém

Leve-me à igreja

Louvarei como um cão

No santuário de suas mentiras

Vou lhe contar meus pecados

Para você afiar sua faca

Ofereça-me aquela morte imortal

Bom Deus, deixe eu te entregar a minha vida

Leve-me à igreja

Louvarei como um cão

No santuário de suas mentiras

Vou lhe contar meus pecados

Para você afiar sua faca

Ofereça-me aquela morte imortal

Bom Deus, deixe eu te entregar a minha vida

Se sou um pagão dos bons tempos

*Minha amada é a luz do sol
E para manter a deusa ao meu lado
Ela exige um sacrifício
Drene todo o mar, pegue algo brilhante*

*Algo carnudo para o prato principal
Esse é um belo pedestal
O que você tem no estábulo?
Nós temos um monte de fiéis famintos
Isso parece saboroso, isso parece abundante
Esse trabalho é insaciável*

*Leve-me à igreja
Louvarei como um cão
No santuário de suas mentiras
Vou lhe contar meus pecados
Para você afiar sua faca
Ofereça-me aquela morte imortal
Bom Deus, deixe eu te entregar a minha vida*

*Leve-me à igreja
Louvarei como um cão
No santuário de suas mentiras
Vou lhe contar meus pecados
Para você afiar sua faca
Ofereça-me aquela morte imortal
Bom Deus, deixe eu te entregar a minha vida*

*Nada de mestres ou reis
Quando o ritual começa
Não existe inocência mais pura
Do que nosso doce pecado*

*Na loucura e imundície
Desta triste cena mundana
Só então sou humano
Só então me torno puro, oh, oh
Amém, amém, amém^[3]*

Abri os olhos novamente e notei que praticamente todos estavam conectados ao violão e minha voz, e não quis decepcioná-los. Dei meu melhor e *Take Me To Church* pareceu tocar cada pessoa presente. Minutos depois, encerrei a canção e uma salva de palmas fora dada. Sorri, pois não era comum ter felicitações nessas apresentações. Não estava ali por fama ou dinheiro, era apenas para cantar. Mas fazia-me feliz saber que tinham gostado.

Continuei minha playlist e sorri por saber que a maioria parecia com o coração tão aberto quanto o meu naqueles poucos instantes. Quando finalmente terminei, ao fim da noite, agradei brevemente e saí do pequeno palco.

Will me recebeu com um abraço, e foi impossível não retribuir. Dei-lhe um beijo no rosto e sorri em sua direção.

— Acho que mereço uma bebida. — sugeri e ele assentiu.

— Tudo para a dona da porra toda. — gargalhei de seu vocabulário e segui com ele até o bar. — A estrela da noite.

Assim que parei, Will se adiantou e pediu a dose de meu uísque favorito.

— Vou andar por aí, meu amor. — assenti para seu olhar atento. — Precisa de algo?

Beijei seu rosto mais uma vez e agradeci internamente por ter aquele homem em minha vida. Ele era um dos poucos, os quais realmente, poderiam se aproximar. Will era como um irmão para mim, e cuidava de meu real irmão como deveria. Senti falta de Lucas no mesmo instante.

— Lucas ainda está no escritório? — perguntei, e ele assentiu. Uma careta emoldurou seu rosto.

— Eu sou o sociável no restaurante, e seu irmão, o que posso dizer? — bufou, fazendo-me sorrir. — Adora seu próprio espaço e cuidar dos papéis chatos.

— Lucas e sua mania de ser entediante quando quer. — provoquei.

— Reconheço que em alguns momentos ele não é nem um pouco...

— Will! — bati em seu peito e ele gargalhou. — Vai atazanar outro! Não quero saber da forma como você e meu irmão transam.

— Mas eu...

— Tchau, Will!

Levantei a mão e virei o uísque. Deixei o copo sobre o balcão e meu cunhado para trás, seguindo por entre as pessoas. Assim que saí do estabelecimento, respirei fundo e tentei evitar a vontade de fumar. Aquela merda ainda me atormentava, e tentava evitá-la ao máximo. Os remédios controlados tomados toda noite eram o bastante para deixar meu organismo uma grande bagunça “organizada”.

Passei as mãos por meus braços e respirei fundo mais uma vez, sentindo falta da música que cantara há poucos minutos. Cantar me mantinha sã, lembrava-me de momentos bons e inesquecíveis. Lembrava-me do homem que tanto queria de volta, mas não poderia ter. Era uma merda apenas conseguir confiar seu coração a um, que só tinha olhos para outra.

— Com licença.

Uma voz rouca e grossa atingiu meus ouvidos, e levantei meu olhar. Aquele espanhol perfeito soou e tentei disfarçar o que apenas sua voz me causara. Analisei o homem a minha frente e cogitei estar ficando insana. Ele era lindo. Um ar de *bad boy* pairava sobre ele, assim como o sorriso cafajeste que emoldurava

o belo rosto. Olhos claros e cabelos louro escuros completavam a beleza, assim como a barba por fazer.

— Sempre canta aqui?

Estranhei sua pergunta e dei um passo atrás. Não era acostumada com tais abordagens e aquilo sequer me apetecia.

— O que quer? — perguntei direta, e fechei meu semblante.

— Convidá-la para jantar, talvez. — sugeriu e o sorriso permanecia em seu rosto. Não saberia dizer o que aquilo me causava, mas ao mesmo tempo que pensava em correr, permaneci parada ali.

— Estou sem fome.

— Tudo bem. — falou com cuidado, percebendo a forma como me protegia com os braços. — Desculpe pela forma como a abordei.

— Ok.

Dei-lhe as costas e resolvi voltar para o restaurante, sem olhar para trás. Com olhos verdes presos em minha mente, e tendo a certeza, que me seguiram a cada passo.

“Parece que estou sempre me desculpando por sentir
Como se estivesse enlouquecendo quando estou simplesmente bem
Tenho ouvido que eu podia tomar algo pra resolver isso
Cara, eu queria, eu queria que fosse assim tão simples, ah” [\[4\]](#)

Jessica

Olhei de relance para as pessoas na pista de dança. Pensei rapidamente nos prós e contras de deixar a noite me levar. Fazia um bom tempo que não me dedicava a tal coisa. A simplesmente, curtir a noite e quem sabe, levar um desconhecido para o hotel em que estou hospedada. Policieei-me por muito tempo a respeito. Entretanto, não poderia me privar para sempre. Ser mulher não era algo que pedi, porém, no dia a dia, assim como muitas de milhões, tinha que enfrentar os medos.

Amarrei a jaqueta preta na cintura, deixando minhas costas à mostra. Notei o sorriso do barman mudar, e não pude negar que

sabia que estava bonita. Até mesmo desejável para alguns olhares. Porém, não era algo que queria. O problema era pensar que as mulheres se vestiam para homens, e até mesmo para outras mulheres. Em meu caso, poderia falar com propriedade. Vestia-me com o que queria, o que me tornava bonita ao olhar para o espelho. Não me importava com opinião alheia. E doía lembrar, muitas vezes, o que meus traumas falavam a respeito.

Andei em direção a pista de dança e deixei a música me embalar. Tinham várias pessoas sozinhas dançando, um *reggaeton* que energizava ao redor. Era como se a música nos obrigasse a entregar. Ao menos, eu, estava completamente entregue.

“Báilame como si fuera la última vez

Y enséñame ese pasito que no sé

Un besito bien suavecito, bebé

Taki taki

Taki taki

Taki taki

¿Quieres un besito o un ñaqui?

Booty explota como Nagasaki

Prende los motores del Kawasaki

Que la disco está llena y llegaron los Anunnakis

No le bajes, el booty sobresale de tu traje.”^[5]

Fechei os olhos de acordo com a batida, e deixei meu quadril trabalhar por si só. Cantar era minha essência, mas dançar, fazia-me tão bem quanto. Lembrei-me das aulas de funk que fizeram há um bom tempo. Com toda certeza, valeram cada centavo gasto. Aprender a dançar foi uma das maneiras de conhecer meu próprio corpo, e assim, passar a me conhecer. De alguma forma, entendi que precisava cuidar do que era meu, começando pelo simples passo de me olhar com atenção.

Senti algo queimar sobre minha pele, porém, não era o calor de fogo em brasa. Era como se algo estivesse me seguindo, e pela primeira vez, em muito tempo, não levei tal sensação para o negativo. Abri os olhos, e olhei ao redor. O bar ainda estava abarrotado de pessoas, a maioria delas, pedindo algum drinque. Não estava claro o suficiente para notar de fato cada presente,

entretanto, senti-me puxada, como um ímã, em direção ao canto esquerdo.

Ali, entendi que estava o dono ou dona da sensação em meu corpo. Parei de dançar, e notei, pelo vislumbre de sua sombra em meio as luzes coloridas, que as curvas pertenciam a um homem. Resolvi, dar-me uma chance, e entender o que acontecia. Viver de medo, era sobreviver. De qualquer forma, avisaria meu irmão ou meu cunhado que estaria fora na noite ou com alguém. De algum jeito, meu lado protetor insistia no cuidado. Muitas vezes, proteção não era demais.

Andei dentre as pessoas, e a música ainda explodia ao redor. Mais alguns passos, e assim que duas mulheres saíram do balcão do bar, consegui um lugar, e me encostei.

— Uma água sem gás. — pedi em espanhol, e logo o barman me trouxe uma garrafa.

Senti a queimação ainda mais ardente em meu corpo, e era como se o homem ao meu lado, pudesse me tocar sem ao menos sugerir. Talvez aquilo fosse a simples química entre dois desconhecidos. Nunca fui o tipo de pessoa que acreditara que podemos amar apenas uma pessoa dentre bilhões. Entretanto, acreditava que poderíamos confiar em poucos. Nem amor e

confiança estavam em jogo, era apenas uma atração. Uma atração que nunca senti, e que de alguma forma, acendeu-me para o desconhecido.

Abri a garrafa de água que o *barman* me entregou e bebi rapidamente, sentindo que meu fisiológico parecia completamente mudado apenas por entrar no jogo. Não sabia ao certo por onde começar, mas queria entender porque o homem ao meu lado, que claramente, ainda me olhava, fazia questão de não falar nada. Levantei meu olhar e finalmente, pude olhá-lo com clareza. Notei rapidamente, que o conhecia de algum lugar. Abri a boca surpresa, e então, a realidade caiu em meu colo.

O mesmo cara que estava à frente do restaurante na noite passada. As coincidências da vida ainda me assustavam. Porém, não poderia deixar de indagar: *seria realmente apenas uma coincidência?*

— Não precisa me olhar assim. — sua voz rouca soou, e o encarei profundamente, buscando algo que sequer conhecia em seu olhar. — A cidade é pequena, assim como a maioria das cidades no interior da Espanha.

— Ok. — soltei, sentindo-me um pouco sem graça diante de minha clara desconfiança ao olhá-lo.

— De qualquer forma, não ia abordá-la. — falou, e notei que não hesitou em momento algum.

Mais uma vez, voltei a uma de minhas atividades extracurriculares. Aulas sobre leitura do corporal. Não era fácil identificar padrões. Precisava conhecer a pessoa antes. De alguma forma, ignorando completamente a ciência, apenas aplicava o método que conheci durante um bom tempo do curso. O homem a minha frente não parecia mentir, e sequer expressava algum gesto corporal que o entregasse.

Para com isso, Jess!

Minha mente brigava com o corpo, que claramente, odiava o fato de não conseguir manter uma simples conversa. Respirei profundamente, e recitei mentalmente um dos mantras que trouxe para a vida: *nem tudo, nem nada, apenas eu*. Sorri de mim mesma, e senti meu corpo acalmar. Mal tinha notado a forma como meu coração batia descompassado no peito. Felizmente, quase ninguém conseguia observar, ou se dava ao trabalho daquilo. Sentia-me a beira do colapso, e de repente, encontrava oxigênio.

— Era uma mulher qualquer na pista de dança. — comecei a falar, antes que pudesse usar minha racionalidade.

Meu lado protetor nunca deixaria passar de um papo sucinto com o cara ao lado. Porém, minha vida sorria para o acontecimento. Queria me envolver com alguém, de modo que, fizesse-me sentir algo real.

Talvez fosse apenas aquilo que procurasse. Um momento fora do contexto e cotidiano.

— Por que seus olhos me seguiam? — indaguei, e ele pareceu surpreso diante de minha abordagem.

— Confesso que sou um homem observador. — um sorriso levantou o lado direito de sua boca, deixando à mostra dentes brancos, que com toda certeza, poderiam fazer parte de alguma campanha de creme dental. — Gosto de olhar o que me interessa.

— Por isso me olhou? — insisti, sentando-me na banquetta ao seu lado, e levando a garrafa d'água a boca mais uma vez.

— Por isso te chamei para jantar na noite passada, e fiquei completamente encantado ao reencontrá-la *num* momento diferente.

— Mas não falaria comigo, certo? — indaguei, lembrando-me de sua fala anterior.

— Não... Sei quando não sou um bem-vindo para alguém.

— falou, claramente despreocupado, e seu sorriso, mais uma vez, pendeu para o canto direito da boca.

— E no momento, o que acha?

Ele sorriu amplamente, deixando-me a par de sua completa beleza. Seus olhos eram uma clara imensidão verde, e tinha a plena certeza que mudavam de tonalidade devido ao ambiente e até mesmo, por seu estado espiritual. Sua boca era carnuda, bem desenhada, preenchida por dentes perfeitos. A barba por fazer, e o cabelo bagunçado de forma sexy, juntamente a cor loura escura, davam-lhe um ar de perigo. Tudo o que deveria repudiar em um homem. O fazia, na maioria do tempo. Porém, a frente deste, senti-me estranhamente interessada.

Sua aparência entregava algo. Sua voz, dava-me uma outra perspectiv. Ele não parecia dentro de um padrão pré-definido para a maioria dos homens. Gostava de seu tom de voz e da firmeza da mesma. Bastava entender se pelo fato de sentir-me atraída, ou até mesmo, por ele não demonstrar ser um intruso. Parecia respeitar espaços que nem lhe pedi.

Tinha que admitir, um desconhecido, ensinava-me sem ao menos dizer ou agir muito, mais do que a maioria dos homens

que passaram por minha vida nos últimos anos.

— Bom, tenho que dizer que estou surpreso, mas nem um pouco chateado. — o seu espanhol era forte, assim como, acentuava cada palavra. Como se cada uma pudesse me atingir de forma diferente. O que me fez pensar em coisas nada próprias para o momento, e muito menos, para compartilhar ali com ele.

— Fico feliz em ouvir isso. — admiti e bebi o resto de minha água. — O que está bebendo? — perguntei, no momento em que deixou o copo vazio sobre o balcão do bar. — Acredito que... *Uísque?* — indaguei, e ele deu de ombros, como se fosse algo óbvio.

Mal sabia que era a primeira coisa realmente óbvia a respeito dele que encontrava.

— Nada que um bom uísque não cure. — falou e notei a forma como pareceu viajar em seus pensamentos por alguns segundos.

Ele parecia marcado por algo, mas não disposto a ceder o controle aquilo. Lá estava eu, deixando o lado psicóloga de bar falar mais alto. Analisando pessoas que sequer pediram para que fosse feito, e muito menos, pagaram para aquilo. Entretanto, em

muitos casos, como no homem a minha frente, era mais o fato de me sentir atraída e interessada por ele. Raro, dentre os últimos tempos. Ele me forçava a querer entendê-lo, mesmo sem detrimento algum do porquê.

— Um uísque. — ele pediu ao barman, e acabei me intrometendo.

— Dois. — falei alto e claro, e logo voltei-me para ele, que parecia não fugir do embate que trocávamos a cada olhar. — Algo mais que queira conversar? — perguntei, e ele pareceu aprovar minha atitude.

— Bom, talvez começando pela parte correta... Guilherme Rivera. — falou, e me estendeu a mão, como se medindo cada toque ao meu redor.

Mal percebi, mas ele parecia me analisar também. De algum jeito, era bem-sucedido no ato. Não dei muita importância ao nome, na realidade, apenas associei ao fato de ser marcante. Gostava da forma como o primeiro nome soava em espanhol.

— Jéssica. — falei, e segurei sua mão.

Um arrepio bom percorreu cada célula de meu corpo, como se fosse atingida por uma descarga elétrica mínima, não a ponto

de matar, mas sim, de deixar marcas.

— Apenas Jéssica? — indagou, e logo notei os dois uísques colocados a nossa frente.

Assenti, e peguei meu uísque, afastando-me de seu toque. Ele sorriu, mais uma vez, e levou a bebida a frente.

— Um brinde. — falou, e levantei minha bebida também, esperando que complementasse. — A uma noite de surpresas e uma mulher indecifrável.

Sorri, e brindamos. Assim que a bebida desceu por minha garganta, senti-a queimar, ao mesmo tempo, que me deixando pronta para poder realmente conversar com o homem ali presente. O que ainda não tinha compreendido, era que ele deixaria marcas. Muito mais profundas do que um dia poderia imaginar.

“Todo mundo sabe que você e eu somos artes suicidas roubadas
Mamãe costura pontos em todos os corações quebrados de suas vadias
Você pode fingir que não sente minha falta
Você pode fingir que não se importa
Tudo o que você quer fazer é me beijar
Oh, que pena que eu não estou aí.”^[6]

Jessica

Minha cabeça doeu, e senti-me sufocar. Abri os olhos, respirando profundamente, e agradeci internamente no segundo em que meus olhos se acostumaram com o quarto quase completamente escuro. Senti uma mão sobre minha cintura e meu corpo retesou. Respirei profundamente, e virei meu olhar, encontrando felizmente, o semblante tranquilo de Guilherme. O nome combinava com ele, assim como, o espanhol carregado.

Os cabelos estavam espalhados sobre o travesseiro, e se ele levantasse a cabeça, claramente, cairiam para trás, como se perfeitamente desalinhados. Ele poderia facilmente se passar por algum modelo. Desci minha visão e segurei um suspiro. Tudo nele parecia esculpido para se parecer com o mais próximo de pecado. Com toda certeza, não existiria arrependimento daquele momento juntos.

Desviei o olhar rapidamente e tirei com cuidado o seu braço de meu entorno. Sequer percebi o momento em que acabei pegando no sono. A noite tinha sido mais do que satisfatória. O que apenas me levou diretamente para tudo o que evitei durante os últimos anos. Era como se tentasse me blindar para momentos exatamente como aqueles. Entretanto, ali estava eu, em sua cama em um quarto de hotel de nome difícil se pronunciar, em uma cidade do interior da Espanha. *O quanto tudo simplesmente pareceu virar de cabeça para baixo?*

Levantei-me da cama e fui direto para o banheiro. Acendi a luz, e demorei alguns segundos para me ambientar. Fechei a porta em seguida, temendo que o acordasse. Abri a torneira e passei um pouco de água no pescoço. Respirei fundo, não querendo fazer tal coisa, mas parecia instantâneo. A última vez

que me sentira tão bem com alguém fora no passado. Um passado que daria tudo para não ter se tornado apenas aquilo.

Desliguei a torneira e passei as mãos pelos cabelos, prendendo-os num coque mal feito no topo da cabeça. Vestia apenas uma camisa grande, que com toda certeza, Guilherme pusera em mim. Lembrava-me apenas de estar nua na cama. Uma marca roxa em meu pescoço denunciava o que acontecera contra a parede, no chão, na cama... Sentir prazer daquela forma... Fazia um longo tempo. De alguma maneira, meu instinto não falhou.

Retirei sua camisa e encarei meu corpo nu no reflexo do espelho. Marcas se espalhavam por cada pedaço. Era como se ele quisesse me marcar, e notei sua necessidade a cada beijo, a cada toque...

Se controla, Jéssica!

Segurei contra a pia e respirei fundo algumas vezes. Não conseguia entender, mas o toque daquele estranho parecia ainda quente sobre minha pele. Segundos depois, resolvi que o melhor era sair dali. Precisava deitar em minha cama e deixar que a mente divagasse para longe. Era apenas uma noite e nada mais. Não entendia porque estava pensando tanto.

Coloquei a sua camisa e saí do banheiro, deixando a luz acesa, para que com a claridade do banheiro, conseguisse encontrar minhas peças de roupas por ali. Felizmente, em menos de cinco minutos, consegui achar todas e me vesti de qualquer forma. Faltava apenas os sapatos e a bolsa que com toda certeza, estavam jogados perto da porta.

— Vai sair como uma fugitiva? — a pergunta em um timbre mais rouco que o costumeiro, pegou-me completamente de surpresa.

Não saberia dizer se meu coração parecia a ponto de pular da boca por conta do susto, ou até mesmo, por sua voz. Virei-me para ele, e apenas vi o seu rosto de relance. A fresta de luz do banheiro não me permitia olhá-lo com clareza. As luzes que adentravam pela janela da rua eram fracas. Porém, consegui notar um sorriso em seu rosto. Ele não esperava por resposta, pois logo, se adiantou a dizer.

— Não esperava menos de você, *nena*^[7].

Revirei os olhos diante de sua fala, porém, não consegui evitar um sorriso. De alguma forma estranha, porém, gostosa, ele me fizera gargalhar por boa parte da noite. Bom, até chegarmos

ao quarto de hotel que mais parecia um apartamento, pelo tamanho e móveis distribuídos. Ele era um homem com dinheiro, ou ao menos, um herdeiro. Uma coisa ou outra, porém, não me importava. Apenas precisava sair dali.

Seus passos foram mais ágeis que minhas decisões, talvez divagasse demais, como meu irmão costumava reclamar. Logo senti um leve toque em minha cintura e levantei o olhar. Guilherme vestia apenas uma cueca, e parecia completamente bem em sua pele. Bem demais para meu psicológico.

— Não quer ficar para o café? — indagou e já abri a boca para responder de prontidão. Ele fora mais rápido, novamente, colocando dois dedos sobre minha boca e deixando aquele sorriso insolente cair para o lado direito da sua. — Antes que diga que foi apenas uma *foda*, saiba que entendo os termos, *nena*. Apenas, quero que fique mais para que a *foda*, ou melhor, as três *fodas* que tivemos, se tornem seis, sete... — sua voz rouca despertou meu corpo, assim como sua proximidade.

Ele com toda certeza era um dos candidatos para que a química entre os corpos fosse explicada. Era pura atração, e sequer minha mente parecia querer se afastar. Com toda certeza, meu corpo queria *mais* com ele. Mais de prazer.

— O que está sugerindo, Guilherme? — perguntei, finalmente encontrando minha voz, e ele parecia se divertir um pouco com o sotaque claro em minha pronúncia. Felizmente, não perguntou em momento de onde era. Não faria questão de contar.

— Bom, ficarei por mais dois dias na cidade, e pelo que falou no palco e esse sotaque entrega, não é daqui e que não está *pra* ficar... Que tal, dois dias bem acompanhados de comida boa, música, vinhos e claro, muito sexo. — sugeriu, e o encarei com deboche. Com toda certeza ele era um homem arrogante, porém, não o levei para o lado pessoal. — Decidido, isso que sou. — falou, como se lesse meus pensamentos. — Vamos lá, *nena*! — sua mão subiu até minha costela e passou ali de leve. Era como se sentisse queimar sob seu toque.

— Apenas pare... — comecei a dizer, e ele franziu o cenho, sem desviar o olhar. — Pare de me chamar de *nena*. — falei decidida e ele afastou suas mãos, levantando-as em clara rendição.

— Jess, talvez? — indagou com o sorriso cínico e revirei os olhos.

Entretanto, antes que pudesse pensar com clareza e me decidir a sair dali, suas mãos tocaram minha cintura e fui puxada

para seu peito. Meus dedos pareciam ansiar para tocar cada parte novamente, pois foram direto para o tórax e ali ficaram.

— Dois dias apenas, Jess. — falou, e bati de leve em seu peito, porém, apenas consegui rir de sua insistência. — Aposto que se eu ficar assim, pertinho, sua mente para de pensar nos contras, e apenas teremos prós.

— Bom, gosto dos termos, não posso mentir. — admiti e dei de ombros, e senti um leve beijo em meu pescoço. — Guilherme!

— O que, Jess? — indagou, e me afastei um pouco, sem conseguir me impedir de tocar seu rosto. Sua postura mudou, assim como o olhar nublado em seus olhos. Ele também parecia sentir a conexão que tínhamos. Era algo para se aproveitar.

— Só que teremos que ir para o meu quarto de hotel. — exigi, e ele apenas assentiu, como se realmente não importasse onde estivéssemos. Na realidade, não importava mesmo. Entretanto, queria deixar clara uma barreira do que éramos. *Nada*, simples assim.

— Sem problema, posso fazer minha mala? — perguntou, com um sorriso travesso no rosto, e bati de leve em seu ombro.

Ele me fazia sorrir. Naquele momento, era o que realmente importava. Dois dias com um cara que assim como eu, apenas queria viver livremente, sem apego. Era tudo o que precisava para exaurir qualquer problema.

— Um dia de cada vez, Guilherme. — falei, e ele assentiu, como se entendesse o que queria dizer.

Não poderia prometer passar os dois dias seguintes com ele. Ficaria por muito mais tempo naquela cidade, porém, ele não precisava saber. Quem sabe, amanhã mesmo, enjoaria do que tivemos e então, cada um seguiria para seu lado. Porém, sem me deixar pensar demais, seus lábios desceram sobre os meus, e perdi qualquer noção de raciocínio.

Um toque. E ele parecia enraizado em minha pele. Longe de tudo o que realmente desejara. Ao menos, naquele instante.

“Oh, espero que algum dia eu consiga sair daqui

Mesmo que demore a noite toda ou cem anos

Preciso de um lugar para me esconder, mas não consigo encontrar um perto

Quero me sentir vivo, lá fora posso enfrentar meu medo.”^[8]

Jessica

Semanas depois...

Às vezes as coisas simplesmente acontecem quando tem de ser. Olhei novamente para o relógio em meu pulso, e amaldiçoei meu atraso. Apressei-me com os saltos, e odiei o tipo de roupa que escolhi para um dia nublado que logo nos presentearia com chuva. Minha cabeça parecia um pouco perdida, e naquele momento, parecia que entraria em colapso.

Não poderia chegar atrasada justo *naquele* dia, não depois de assinar contratos e mais, estar preparada para finalmente fixar

o trabalho com uma editora. Era um de meus trejeitos e para o que nasci. Sempre fui boa com detalhes, e desbravá-los. Então, a formação em estudos literários foi o destino acertado. Vivia bem com meu trabalho independente, mas a oportunidade de ter um salário fixo com uma editora que admirava, não era algo a se dispensar. Nunca seria. Era mais como uma realização aos trinta anos.

Poderia, como sempre, apresentar-me nos restaurantes e bares, deixando que a música, minha segunda paixão, acalmasse e até mesmo, exaltasse meus sentidos e instintos. Era onde me abria e sentia inteira. Suspirei, finalmente adentrando o prédio da editora. Passei rapidamente pela catraca, usando minha credencial. Praticamente corri até o elevador, e em um segundo, pensei que o perderia, e assim, estaria mais cinco minutos atrasada.

Felizmente, assim que faltava um passo, uma mão masculina se pôs dentre as portas e elas não se fecharam. Adentrei o retângulo de metal e soltei o ar que segurava, devido a toda minha corrida, desde o *uber* que ficara preso no trânsito, até mesmo, a perda de horário ao acordar. Justo naquele dia meu carro tinha que estar na oficina.

— Obrigada. — falei em um fôlego, assim que apertei o botão do sétimo andar.

Ajeitei-me contra a parede fria de metal. Respirei fundo, para que meu coração se acalmasse e em poucos segundos, encarei o espelho do elevador. Passei as mãos por meus cabelos e tentei notar algum fio muito desregular da trança que fizera de lado. Notei meu batom um pouco apagado, e me apressei a pegá-lo na bolsa. Uma mulher prevenida, sempre.

Uma risadinha baixa chamou minha atenção, e só assim, olhei pelo próprio reflexo para o homem encostado contra a parte de trás do elevador. Meus olhos arregalaram e parei com o batom sobre o lábio inferior. Ele levantou a cabeça e seus olhos verdes profundos me encararam com determinação.

Continuei-o encarando, em busca de alguma explicação para estar no mesmo elevador que *e/e*, semanas depois de ter estado sob e sobre o seu corpo por tantas vezes, em uma cidade da Espanha. Estávamos no Rio de Janeiro. Não era para ser. Não era para nos reencontrarmos. Ao menos, meu lado racional sempre me avisou sobre. Seria bom curtir com alguém que nunca mais veria.

O sorrisinho atrevido permaneceu em seu rosto com o queixo perfeitamente definido, assim como a boca levemente virada para a direita. *Que mania de merda!* E pior, adorava quando ele me encara daquela forma.

— Sem palavras, *nena*? — indagou em um português carregado do sotaque espanhol, e bufei, guardando o batom rapidamente em minha bolsa, e me virando para ele.

— O que faz aqui? — perguntei, e ele apenas deu de ombros, dando um passo à frente. No mesmo instante as portas se abriram, e seu olhar mudou, como se me analisasse.

— Seu andar, *nena*.

Bufei mais uma vez e o encarei mortalmente. Virei-me para sair, mas antes que desse um passo para fora, uma de suas mãos tocou suavemente meu cotovelo. Ele me estendeu um cartão e antes que pudesse negar, colocou-o dentro do bolso de meu casaco. Guilherme era um homem insistente, tinha que admitir.

— Adeus, espanhol. — falei, e ele apenas levantou as mãos.

Saí do elevador, e apenas pude vislumbrar mais uma vez o seu sorriso atrevido. Infelizmente, apenas mantinha boas

lembranças a respeito daquele homem.

— Senhorita Medeiros?

A voz feminina me atingiu e foi como levar um choque de realidade. Esquecendo-me por completo do espanhol insistente e que aparecera em minha vida de forma inexplicável.

— Oi, sou eu. — falei rapidamente, e me apressei a segui-la.

Sem dizer muito, ela apenas me parou a frente de uma porta de madeira escura. Entregou-me um copo plástico, que só poderia conter café, e sorriu. Não sabia ao certo quem era aquela mulher, mas agradecia internamente, pois logo ela abriu a porta, dando-me espaço para entrar, ao mesmo tempo, que fechou e desapareceu de minha visão.

— Bom dia a todos. — falei, e levei a bebida a boca, andando em direção da cadeira vazia ao lado de várias pessoas, que pareciam nem um pouco contentes com meu atraso.

— Podemos começar, então? — Esther, a mulher que conhecera como minha mais nova chefe, perguntou, e todos concordaram.

Tirei meu notebook da bolsa, e o coloquei rapidamente sobre a mesa, enquanto ela começava a falar a respeito do novo selo da editora, e de como, queria que todos trabalhassem. Claramente, evidenciando, que prazos eram cruciais. Senti a *direta* no mesmo instante. Com certeza, se já não estivéssemos com um contrato assinado, sequer seria contratada. Entretanto, lhe daria mil motivos para fazer o atraso valer a pena. Era boa no que fazia, e minhas clientes independentes eram a prova daquilo.

Enquanto ela falava a respeito de romances ambientados principalmente no Brasil, e na grande facilidade que as pessoas poderiam ter para errar a respeito, ela nos perguntou um exemplo clássico usado para ambientar livros que não fossem em solo brasileiro. Pensei em Estados Unidos no mesmo instante, mas não tive tempo hábil para responder.

— Espanha! — um dos rapazes sentados ao meu lado falou, sem tirar seu olhar do notebook aberto e engasguei com o café.

Alguns olharem se voltaram em minha direção, porém, simplesmente ignorei. Deixei o café de lado, e passei a digitar algo no notebook, que sequer, parecia ter alguma conexão. Na realidade, o reencontro repentino com Guilherme me pegara

completamente desprevenida. Mexi em meu casaco, e retirei o cartão dali, deixando-o sobre o teclado do notebook.

Pela primeira vez, tomei conta de que seu sobrenome não me era apenas familiar, e comecei a juntar peças em minha mente. Abri meu navegador, ao mesmo tempo que tentava acompanhar a reunião que parecia em quase completo mudo naquele instante. Não conseguiria me concentrar, enquanto não tirasse de minha mente que Guilherme era algum tipo de perseguidor maluco.

Em minha mente, não fazia sentido encontrá-lo naquele prédio. Apertei *enter*, e a resposta veio como um soco na cara. Não faria sentido se aquele prédio e muitos outros não pertencessem a sua família – Rivera. Passei a mão pela testa e suspirei fundo, abrindo uma foto claramente antiga dele e sua família. Não existia muito a respeito, mas ali, era claro que ele era parte. Ainda mais, porque conhecia seu irmão, Davi. Davi Rivera era o melhor amigo do amor da minha vida. Não tinha como simplesmente não o reconhecer.

— Algo a acrescentar, Jéssica? — a voz de minha chefe me pegou desprevenida, e a encarei, tentando fingir que estava tudo sob controle.

Minha cabeça dava voltas. *Em que mundo simplesmente esbarraria tantas vezes com o mesmo cara?* E ainda mais, ele sendo irmão mais novo de um dos caras que já me envolvi. E mais, que era amigo próximo de Marcelo. Minha cabeça deu mais voltas, e comecei a tentar me realinhar. Porém, não era o melhor momento.

— Acho que Esther quer saber mais a fundo do que os espanhóis podem ter de diferente de brasileiros. — o cara ao meu lado comentou, e o olhei em agradecimento. Claramente, ele tentava me situar sobre o assunto.

— Bom... — comecei a dizer, encarei mais uma vez o cartão com o nome Guilherme Rivera escrito. Foi impossível não fazer tal comparação. Guilherme Rivera em detrimento de Marcelo Carvalho. A resposta tinha tudo para ser mais complexa, mas de repente, saiu facilmente. — Bom, não conheço muitos espanhóis, mas por experiência, são diretos e quentes, com certeza, atraentes.

— Mais do que os brasileiros? — Esther indagou, e os homens da sala, encararam-me como se esperando uma negativa. Porém, não era o tipo de pessoa que mentia. Nunca fui

adepta a enganações. Poderia ser colocado como um de meus maiores defeitos e até mesmo, qualidades. No mesmo patamar.

— Acho que depende de quem a personagem realmente vai ficar no final da história. Se o espanhol for o amor da sua vida, ele com toda certeza vai ser *mais* em todos os requisitos. O amor cega as pessoas. — soltei, e não pude evitar pensamentos indesejados.

Falar sobre amor não era algo que me fazia bem. Entretanto, era minha forma de sustento, e nunca mais, permitiria que o que vivi no passado interferisse em qualquer instante de meu presente e futuro.

— Bom, nesse exemplar que temos em mãos.... É um espanhol, que vem ao Brasil a trabalho. — Esther falou e passou algo em sua apresentação de slides. — O que tem me incomodado é a forma como a autora definiu que ele se comunicava.

— Como assim? — indaguei.

Era o que o cargo novo trazia. Eram vários editores e revisores ali, e eu, era a mais nova dentre todos.

— Ela apenas jogou algumas palavras que ele usa, mas não...

— Conecta o leitor? — indaguei, para minha chefe da editoria e ela assentiu, olhando-me com afinco. — Posso me responsabilizar pelo texto.

— E qual seria sua brilhante ideia? — um homem sentado à minha frente perguntou, e só então, notei sua presença.

Ele não me encarava de forma amigável. Não era nenhuma novidade. E aquele era um dos motivos de sempre preferir trabalhar de forma independente – a competição dentro das empresas. Entretanto, não deixaria que nada, muito menos um homem, me fizesse perder o que sabia fazer tão bem.

— A forma como o espanhol carregado fica evidenciado em sua voz rouca no ponto ideal. E até mesmo, a forma como ele parece não fazer esforço algum para falar em português quando está no Brasil, mas o sotaque espanhol ainda o acompanha. Como um belo...

— Estrangeiro sedutor, que tem algo além de usar apelidos como *cariño*^[9]. — Esther complementou, e assenti. — Ótimo! — bateu uma palma e apontou em minha direção. — O exemplar

estará em sua mesa e e-mail em poucas horas, certo? Logo passarei o cronograma.

— Sim, chefe. — respondi de relance, e ela assentiu, claramente aprovando minha postura, e relevando meu atraso.

Bom, aquele era um bom começo. Entretanto, não poderia deixar de pensar que meus pensamentos foram levados para um *real* espanhol. Um que apresentava todas aquelas qualidades, e estava no último andar do mesmo prédio. Seu cartão fora um convite, tinha certeza. Precisava escolher entre aceitá-lo ou não.

“Olha pra mim, sendo agradável
Corta, minha mente está ficando perdida
Pelo seu toque, eu não posso pagar o preço
De me perder para você (me perder para você)”^[10]

Guilherme

Olhar para fotos e mal reconhecer alguém que era para ser seu melhor amigo, tornara-se rotineiro nos últimos anos. De certa forma, Davi ainda o era. Respirei fundo e tentei colocar minha mente no lugar. Fechei as pastas e peguei uma caneta, mexendo-a sem parar entre meus dedos. Poderia ser uma mania, já que apenas o fazia quando algo me incomodava. Naquele instante, tudo parecia fazê-lo.

Abri a pasta mais uma vez e a encarei, tentando entender o caminho que meu irmão andava trilhando. Davi parecia quieto e cauteloso demais. Tudo o que meus pais mais temiam. Ele tinha

um plano em mente, e voltar para a família, com toda certeza, não fazia parte. Passei a mão pelo rosto, incomodado, e completamente, agoniado de ter aceito tal tarefa.

Como poderia, nos meus trinta e três anos, sentir-me tão perdido diante daquela situação? Minha estadia no Brasil tinha tudo para ser curta. Entretanto, tudo mudou no momento em que um dos detetives falou a respeito de uma mulher fora da lista de ex amantes de Davi. Virei uma página e encarei a fotografia de Manuele Cardoso. Tinha basicamente seu dossiê. Uma mulher simples, de vinte e cinco anos, que claramente, batalhava para ter uma boa vida.

Em que momento ela se encaixava no perfil que meu irmão com toda certeza queria mostrar a família? Davi precisava se casar para então, ter a posse por completo da presidência. Nossos pais sabiam daquilo, e até mesmo, insistiram para tal requisito. Não era pra ser algo arcaico, porém, para que Davi ao menos, tentasse se relacionar com alguém novamente. Ou ao menos, pensasse mais emocionalmente.

Davi se fechara em seu mundo há cinco anos. Não poderia negar, e dizer que não o entendia. Mais do que qualquer um de nossa família, sabia bem como a perda de nossa irmã caçula nos

destruiu. Investigar sobre Davi, sobre meu próprio irmão, era como aceitar um fardo que ninguém quer carregar. Entretanto, temia que Davi estivesse trilhando um caminho pior do que se imaginava. Temia perder por completo mais um irmão.

Apenas queria poder alertá-lo antes que fosse tarde demais. Porém, remexer aqueles papéis sobre suas finanças e acertos na empresa, apenas me remetiam a uma coisa: mal conhecia meu irmão. Ele se tornara um completo desconhecido. De certa forma, era como um castigo. Era como se tivesse perdido dois irmãos no dia em que Branca faleceu. Levei as mãos ao cabelo e me afastei dos papéis. A mão direita logo em minha boca, a qual mordi, como se para abafar meu próprio sufoco. A culpa ainda me corroía. O sorriso de Branca Rivera era como meu tormento, sendo que um dia, fora apenas minha única e exclusiva paz.

— Por que, meu Deus? — perguntei para o nada, e respirei fundo.

Não queria estar ali, não queria assumir tais responsabilidades. Porém, ficar longe de qualquer reunião de negócios da matriz dos Rivera na Espanha, e poder me

reaproximar ou ao menos tentar, de meu irmão mais velho, era algo que merecia minha atenção. Ao menos deveria.

Acabei optando por ficar em um dos prédios basicamente não dirigidos por Davi na cidade do Rio de Janeiro. Meu irmão não era nem um pouco ligado ao mercado editorial, e com toda certeza, focava no principal produto dos Rivera, as telecomunicações. Este ramo da empresa era o que minha mãe ergueu depois de alguns anos, cansada de estar à frente de números. Estar ali e não sufocado em um quarto de hotel com tantas informações, parecia mais próximo da realidade. Não dentro de um filme policial ruim.

Batidas na porta chamaram minha atenção e levantei o olhar. Não tinha ninguém além de mim no último andar naquele dia, destinado apenas para o diretor executivo designado pelos Rivera, que no momento, viajava a respeito de contratos com autores internacionais. A porta se abriu, e foi como se uma lufada de ar passasse por meu corpo.

Uma pequena mulher que parecia maior em seus saltos de cor preto. Poderia reconhecê-la em qualquer multidão. Jéssica, apenas o primeiro nome, e três noites e dois dias de puro prazer. Aquela mulher marcara minha pele, e não poderia negar que a

rever de forma tão inesperada, deixou-me ainda mais intrigado a seu respeito. Ela era como um mistério, que tirava meu foco, e felizmente, parecia me fazer esquecer tudo ao redor.

Era o que precisava semanas atrás, e o que precisava naquele exato momento.

— *Nena!* — falei, e abri um sorriso, notando no segundo seguinte seu revirar de olhos.

Ela era uma mulher imprevisível em vários quesitos, entretanto, não naquele.

— O que faz aqui? — indagou, direta como sempre.

Notei seus olhos azuis percorrerem cada canto da sala, e a forma como seus braços estavam cruzados a frente do corpo. Jéssica era cuidadosa, e tinha a certeza de que não por um motivo banal ou simplesmente, diante da sociedade. Algo nela, parecia estar sempre a frente, como se na intenção de autoproteção.

— Rivera. — falei, dando de ombros, e fechando a pasta a minha frente.

Andei até a frente da mesa de vidro, e me ajeitei, encostando-me.

— Sei seu sobrenome, só demorei um pouco pra ligá-lo a seu irmão. — sua fala me pegou desprevenido. — O que? Parece surpreso por eu conhecer seu irmão.

— Talvez mais do que deveria. — repensei a respeito dos nomes listados de possíveis mulheres que Davi se envolvera e poderia tentar fechar algum tipo de contrato matrimonial. Não consegui recordar a respeito do nome Jéssica.

— Bom, amigos de amigos.... Enfim, não consigo acreditar em simples coincidência.

Sua honestidade era cruel, entretanto, não era o tipo de pessoa que levava para o lado pessoal. Olhando para Jéssica apenas três coisas se passavam por minha mente. Primeira, o quanto sua boca era macia, e poderia beijá-la por horas. Segunda, apenas seu olhar determinado, tinha-me pronto para tê-la ali mesmo. Terceira, ela não era uma mulher que simplesmente passou por minha cama. Existia algo *mais* sobre ela.

— O que quer que eu diga? — indaguei, fazendo um gesto de pergunta com as mãos. — Não sei como nos esbarramos tanto, *nena*. Apenas aconteceu. E sei que não tem motivos para acreditar que sou um perseguidor. Tenho seu número de celular, *nena*. Poderia te ligar.

— Não atenderia. — revidou rapidamente.

— Tem seu ponto! — sorri, e me afastei da mesa. Ela permaneceu próxima a porta, como se esperando alguma explicação para estarmos frente a frente mais uma vez. — Não sou um homem que acredita em destino... — comecei a dizer, e dei passos para perto de seu corpo. — Porém, tenho que ser sincero, que também não sou um homem de perder oportunidades.

— Nesse caso seria? — indagou, assim que ficamos a um passo de distância.

— Bom, de estar frente a frente a você e não querer me perder no seu corpo, *nena*. — notei sua respiração mudar, e sorri, sabendo que quando estávamos tão perto, nada mais parecia importar. — Sentimos essa química, e as noites juntos foram o suficiente para mostrar que somos bons.

Ela negou com a cabeça e deu um passo atrás.

— O nosso tempo já passou, Guilherme. — sua voz soou cortante, e a encarei, sem conseguir disfarçar minha decepção. Perder-me junto a ela, seria a forma perfeita de tirar de contexto

os problemas a respeito de meu irmão. — Apenas vim me certificar de que não insista.

— Não posso mentir e dizer que não faria, já que acabei de fazer. — dei de ombros. — Tudo bem, *nena*. — acabei concordando e ela assentiu.

Seus olhos azuis claros eram atraentes, em contraste perfeito com o casaco preto que vestia. Os cabelos estavam presos numa trança lateral que teria o imenso prazer de ver se desfazer enquanto simplesmente lhe mostrava o prazer, e ela o mesmo. Éramos perfeitos na cama, não tinha como negar. Entretanto, existia algo nela que se negava a seguir por um caminho como aquele.

— Amigos? — indaguei no momento em que se virou, e ela me lançou um olhar sobre o ombro. — Não pode culpar um homem por tentar.

— Tem sorte por esse sorriso combinar com seu rosto, ou eu já teria o tirado daí. — falou, e deu um passo para perto.

Como sempre: *surpreendente*.

— Quanto tempo ficará no Brasil? — perguntou, e notei que parecia não tão certa do que fazia.

Jéssica era como um mistério, e até mesmo, alguém que lhe mostrava exatamente o que queria. Eu tinha o lado da mulher decidida e sexy. Tal coisa, me bastava. Não buscava amor, simplesmente, esperava-o. Se fosse merecedor, ela voltaria. Tinha plena certeza.

— Não sei ao certo. — fui sincero. — Porém, vai ter que pagar um drinque se formos para uma cama. — exigi com um sorriso, e ela arqueou a sobrancelha esquerda, claramente pensando em algo mais.

— Tem alguma bebida por aqui? — perguntou, e deu mais um passo, e senti sua mão sobre meu peito. Seu toque era como me lembrava, completamente esmagador. Gostava daquilo, da sensação de conexão. Não podia negar.

— Por que? — perguntei, e notei o sorriso travesso em seu rosto.

— Posso te servir uma bebida e.... Bom, temos uma ótima mesa de vidro bem ali. — indicou o móvel, que a poucos minutos estava encostado.

Engoli em seco, finalmente aceitando a proporção de domínio que sua atração estabelecia sobre mim.

— Jéssica. — minha voz soou baixa, como um claro aviso de “um passo mais e não terá volta”.

— Por que sempre diz o meu nome quando está prestes a me devorar ou me deixar devorá-lo? — perguntou, e seus lábios chegaram próximos a minha boca. Os saltos matadores facilitaram, e ela apenas se inclinou um pouco para puxar meu lábio inferior com os dentes. — Surpreso, espanhol? — indagou, mesmo que já soubesse a respeito.

Não lhe dei mais tempo para pensar ou agir, puxei-a pelo quadril, no mesmo instante em que nossas bocas se encontraram. Beijá-la era como deixar o mundo ao redor de minha cor favorita. Como se tudo fosse simplesmente azul, assim como seu olhar. Jéssica era como uma sereia. Ela me seduzia quando queria, tinha o que desejava e simplesmente, deixava-me para trás. Não poderia negar, não tinha motivos para reclamar. Seu corpo sobre o meu era o bastante para que pensamentos lógicos não fizessem parte do contexto.

“Você me deixa desconcertada
Não estou acostumada a me sentir assim
Eu não sei o que dizer (é, é)
Mas eu sei que não deveria pensar nisso.”^[11]

Jessica

— Você diz que sou eu, mas também é uma coisinha insistente. — sua voz rouca me acertou, e logo seus braços pousaram em minha cintura.

Fechei o zíper de minha calça e levei as mãos até os cabelos, jogando-os para trás, sem me importar com Guilherme a minhas costas.

— Passamos de três noites, *nena*. Acho que ao menos, podemos conversar como adultos após *fodermos*. — falou e me virei. Em seu semblante, não encontrava reprovação por meus atos, o que me surpreendera. Ele parecia genuinamente

interessado em ficar um tempo mais. Apenas não queria que confundisse um *tempo mais* com sentimentos.

— Você pensa muito, e tenho que reconhecer, que até tento decifrar seus pensamentos, mas não sou bom com joguinhos. — falou, e me puxou para perto.

Suspirei profundamente e toquei seu peito. Olhei ao redor da sala do escritório que com toda certeza, não deveria ter sido o palco de um prazer sem precedentes. Entretanto, o espanhol a minha frente era como uma tentação sem explicação.

Ao mesmo tempo que tinha tudo planejado em mente, de subir até aquele andar e simplesmente pedir para ficar fora do meu caminho caso voltássemos a nos reencontrar, o magnetismo de seu olhar, suas palavras, e principalmente, seu corpo; obrigaram-me a ficar. Era como se precisasse de seu toque. O que me apavorava em certos detalhes. Entretanto, tinha certeza, que em algum momento, aquilo acabaria.

Nem mesmo o amor era para sempre. *Por que uma atração por um desconhecido seria?*

— Não estou jogando, Guilherme. — afirmei, e ele passou uma mão em meu rosto, em um gesto íntimo que poderia repelir,

mas meu corpo aceitou prontamente. — O que quer?

— Bom, entender como uma bela e intrigante mulher aparece a minha frente em três ocasiões diferentes, e mais, em dois países diferentes. — abri a boca para retrucar, mas ele sorriu de lado, adiantando-se. — Antes que use sua boca esperta, posso provar que sou um cara legal. Claramente, ambos queremos curtir sem amarras. — assenti prontamente. — Então, por que não sermos simplesmente bons amigos?

— Bons amigos de foda, não é? — perguntei, sem conseguir evitar o deboche em minha voz.

Surpreendendo-me ele gargalhou, e as simples vibrações de sua risada, causaram-me uma resposta imediata. Queria-o novamente sobre ou sob meu corpo.

— Gosto de você, *nena*.

Revirei os olhos e bati em sua mão ainda pousada em meu rosto.

— Ainda está só de cueca. — aponte o óbvio, enquanto caminhei até meus saltos jogados ao lado da porta. — Se quer mesmo seguir com essa ideia estranha de amizade colorida, acho bom se vestir.

— Quais os planos para noite, *nena*? — indagou, e pensei em corrigi-lo pela milésima vez do apelido idiota. Ainda mais, a forma como contrastava perfeitamente com o português que falava. Porém, desisti. Guilherme poderia ficar com aquela vitória sem nenhuma medalha.

— Eu vou comer algo fora, então, se quiser me acompanhar. — dei de ombros, e calcei o primeiro salto. — E mais, não vamos para o meu apartamento.

— Sem problema, tenho um apartamento na cidade. — sua voz saiu descontraída, e virei-me para olhá-lo, enquanto abotoava a camisa verde escuro.

Ele era um belo espécime, acho que poderia compará-lo a poucos homens que conheci ao decorrer da vida. Guilherme parecia saber que era belo, o que apenas o ajudava a ficar ainda mais bonito aos olhos alheios.

— Não vou para o *seu* apartamento. — apressei-me para corrigi-lo, e então seus olhos encontraram os meus. Ele sorriu de lado, daquele jeitinho característico, o que me fez querer beijá-lo ardentemente e esquecer todos meus receios acerca de estarmos conectados de alguma forma. — Estou falando sério, para de sorrir feito um...

— Espanhol gostoso? — indagou, enquanto fechava a calça social preta, e balancei a cabeça. Não tinha a mínima chance de manter uma conversa decente com ele. Contudo, não poderia reclamar de tal coisa. Se fossemos por aquele lado, poderia permanecer muito bem com um acordo baseado no que tanto queríamos. — Ou até mesmo, pode me considerar brasileiro. Sou meio que dividido pelas duas nações.

— Pelo amor de Deus, Guilherme! — reclamei, e ele sorriu amplamente, enquanto colocava o relógio que com certeza pagaria um mês do meu aluguel, ou até mesmo, uns cinco. — O que consta na sua certidão de nascimento? — indaguei, e me coloquei de pé, colocando a bolsa no ombro, já pronta para sair.

— Espanhol... — falou com o sotaque carregado e segurei um suspiro. Ele era sexy demais, tinha que admitir. — Mas tenho dupla nacionalidade, *nena*.

— Ok, esse assunto não é nem um pouco interessante. — cortei-o e ele sorriu, terminando de colocar os sapatos sociais. — Pronto? — perguntei, ao notar que já mexia em seu cabelo, que mesmo bagunçado, ainda permaneci com um lindo caimento.

— Para você? — usou seu tom provocador e sabia que não viria nada que prestava a seguir. — Sempre, *nena*.

— Anda logo, espanhol. — falei, e abri a porta, saindo de dentro daquela sala.

Sequer conseguia entender meus atos. Entretanto, ficar perto de Guilherme era bom. Um bom que não me prejudicava em nada, e com toda certeza, tinha prazo de validade. Viver uma aventura sem amarras era o que precisava. Não tinha opção melhor naquele momento.



— O que pensa em pedir? — Guilherme indagou, no momento em que se adiantou a puxar minha cadeira.

Sentei-me, agradecendo pelo ato de cavalheirismo, que parecia algo rotineiro para ele.

— Bom, uma massa, talvez. — falei, e dei uma leve olhada no cardápio. — Você? — perguntei, quando ele simplesmente se sentou à minha frente, deixando os braços bem acomodados no estofado a suas costas.

— Gosto de olhar para você. — admitiu e tive que sorrir. Ele gostava de bancar o sedutor, e não podia negar, adorava fazer parte daquele.

— É assim que faz a maioria das mulheres caírem aos seus pés? — indaguei, e deixei o cardápio de lado. Guilherme ergueu uma sobrancelha, com a dúvida clara em seu semblante. — Age como um verdadeiro cavalheiro, logo depois seduz e se mostra um grande amante após tudo isso.

— Você faz bem para o meu ego, *nena*. — sorriu de lado, claramente aprovando minhas palavras.

— Duvido que seu ego possa aumentar, então... — dei de ombros, e ele sorriu, bebendo um pouco da água que nos foi servida assim que escolhemos a mesa. — Agora, vamos falar sério, espanhol.

— Sobre o que? — colocou os dois cotovelos na mesa, claramente não se importando com etiqueta alguma. Nunca fui apegada a tal coisa, mas me lembrava claramente do quanto meus pais eram obcecados por boas maneiras. Grandes tolos, tinha que admitir. *Do que adiantava ensinar os filhos a se portar, se não sabiam amá-los?* — Divagando, minha querida brasileira.

— Oh por favor, vamos continuar com os apelidos horripilantes? — ele apenas gargalhou de minha pergunta, claramente, não me levando a sério.

— As conversas em solo espanhol foram limitadas, percebi que me mostrou o que quis. Sequer sabia sua nacionalidade. — argumentou e assenti, sem olhá-lo, voltando meu foco para o cardápio.

— Você fez o mesmo, então... — dei de ombros, e sua risada baixa chamou minha atenção.

— *Touché, nena.* — provocou e segurei para não revirar os olhos. — Agora me conte, de onde conhece Davi? — indagou, e tive que desviar o olhar do cardápio para começar a falar.

Talvez ele achasse estranho falar a respeito de seu irmão mais velho, porém, era a única verdade.

— Davi e eu transamos uma vez há muitos anos, numa noite qualquer. — confidenciei e Guilherme não pareceu sequer surpreso. — Mas a realidade é que era interessada no melhor amigo dele, que se tornou meu namorado.

Forcei um sorriso, lembrando-me de Marcelo e poderia ser a coisa mais inesperada, mas no mesmo instante em que algo me

puxou para a parte anterior do restaurante. Um belo casal acabava de entrar, e poderia passar meses, ainda mais do que me mantinha afastada de tudo que me lembrava ele, porém, ele ainda era o homem que confiava, por completo. O único. Sentia falta *dele* e ainda mais, o namorado perfeito que fora. Marcelo estava marcado em minha pele.

Notei a forma como os cabelos negros estavam jogados para trás, maiores do que o costume, e a barba por fazer, dava-lhe um ar mais jovem, fora os olhos azuis que sempre me leram tão bem. Ele era o meu sonho, e acreditava fielmente, que sempre seria. Se não tivesse tido um pedaço, jamais me sentiria de tal forma. Porém, o tive. Mesmo que incompleto, era o bastante para mim.

— Acho que isso responde uma das perguntas que sequer fiz. — a voz de Guilherme saiu carregada, trazendo minha atenção para si. — Conheço Marcelo, de relance, e pelo jeito, ele é o cara que está em seu coração.

Minha armadura estava baixa, tinha que admitir. Olhar para Marcelo sempre tinha tal poder sobre mim.

— Não tenho porque dizer que não. — tentei fugir do assunto, mas Guilherme parecia incrivelmente tentado a

continuar.

— Apenas consigo pensar em como os círculos de amizade são curtos. — falou e bateu os dedos sobre a mesa, encarando-me profundamente

. Desviei o olhar, para presenciar a cena que fez meu coração doer. Marcelo se sentar à frente de sua esposa, Luíza, a mulher que ele sempre deixou claro que amava, e puxar sua mão até a boca, e beijá-la com carinho. Um dia, tive tal atenção. Infelizmente, nunca todo aquele amor. Porém, não sabia como lutar contra o que sentia por ele. Era único. Depois de tudo que aconteceu com Rafael, sabia, não confiaria em mais ninguém além de Marcelo.

— Quer sair? — a pergunta de Guilherme me pegou de surpresa. — Não tenho nada contra claramente ser apaixonada por outro cara, e ainda mais, esfregar isso na minha frente. Acredite, se nosso acordo deu certo por três noites e hoje estamos jantando depois de *fodermos* no escritório, é que os meus sentimentos também são blindados, *nena*.

Foi nesse momento que me reconheci nele. Guilherme parecia tão interligado a algo do passado, assim como eu. Não saberia dizer o que era, nem tinha curiosidade o bastante para

perguntar, porém, qualquer coisa era boa o bastante para poder fugir da vontade de olhar cada movimento de Marcelo a poucas mesas de distância.

— O que te fez perdê-la? — indaguei, e o espanhol a minha frente sorriu abertamente. — Surpreso com meu interesse?

— Sim, tenho que admitir. Não consigo acompanhar seus pensamentos, mesmo que tente.

— Continue tentando e.... — peguei a taça com água e levei a boca. — Agora me fale sobre ela. Será um bom assunto para...

— Tirar Marcelo da sua cabeça por alguns minutos? — assenti, dando de ombros. — Bom, vamos fazer os pedidos, e então posso contar a contagiante história de como levei um pé da bunda de Melina.

— É um belo nome. — falei, e ele gargalhou, como se encantado com a forma de tratarmos tais assuntos. Era fácil conversar com ele, e ainda mais, simples. Gostava daquilo, e com toda certeza, tentaria ser amiga do homem a minha frente. Ele parecia fazer valer a pena o risco.

“Nós combinamos

Mais do que uma farinha do mesmo saco, você e eu

Nós mudamos o clima, sim

Sinto calor em dezembro quando você está perto de mim.”[\[12\]](#)

Jessica

— Ligações internacionais são caras. — falei, e coloquei a chave na porta de meu apartamento. — Por que não mandou uma mensagem ou simplesmente ligou por um aplicativo? — indaguei, enquanto entrava em meu apartamento.

— *Porque gosto de tentar te surpreender, nena.*

— Querido, se tem algo que me surpreende é o fato de uma pessoa querer bancar ligações internacionais dessa forma. — constatei o óbvio e em seguida, a realidade me bateu. — Me esqueço que é um homem rico e quem sabe, até mesmo um CEO. — provoquei, e ouvi sua risada alta.

— *Sabia que ligar para você ia melhorar meu dia. — falou, e então, ouvi um som alto de fundo. — Acho que em breve não vou precisar gastar muito para te ligar, e até mesmo, será fácil de te ver.*

— Como assim? — indaguei, deixando a bolsa cair sobre o sofá, e deixando o celular no viva-voz sobre a bancada que dividia a cozinha da sala de estar.

Retirei meu soutien por debaixo do camiseta que vesti naquele dia, que comprei no maior tamanho simplesmente para poder parecer *cool* dentro de minha cabeça, e então, poder chegar em casa e ficar apenas com ele. Odiava ficar completamente vestida em casa, mas não conseguia desapegar de uma boa camiseta. Aquela custara 39,90 numa loja de departamento. Teria que fazer servir cada centavo.

— *Estou prestes a embarcar para o Brasil. — comentou, e franzi o cenho.*

— Não ia ficar alguns meses por aí? — perguntei, abrindo a geladeira e tirando uma garrafa de água de dentro.

— Bom, meu querido irmão mais velho resolveu se casar às pressas, e quero surpreendê-lo. — comentou e quase

engasguei com a água.

— Davi Rivera? — indaguei, completamente surpresa. — Estamos falando do mesmo Davi?

Pelo que me lembrava, ele não era a pessoa mais comunicável do mundo. Mesmo sendo um homem lindo e sedutor como Guilherme, suas personalidades divergiam. Davi parecia sempre fechado para o mundo. Não conseguia imaginar uma mulher que conseguira penetrar seu coração de pedra. Ele era um cara legal, até por aquilo e claro, seus atributos físicos, acabamos em uma cama no passado, porém, nada além do costumeiro. Davi era mais uma pedra de gelo fora da cama. Não era o tipo de homem que geralmente se vê casando.

— *Bom, Manuele Cardoso é o nome dela. Da minha futura cunhada.* — *comentou, e tentei resgatar o nome em minha mente.*
— *Por um acaso a conhece?*

— Tenho a impressão que já ouvi esse nome, mas... — deixei a garrafa de água de lado e peguei o celular, tirando do viva-voz. — Davi não convidou você e seus pais para o casamento? — perguntei, e por um segundo, temi estar ultrapassando alguma linha.

O tempo com Guilherme era despreocupado, e sempre me assegurei de apenas falar a respeito de boas notícias em minha vida. Segundo meu cunhado, Will, tinha me tornado uma daquelas megeras, que em livros, apenas mostra seu lado positivo de tudo, sendo que sou apenas uma cebola a ser cortada. Porém, não de qualquer forma, tem que ser camada por camada.

Guilherme chegara a algumas camadas, tinha que admir. Porém, ambos éramos cautelosos. Ele me falava o que queria, assim como o fazia. Sem pressão, sem nada inconveniente, sem sentimentos a mais. Era um bom acordo, e ganhei um bom amigo assim.

— Bom, papá^[13] e mamá^[14] estão indo junto. — sorri de seu sotaque. — Agora me diga, quando posso te ver, preciso de um abraço.

— Carente, espanhol? — indaguei, e sua risada soou baixinha do outro lado da linha. — Acho tão fofo a forma como fala de seus pais. — comentei, pois era a mais pura verdade. — Entretanto, saindo do papo família, tenho certeza que não quer apenas um abraço, espanhol.

— *Se me chamar de espanhol dessa forma sexy mais uma vez, vou chegar antes mesmo que possa piscar.* — *sua voz soou como um rosnado, e por Deus, lembrou-me por completo do livro que andava editando.*

Guilherme seria o espécime perfeito para representar o tal Afonso que seduzia perdidamente mulheres por onde passava. A diferença, Guilherme era real, e poderia fazer mais do que sonhar. Me esbanjaria dele e de seu belo sotaque espanhol.

— *Duvido que tenha se tornado o *superman* nas semanas que se passaram, mas... Assim que puder, a gente se encontra no seu apartamento.* — *avisei, jogando-me contra o sofá, cansada pós mais um dia de trabalho.*

— *Bom, talvez seja o momento de lhe mostrar minha casa.*
— *comentou e arregalei os olhos, sem acreditar.*

— *Quantos imóveis tem por acaso? Ou melhor, só no Rio de Janeiro?* — *perguntei, perplexa.* — *Nunca vou me acostumar com o fato de estar dormindo com um homem podre de rico.*

— *Você tem um amigo de foda incrível de rico, nena. Não me julgue como podre.* — *gargalhei de sua fala, pois com certeza, ele não entendera minha colocação.*

— Ok, apenas me traga um diamante e nunca mais te chamo de algo semelhante a podre. — brinquei e ouvi sua gargalhada do outro lado da linha.

— *Não duvide de nada, posso muito bem te dar um diamante, ou te cobrir deles.*

— Olha o ego! — cortei-o rapidamente, mesmo sabendo que brincava. Guilherme nunca se gabava por ser um homem rico, e aquilo, tinha sua valia. Ele era, mas nem por aquilo, usava a seu proveito. Ao menos, não comigo. — Até em breve, então.

— *Até, nena!*

Guilherme

— Tem certeza de que não querem ir ao casamento? — indaguei pela milésima vez para meus pais, que apenas negaram com a cabeça, e olhavam ao redor da velha casa no Brasil, que um dia, todos nós, chamamos de lar. — Eu estou indo lá, não posso deixar isso passar, ainda mais, se Davi estiver mesmo fazendo tudo pra conseguir a presidência.

— Tudo bem, meu querido. — *mamá* falou em espanhol e sorri, beijando sua testa. — Vá com cuidado.

Assenti, sabendo que sua frase tinha uma conotação muito mais séria do que deveria. Depois do dia que Branca saiu dali e nunca mais voltou, nada entre nós foi o mesmo. Nunca mais fui o mesmo.

Entrei em meu carro, e tentei o mais rápido possível chegar até o cartório onde Davi estaria se casando. Ele fizera tudo da forma menos extravagante, o que me surpreendera. Entretanto, existia um outro x na questão. Soube através dos detetives que a tal Manuele estava grávida.

Precisava entender, de fato, se aquilo fora planejado ou não. Não queria que uma mulher sofresse por confiar em meu irmão. Doía em mim, por não poder fazê-lo. Entretanto, em meu âmago, acreditava que Davi não daria um passo daqueles com uma mulher sem envolver um contrato, caso não tivesse algum sentimento em jogo. Torcia para que meu interior estivesse correto.



Minutos depois, finalmente estacionei o carro, para entrar a passos largos no cartório. Logo localizei meu irmão, e depois de tantos anos, era como se sentisse o baque de estar perto daquele que um dia foi meu melhor amigo. Sentia falta de Davi, mas não podia culpá-lo por me manter longe. Era minha única e exclusiva culpa.

De relance, enquanto caminhava para perto dos recém-casados, vi o tal Marcelo, o qual Jéssica parecia fissurada, e notei a forma que ele olhava para a mulher ao seu lado. Com certeza, Jéssica não tinha chance contra aquele sentimento. Era real, e conseguia vê-lo, apenas sendo um completo estranho a frente deles.

— Isso que eu chamo de esquecer da família, em? — soltei um pouco alto, para que pudesse chamar atenção de Davi, e logo seus olhos bateram nos meus.

Era como olhar um reflexo, só que mais velho e claramente, que escondia tudo o que sentia em seu olhar castanho determinado. Era algo que doía, não poder ser próximo

o suficiente para abraçá-lo e até mesmo, ser o padrinho de seu casamento. Nada parecia doer mais, do que a distância que se estabeleceu entre nós.

Mudei meu foco, e logo notei a bela mulher morena ao seu lado. Ela tinha um sorriso contido, e parecia intrigada com minha presença, como se tentando entender de quem se tratava. Ela claramente me reconhecia de algum lugar. Notei a clara tensão em meu irmão, que apenas me encarava.

— Quase conseguiu esconder de nós, *hermano*^[15]. — falei, e Manuele arregalou os olhos, como se finalmente me interligando ao homem ao seu lado. — Essa deve ser a grande mulher. — falei, tentando ser gentil com ela. Surpreendendo-me ela abriu um leve sorriso, era claramente o oposto de Davi. Ela sorrisos, ele um semblante fechado. — Guilherme Rivera, é um prazer, senhorita...

Ela me estendeu a mão, porém, não antes de meu irmão se prostrar a frente. Sua atitude não me surpreendia, e Davi parecia claramente cauteloso. Ele escondia algo, ou queria esconder, ao menos, de mim. De nossa família.

— Senhora Rivera, irmão. — Davi soou debochado, e dei de ombros, sem me incomodar com seu tom.

Ele se virou para Manuele e perguntou algo. Logo se voltou para mim, e seu olhar debochado se fora. Ele parecia completamente sério. Não me fiz de rogado, permaneci com um sorriso no rosto, da forma que sabia, ele não poderia sequer me ler.

— Teremos tempo para conversar depois, Guilherme. Agora, mantenha-se longe! — parecia mais uma ordem, mas sequer me mexi. Minha vontade era de simplesmente retrucar a verdade.

Conversarmos quando? Dali mais cinco anos?

Os presentes analisaram a conversa, e tentei parecer o mais confortável possível, por mais que aquilo me incomodasse ao extremo. Queria socar a cara de meu irmão, por notar a forma como me tratava feito *nada* a frente de quem fosse. Não esperava uma recepção calorosa, mas ao menos, respeito.

— Ok, ok! — falei, levantando as mãos em sinal de rendição. Descontração poderia ser considerado meu superpoder. O me fez lembrar de Jéssica no mesmo instante e sorrir, mesmo

diante da situação péssima. Não era o *superman*, mas com certeza, aprendi a usar meu superpoder de sorriso fácil nas piores situações. — *Mamá* e *papá* estão na velha casa, só não vieram pois querem conhecer sua esposa lá. — avisei, e notei o olhar de Manuele me analisar. Ela parecia incomodada com a forma de nos tratarmos, porém, não tinha como lhe explicar. Mal conhecia a mulher a minha frente.

— Eu entro em contato com eles. — apenas assenti na sua direção e sorri para Manuele, que assistia a tudo, como se tentasse entender o que acontecia. — Vamos, *cariño*!

O apelido que saiu de sua boca, pegou-me completamente de surpresa. Vi Manuele se afastar para se despedir de todos ali presentes, e Davi permaneceu ao meu lado, encarando-me como quem perguntava: *O que faz aqui?*

— Não pode culpar um irmão por tentar aparecer no casamento do mais velho. — falei baixo, para que apenas ele escutasse. — E mais, nossos pais ao menos merecem conhecer sua esposa, e sabemos que terá um filho.

— Me investigando, irmão? — indagou, e notei seu tom acusatório. — Não que isso não me surpreenda.

— Nada que não deva estar fazendo. — acusei-o de volta, e sorri amplamente. A forma de tratar Davi era uma incógnita para mim. *Foram quantas?* Milhares de vezes tentando apenas conversar e tendo *não* ou o silêncio como resposta. Pela primeira vez, em cinco anos, tínhamos uma conversa civilizada. — Mas, eu espero que essa mulher sorridente seja sua redenção. Ou até mesmo, um passo para longe de sua ambição. — falei, mas não desfiz o sorriso. Não queria que ninguém ali desconfiasse do que falávamos.

— Nos vemos depois, Guilherme. — Davi sentenciou e dei de ombros.

Manuele voltou para perto de nós, e notei a forma como meu irmão logo enlaçou sua cintura. Os dois formavam um belo casal, e a mulher de sorriso fácil, parecia levemente deslumbrada com ele. Encontrava nele, o mesmo. Se fosse bom em analisar pessoas, poderia dizer que estavam apaixonados.

— Vamos? — ela perguntou, e Davi assentiu. Ela me olhou, claramente sem saber como agir. Com toda certeza, Davi não fora honesto a respeito de nosso passado e mais, de tudo o que aconteceu depois que Branca faleceu. — Foi um prazer! —

falou genuinamente, e sorri, agradecido por notar a forma como ela parecia não fingir nada. Admirava verdade em pessoas.

Os dois saíram, e dei um leve aceno em direção aos presentes. Não me interessava em cumprimentar as pessoas, infelizmente, não era um dia para agir como um bom penetra. Assim que cheguei à calçada, a cena de Davi beijando sua atual esposa, mostrou-me que aquilo não era apenas um contrato. Ele gostava daquela mulher, e torcia para que fosse ela, a pessoa que o traria de volta para a nossa família.

Saquei meu celular, e andei em direção ao carro. Uma mensagem de Jéssica já me aguardava, o que me fez sorrir, esquecendo um pouco dos problemas.



Remetente: Nena

Preciso confessar que podem ser sete diamantes. Meu cunhado me mandou um vídeo que saiu recentemente. Seven rings, espanhol. Sim, essa música nos fará dançar hoje.

Gargalhei de sua mensagem e entrei no carro, clicando no link do vídeo que ela mandara. Aquela era uma das manias que

descobria a respeito dela, além de cantar maravilhosamente bem, Jéssica amava sempre estar atualizada, para poder levar para os restaurantes e bares, o que as pessoas queriam ouvir. O pop que tomou conta do carro, com toda certeza, não seria de sua playlist, mas seria uma música para ela me atormentar por toda a noite.

Ser amigo daquela mulher me fazia bem. E ela apenas provava que estava certo em ter me aproximado desde a primeira vez.



Destinatário: Nena

Tudo bem, apenas vou te cobrir de sete diamantes. Mas... apenas eles sobre o seu corpo. Te pego as oito, nena.

Em poucos segundos ela respondeu, e notei que deveria estar em seu intervalo no trabalho.



Remetente: Nena

Tenho que cantar hoje à noite, espanhol. Vou te passar o endereço do restaurante, se quiser ir. Podemos sair de lá para a

sua mansão com sete diamantes.

Gargalhei alto no carro, e me animei para como seria minha noite. Com toda certeza, me encantaria novamente com sua voz e depois, perderia horas sobre seu corpo. Era a melhor programação que poderia ter.

“Eu te chamo quando preciso de você
Quando meu coração está em chamas
Você vem até mim, vem até mim, impetuoso e selvagem
Quando você vem até mim
Me dá tudo que eu preciso?”^[16]

Jessica

A noite chegou e com ela, mais e mais mensagens na caixa-postal. Olhei rapidamente, enquanto finalizava meu batom vermelho. Cinco delas de meu cunhado, uma de meu irmão e duas de Guilherme. Sem ao menos pensar, abri as do último homem, e me deparei com mais um pouco de seu deboche.

Era por aquela e outras que ela permanecera em minha vida por um tempo indeterminado. Começamos a nos tornar amigos, claro, que pessoalmente, com benefícios. Porém, não poderia negar que gostava de conversar com ele. Passamos

umas boas horas nos falando via Skype nos últimos cinco dias, enquanto ele ainda estava na Espanha.

Ele me distraía, tirava-me da rotina basicamente calculada, e até mesmo, fazia-me ter ânimo para dias não muito favoráveis. Gostava *dele*, porque de alguma forma, me enxergava ali. Era estranho, olhar para um homem até alguns dias atrás desconhecido, e não o remeter a Rafael. Porém, com toda certeza, minha terapeuta ficaria feliz por tal progresso.

Não era mais apenas os homens de minha família e Marcelo, que fora meu namorado um dia, os únicos dentro de um ciclo fiel de confiança. Claramente, Guilherme ainda não estava dentro dele. Contudo a cada dia, era como se pudesse colocá-lo por ali por alguns minutos. Gostava da sensação. De sentir-me a vontade. Há muito tempo não acontecia.

De repente o celular vibrou em minha mão e quase o derrubei junto ao batom na outra. Bufei, deixando o batom de lado e colocando o celular na orelha.

— Espanhol, eu juro que vou...

— *Tudo bem que moro na Espanha há um bom tempo, Jess, mas continuo sendo brasileiro e...*

— Will? — indaguei, completamente surpresa, e finalmente encarei a tela do celular.

Dei um tapa em minha testa no mesmo instante que li seu nome no visor, por conta de minha clara falta de atenção. Aquilo serviria apenas de linha para Will costurar meu vestido de noiva.

— *Com certeza, não quem você esperava. — sua voz em tom curioso me alarmou, e sabia, que ele iria querer cada detalhe. Tão o oposto de Lucas, mas ao mesmo tempo, tão perfeito para ele. — Mas antes que eu possa te interrogar, preciso saber se pode nos atender rapidinho por vídeo. Sim? — perguntou praticamente numa lufada de ar.*

— Posso sim. — olhei rapidamente o relógio prata em meu pulso e constatei os minutos que ainda me restaram. — Quer dizer, tenho cinco minutos para poder pegar o carro e ir para o restaurante.

— *É dia de música, verdade! — pareceu falar consigo mesmo. — Deixa o quadro aí, Luke! — gargalhei de seu grito, e ainda mais, do apelido que usara com meu irmão. Willian era o único que ultrapassara tal linha com ele, e meu irmão poderia fingir ser uma pedra de gelo as vezes, mas com certeza, se*

derretia com tanto carinho. Ainda mais, depois de tudo que batalhou para Will o notar. — Vou ligar, meu amor!

— Ok. — respondi, e já deixei o celular na vertical, para poder atendê-los.

Em alguns segundos o celular vibrou para a vídeo chamada e a aceitei. Não reconheci de imediato o ambiente ao redor, mas logo a imagem de meu cunhado completou a tela.

— *Uau, quem é essa mulher linda?* — indagou, e sorri no mesmo momento. — *Às vezes penso que errei ao escolher a parte masculina da família.*

— *Willian!* — a voz de meu irmão soou como um trovão pelo celular, e logo Will virou a tela e mostrou o que tanto parecia importante. — *Oi, Jess!* — Lucas falou e abriu um leve sorriso, mandei um beijo de imediato, sentindo a saudade em meu peito aumentar.

Como queria poder morar há duas quadras dos homens que mais amava na face da terra. Lucas era a parte de mim que não saberia viver sem. Ele foi a razão pela qual dei a volta por cima, e ademais, a força que precisei e ainda preciso nos piores momentos. O amava, com todo meu coração. Tinha certeza, que

nossa fraternidade, ia além de vidas. Escolheria ser sua irmã na infinidade delas.

— Ok, agora me restou apenas uns três minutos. — alertei e tentei entender a imagem que Will focava. Meu irmão segurava dois quadros nos braços, e os encostava contra a parede branca. Notei um grande contraste entre os quadros, e ainda mais, quando colocados juntos. — Qual a opinião?

— *Lucas não quer frases motivacionais pela casa...*

— *Já temos dezenas!* — meu irmão ralhava e não segurei a gargalhada. — *É sério, Jess!* — reclamou, parecendo um menino emburrado.

— *Enfim, daí, temos essa parede branca sem nada após tirarmos um móvel horroroso que estava aqui.* — sua sinceridade era cômica, e dava para ver no rosto de Lucas que ele não concordava muito a respeito. — *Então, temos esses dois quadros e precisamos decidir qual colocar. Luke escolheu a fotografia e eu essa ilustração aqui, do artista local.* — comentou, e mostrou o quadro que escolhera, logo aproximando a câmera em ambos. — *O que acha, Jess?*

— Vocês fazem assuntos tão cotidianos, parecerem vida ou morte. — tive que alfinetar e ouvi a gargalhada de meu cunhado, e logo, ele virou a câmera em sua direção. — Então, pelo que pude ver e pelo meu gosto pessoal, desenhos podem ser ainda mais pessoais, e se for de um local...

— *Perfeito!*

— *Porra!*

As duas falas saíram ao mesmo tempo, e todos caímos na gargalhada. Will foi até meu irmão, parando com a câmera focando nos dois, e senti a emoção me invadir. Aqueles pequenos momentos do dia, mesmo à distância, faziam tudo valer a pena. Mostrava-me que a vida era boa, mesmo com todos os quesitos desnecessários.

— Resolvido, meus amores? — indaguei, e Lucas assentiu, claramente contrariado. — Agora tenho que ir e...

— *Encontrar seu espanhol? — Will não perdeu a chance de perguntar, e notei o olhar de Lucas mudar no mesmo instante.*

— *Que espanhol?*

— Explico depois, ok? Para os dois, ao mesmo tempo! — falei rapidamente, e olhei meu relógio. Já haviam se passado

meus cinco minutos e precisava descer rapidamente. — Juro que estou me cuidando, irmão. — avisei, e vi a expressão no rosto de Lucas suavizar. — Amo vocês!

— *Também te amamos, dona da porra toda.*

Gargalhei de Will e mandei um beijo, rapidamente desfazendo a ligação. Corri para frente do espelho, conferi-me rapidamente. Joguei todo o necessário em minha bolsa gigante em seguida. Apaguei as luzes e basicamente voei até a garagem de meu prédio. Durante todo o caminho, fiquei ouvindo as músicas que cantaria naquela noite, e aproveitei para pensar em mudar algumas do repertório.

Não ganhava muito com tal trabalho, porém, não era pelo dinheiro que o fazia. Cantar me salvou tantas vezes, que simplesmente, se tornou uma parte de mim. Ainda mais, poder fazer isso a frente dos outros. Era como afirmar minha liberdade, cantando com verdade, tudo o que acreditava. Ou ao menos, transmitindo palavras que outras pessoas traduziram também em canções.

Cerca de quinze minutos depois, estacionei na vaga de funcionários do restaurante, e troquei meu all-star preto de cano médio, por um salto preto que era meu favorito. Não saberia

entender, mas sentia-me igualmente poderosa com os dois calçados. Entretanto, para o *look* vestido preto de veludo com um decote profundo nas costas, o salto alto acabou como a melhor combinação. Saí do carro após conferir a maquiagem pelo retrovisor e fui em direção a parte de trás do restaurante. Como sempre, Gabi, a mulher que sempre me contratava, já estava a minha espera.

— Como sempre linda! — elogiou-me e lhe dei um sorriso, após trocarmos um beijo no rosto. — Mais quero essa lindeza já, checando o som com Luigi lá no palco. — argumentou, antes que pudesse sequer pensar.

Segui pelo caminho já costumeiro. Era de praxe cantar as terças e quintas naquele restaurante, e realmente, era um dos meus favoritos. As pessoas aprovavam a boa comida, degustavam uma boa bebida e realmente aproveitavam a música. Via, em seus olhares presos ao palco quando cantava. Se o fazia, era para tocar alguém. Felizmente, além de mim, outras pessoas pareciam tocadas ali.

Minutos depois, e tudo checado, Luigi se posicionou ao meu lado com o violão em mãos. Geralmente o tocava, porém, naquele restaurante, já havia Luigi antes de minha chegada,

então, apenas minha voz era necessária. Dei um *ok* para Gabi, que nos monitorava de perto, e logo uma fresta de luz pairou sobre nós, no simples palco no centro das mesas. O espaço tornava tudo ainda mais bonito, e sentia-me exposta a ponto de poder vomitar todo meu jantar, ou até mesmo, cantar até me sentir a dona da porra toda, como diria Will. Felizmente, sempre optei pela segunda opção.

— Boa noite! Bem-vindos ao Calderon. — falei, e olhei ao redor, abrindo um leve sorriso para os presentes. — Meu nome é Jéssica e esse belo homem ao meu lado se chama Luigi, esperamos poder fazer da sua experiência, algo ainda mais inesquecível. — soltei, a velha e coringa frase de efeito, e acenei positivamente para Luigi.

“Você não sabe que não sou boa pra você?”

Eu aprendi a te perder, não posso me dar esse luxo

Rasguei minha blusa para estancar seu sangramento

Mas nada impede que você vá embora

No silêncio, quando estou voltando pra casa e estou sozinha

Eu poderia mentir, dizer que eu gosto assim, gosto assim

Eu poderia mentir, dizer que eu gosto assim, gosto assim

Você já não sabe demais?

Só vou te machucar se você me deixar

Me chame de amiga, mas me mantenha mais perto (me ligue de volta)

E eu vou te ligar quando a festa acabar”^[17]

Senti o magnetismo diferente dos versos tocados ao meu lado, e pelos que minha voz soltava. Abri os olhos e finalizei aquela parte, olhando em direção ao que parecia me chamar. Lá estava ele, olhando-me como se não pudesse estar em outro lugar do mundo. De alguma forma, não perdi o foco ao encará-lo. Senti como se encontrasse ainda mais fôlego para aquela canção, que de repente, pareceu me consumir. Assim como cada palavra.

Fechei os olhos, tentando fugir. Porém, a canção me deixou presa a ele. A letra. A tudo. Não sabia dizer, mas de alguma forma, senti-me interligada ao homem de olhos verdes,

que estranhamente, o destino colocara a minha frente tantas vezes. Porém, naquela, não o era. Nós escolhemos nos ver. Ele estava ali por um único objetivo – me ver. E eu, pela primeira vez, em anos, cantei para alguém.

“No silêncio, quando estou voltando pra casa e estou sozinha

E eu poderia mentir, dizer que eu gosto assim, gosto assim

Sim, eu poderia mentir, dizer que eu gosto assim, gosto assim

Mas o nada é melhor, às vezes

Já que nós dois dissemos adeus

Vamos apenas deixar ir

Me deixe te esquecer

No silêncio, quando estou voltando pra casa e estou sozinha

Eu poderia mentir, e dizer que eu gosto assim, gosto assim

Eu poderia mentir, e dizer que eu gosto assim, gosto assim.”^{[118\]](#)}

“Eu tenho observado você por algum tempo
Não posso parar de olhar para seus olhos de oceano
Cidades queimadas e céus de napalm
Quinze chamas dentro daqueles olhos de oceano
Seus olhos de oceano.”[\[19\]](#)

Guilherme

Sua voz parecia se conectar diretamente com meu peito, com sentimentos resguardados por um longo tempo apenas para uma pessoa. Ao mesmo tempo que me assustava, absurdamente, senti que era livre, ao menos, para deixar as coisas acontecerem. O passado com Melina parecia distante demais, assim como as mensagens e vagas ligações que trocamos ao longo dos últimos três anos. Ela não era a mesma. Nem eu o era. Tanta coisa aconteceu, que de repente, uma mulher de olhar azul límpido, parecia me tocar com cada palavra cantada.

Suspirei profundamente, tentando afastar tais pensamentos. Era incrível a forma como ela se entregava no palco, ao microfone, como se fosse verdade o que transmitia. Sentia que sim, e o aceitava. As pessoas ao redor pareciam como eu, conectadas a ela. Jéssica com toda certeza tinha o dom de se comunicar daquela maneira. Foi daquela forma, no restaurante na Espanha, que ela me encantou. O que me levou a chamá-la para um jantar. Ela era simplesmente fascinante.

“Você já não sabe demais?

Só vou te machucar se você deixar

Me chame de amiga, mas me mantenha mais perto (me ligue de volta)

E eu vou te ligar quando a festa acabar.”^[20]

Ela me olhou, como se fosse impossível quebrar tal conexão. Cada palavra me tocou, como se para me ferir, ao mesmo tempo, colocando o antídoto no último segundo possível. Sua dor era expressa, assim como, a sua coragem. Aceitei que ela era mais do que uma mulher intrigante, ela se tornara uma

parte boa do meu dia. Uma boa pessoa para se conversar. Alguém que parecia me entender, além de não me julgar. Contudo, ela não me conhecia a fundo. Não meu passado completo, e acho que nunca chegaria a tal ponto. Porém, o que viveríamos, até onde fosse, valeria a pena. Tinha certeza.

Palmas soaram, e notei o leve sorriso se abrir em seu belo rosto. Ela agradeceu rapidamente e logo, outra música se iniciou. Fiz meu pedido, aceitando a escolha do chefe, pois minha mente sequer pensava em comida. Apenas me imaginava, com aquela mulher sob meu corpo, com a voz perdida no prazer, a uma gravação dela ao fundo. Tudo a respeito dela me excitava, era a realidade. Entre a perdição e a razão, era onde me encontrava por ela. Uma linha tênue os separava, e permanecia ali. Esperando. Para que em algum momento discernisse corretamente. Por enquanto, apenas deixaria ir. Conectado a ela.



Esperei, parado do lado de fora do restaurante. Logo um carro aumentou o farol a minha frente, e só assim, percebi um carro estacionado ao meu lado. O motorista baixou o vidro do carona, e só assim, percebi que se tratava da mulher que aguardava.

— Ei, espanhol. — falou, e sorriu contida, de um jeito que mostrava mais do que o faria a semanas atrás. Jéssica era uma verdadeira caixinha de surpresas. — Esperando muito? — perguntou, provocadora como sempre.

Dei de ombros e um passo à frente, encostando-me contra a janela do carro.

— Bom, digamos que a música boa compensou qualquer minuto e sequer os vi passar. — falei e pisquei o olho esquerdo.

Ela achou graça e balançou a cabeça, como se ainda estivesse se acostumando como meu jeito galanteador. Era algo natural, e que muitas vezes, funcionava com as mulheres. Porém, com Jéssica, parecia funcionar como algum tipo de piada.

— Qual a graça? — indaguei, e ela continuou a me encarar.

— Está de carro? — ignorou minha pergunta, e apenas neguei com a cabeça. Ela então apertou um botão no painel e ouvi a porta em que estava encostado, destravar.

— Um convite, *nena*? — perguntei e ela balançou a cabeça tanto para *sim* quanto para *não*. Como sempre, deixando-me num abismo de suas vontades. Mesmo assim, aceitei prontamente, e abri a porta do carona, sentando-me em seguida.

Assim que entrei, ela fechou as janelas e o ar condicionado passou a funcionar lá dentro. Estranhei a rapidez com que fez tal coisa, porém, apenas permaneci esperando sua resposta para minha pergunta. Coloquei o cinto de segurança e esperei alguma ordem sua a seguir, porém, nada saiu de sua boca.

Ela dirigiu, como se soubesse para onde íamos. Entretanto, nunca estivera em minha casa, portanto não tinha como saber.

— Por que está me olhando desse jeito? — indagou, ao parar no sinal vermelho, seu olhar azul me analisando. — Parece estar me dissecando. — complementou e gargalhei alto, surpreso com sua comparação.

Ela acabou rindo também, e aquela era uma das situações rotineiras entre nós. Em algum momento, estaríamos

gargalhando.

— Ok, espanhol. Me passa para onde vamos. — praticamente ordenou, ao notar que não a respondi, e o sinal ficou verde, o que a fez arrancar com o carro.

— Ainda estou esperando sua resposta, *nená*. — comentei, tranquilamente. Mesmo que o ambiente dentro do carro fosse relaxado, estar em um ambiente tão apertado com aquela mulher, apenas me fazia pensar em nossos corpos nus. Absolutamente mais nada.

— Bom, já que vai ficar enrolando... A sua graça é que parece preso a um romance que ando revisando. — comentei, e mais uma vez, paramos em um sinal vermelho. Com toda certeza, o trânsito não estava a nosso favor. — Espanhol, sorriso sexy, cabelo estiloso, voz com sotaque carregado e mais... um jeitinho sedutor natural, talvez, um pouco forçado. — não deixou de provocar e levou sua mão direita até minha perna, o que fez meu corpo reagir no mesmo instante. Ela era uma pequena provocadora e adorava aquele jogo. Não era fã de joguinhos de sedução, porém, para com ela, valia a pena.

— Acho que devo agradecer os elogios. — falei, dando de ombros, e colocando minha mão sobre a sua. Senti aquela

gostosa eletricidade passar por nossos corpos, e nossos olhares se conectaram rapidamente.

— Não disse que eram elogios... — piscou em minha direção e voltou sua atenção para o trânsito. — Agora me passa o endereço.

— Mandona como sempre, *nena*. — falei, e subi minha mão até seu cotovelo, vendo seu corpo reagir ao meu. — Podemos tentar isso mais tarde. — sugeri, e sorri de lado, ela apenas balançou a cabeça, mas pude notar o sorrisinho no canto de sua boca.

Observei seus pelos se arrepiaram imediatamente sob meu toque, e aquela bendita química, parecia enclausurada em nossos corpos, esperando apenas o momento certo para explodir. E que ele fosse, no êxtase de nosso prazer.

— Agora coloca logo o endereço no *gps*, senão vou te deixar em qualquer esquina. — ameaçou e assenti, porém, ainda preso na simples conexão entre nossos corpos. *Quem ciência seria capaz de explicar tal coisa?*

— Sim, senhora... Quer dizer, *nena*. — falei, e ela afastou a mão, apenas o suficiente, para bater contra minha coxa. — Nada

de música no carro da cantora? — indaguei, após finalmente colocar o *gps* em direção a minha casa.

— Onde estão meus sete diamantes? — indagou, entrando em uma das ruas que finalmente comecei a reconhecer. Fazia um bom tempo que não ficava naquele imóvel, porém, o valor sentimental praticamente me obrigou a nunca o vender, mesmo que ficasse bem pouco.

Ela então mexeu em algo no som, e antes que pudesse começar, uma batida pop estourou pelo carro. Reconheci de primeira a música que compartilhou comigo mais cedo. Jéssica pareceu se animar, a princípio, mas logo mudou, escolhendo uma que nunca tinha ouvido. A letra me pareceu interessante, e notei as caras e bocas que ela fazia a respeito de cada frase.

Tais momentos com aquela mulher eram inevitáveis. Ela me fazia sentir à vontade. Ela se sentia à vontade comigo. Era para ser estranho, e apenas uma noite de sexo entre desconhecidos numa cidade qualquer, e ali estávamos. Ouvindo-a cantar um pouco mais, só que animadamente dentro de seu carro, em rumo a minha casa. A noite não poderia estar melhor.

“Me agrade, gata

Vire-se e apenas me provoque, gata

Você tem o que eu quero e o que eu preciso, gata

(Deixe-me ouvir você dizer) por favor

(Deixe-me ouvir você dizer) por favor

Chupando um pirulito, rebolando no meu jeans

Na pista de dança (uh-huh), sem calcinha (não)

Eu vou devagar (ow), te trago pra perto de mim (ow)

Não quero nada dessas merdas juvenis

É melhor me foder como se estivéssemos ouvindo Jodeci”^[21]

Gargalhei da letra e Jéssica pareceu mal se importar, sorrindo e cantando. Não era nada comparado ao que costumava escutar, porém, acabara de tomar uma forma especial. Porque era ela que cantava e sorria com a canção. Porque de algum jeito inesperado, aquela mulher quebrava partes de minhas barreiras, dia pós dia.

“Sim, acho que eu tô bem
Dei com a cara na porta de novo
Bem, se você perguntar, é o que vou dizer
Não é de sua conta, mesmo
Acho que eu queria ficar sozinha
Sem nada quebrado, sem nada jogado”^[22]

Jessica

O sono parecia meu inimigo. Ainda era complicado, passar a noite na mesma cama com alguém. Olhei ao redor da ampla cozinha da bela casa, e senti a imensidão longínqua que aquele homem, que deixara dormindo em sua cama, era de minha realidade. Éramos de realidades totalmente diferentes, ao menos, financeiramente.

Não poderia reclamar de meu estilo de vida, entretanto, sequer poderia ser comparado ao lustre extravagante sobre a

enorme mesa de jantar. Apenas conseguia pensar que Guilherme imaginou a casa para uma família grande. Ainda mais, o quão devia ser solitário ficar ali, sem mais ninguém. Talvez por tais motivos, as outras vezes que nos encontramos em solo brasileiro, sempre fora em seu apartamento, que era uma cobertura. De uma mansão para uma cobertura no Rio de Janeiro. Ri de meu pensamento.

Deixei o copo de água sobre a pia da cozinha, ainda encantada com a beleza do local, e me repreendendo mentalmente por ter ficado mais do que deveria em sua casa. Naquele horário, deveria estar em minha cama, dormindo plenamente. Porém, eram cerca de duas da manhã, e me encontrava vestida com sua camisa social amassada, que praticamente arrebentei alguns botões ao retirá-la dele. Andei calmamente por um corredor, e parei a frente de um mural de fotos, e comecei a reconhecer Guilherme em várias delas. Assim como, o próprio irmão Rivera mais velho – Davi. Eles eram bem parecidos, a grande diferença com toda certeza, era no sorriso fácil de Guilherme e os olhos verdes.

Olhei então para uma foto dele, claramente mais novo, abraçado a uma menina loira. Fiquei intrigada com a imagem, e

me recordei vagamente sobre ele ter uma irmã caçula. Algo que falou rapidamente e pareceu correr do assunto no mesmo instante. Seus traços eram completamente diferentes dos de Guilherme e Davi, e fiquei imaginando que pudesse ser parecida com apenas um dos pais. Acabei deixando as fotos de lado, e decidi que deveria tentar ao menos dormir em algum quarto extra. A casa era enorme, e com toda certeza, deveria ter outra cama.

Abri a primeira porta com cuidado, para que meu barulho não acordasse Guilherme, e ele pudesse tentar me convencer a dormir consigo. O problema não era ele. Esperava que nunca fosse. Adentrei o cômodo e acendi as luzes, fechando a porta atrás de mim. Assim que me virei, levei uma mão a boca, completamente surpresa com a quantidade de livros pelas paredes. Era claramente uma espécie de biblioteca particular. Senti-me encantada e ao mesmo tempo perdida. Não me dei tempo para pensar, e parei ao lado da estante de cor escura, claramente de madeira maciça, e passei o dedo levemente pelos livros.

Era como estar presa em um sonho. Amava livros. Estar dentre eles, daquela forma, sem ser em uma livraria ou biblioteca convencional, fez-me sentir uma grande sortuda. Comecei a ler as

lombadas e não me surpreendi ao me deparar com clássicos. O que me pegou de surpresa fora a forma que cada exemplar estava distribuído, em versões em português, inglês e espanhol, lado a lado. E com toda certeza, não eram de qualquer uma. Paralisei, surpresa ao passar para a próxima estante, na altura que meus olhos alcançavam assim como minhas mãos, ao ler a lombada do livro que amava profundamente, e que com toda certeza, era um de favoritos de minha vida: A Esperança^[23].

Tentei retirar o livro com cuidado, sua versão em inglês, com capa dura, que fez meus olhos brilharem instantaneamente. Se pudesse pedir algo ao espanhol sedutor, com toda certeza seria a sua coleção de Jogos Vorazes naquele formato. Ao menos, as versões do último livro da trilogia. Consegui pegar o livro e todos os outros permaneceram milimetricamente parados, como se a estante tivesse sido planejada com eles dispostos pelas prateleiras.

Sorri, ainda intrigada com o fato de pularmos de clássicos para trilogias pós-apocalípticas em um apenas alguns passos. Abri o livro, e então me virei, dando de cara com uma grande cadeira, que com certeza, era sinônimo de poder. Sorri, e me sentei na mesma, dispondo o livro sobre a bela mesa da mesma

cor que as estantes, que circundavam todo o cômodo. Com toda certeza, teria algumas perguntas para fazer a Guilherme quando ele acordasse. Decidi focar no belo livro, e assim que o abri, meu olhar se desfocou dali.

Uma foto me chamou atenção e fiquei em completo alerta. Sem pensar duas vezes, deixei o belo livro de lado, e tive uma visão clara de vários papéis dispostos sobre a grande mesa. Parecia uma espécie de dossiê, com interligações e mais papéis espalhados sobre pastas com capas amareladas abertas, revelando seu conteúdo. Não tive tempo para simplesmente pensar sobre, e apenas peguei o papel que continha a foto de Luíza Monteiro. Aquela mulher significava várias coisas em minha vida, e a principal, minha pedra no caminho para com o homem que ficara preso em meu coração.

Comecei a ler o que tinha escrito a respeito dela, e logo encontrei o nome de Manuele Cardoso relacionado, assim como, o de Marcelo. Não conseguia entender o que aqueles papéis significavam, e ainda mais, porque Guilherme os tinha. Meu coração disparou e senti minha boca secar. Era como se tudo o que soubesse a respeito dele desaparecesse. *Ele era uma espécie de investigador? Ou estava simplesmente investigando*

alguém por um único motivo? Minha mente girou, e apenas foquei em continuar lendo. De repente, uma simples anotação chamou minha atenção.

Luíza Monteiro

Relação íntima com Davi Rivera: ✓

Local: Nova Iorque

O que?

Resolvi olhar os outros papéis, e então, encontrei dossiês sobre Marcelo e a tal Manuele, assim como, um monte de folhas abaixo do nome Davi Rivera. Sem paciência, e claramente, perdida diante de tudo aquilo, abri na marcação vermelha deixada para fora de uma das folhas.

Lista de mulheres relacionadas intimamente a Davi Rivera
– paralisei diante do título e desci rapidamente pela lista com variados nomes, e que pareciam com uma marcação vermelha ou verde sobre. Paralisei quando me deparei com o nome de Luíza marcado de vermelho, e logo acima do dela, estava o meu, da mesma forma. *O que diabos aquela marcação significava?*

Senti que entrava em pânico, como se dentro de algum filme, ou até mesmo, algum tipo de pegadinha. Tudo ao redor pareceu silencioso demais, e apenas quis gritar. Para tentar descobrir o que diabos fazia na casa de um homem que mantinha dossiês sobre pessoas que conhecia. Antes que pudesse procurar algum outro documento que pudesse ter meu nome estampado, a porta pela qual entrei, se abriu.

Guilherme trazia consigo a cara de sono, e pareceu tentar se adaptar a luz de primeira. Levantei-me, sem conseguir mais tocar naqueles papéis. Senti-me enjoada e precisava urgentemente de respostas.

— O que é tudo isso? — perguntei, antes que minha mente não conseguisse mais se concentrar no que acontecia.

Permaneci com as mãos sobre a cadeira que antes estava sentada, e tentei interpretar os sinais de Guilherme. Alguma mentira que ele pudesse inventar naquele exato segundo.

O homem a minha frente pareceu finalmente acordar e me encarou como se compreendendo o que acontecia.

— *Mierda!* — ele soltou de repente, e levou as mãos aos cabelos, como se começasse a pensar sobre o que dizer.

— Fala agora! — exige, antes que ele pudesse inventar algo sobre. — O que diabos faz o meu nome, de Marcelo, Luíza... *Porra*, o seu irmão... Nesses papéis que parecem dossiês de séries policiais?

— Se acalma, por favor. — pediu, e deu um passo à frente. Notei que ele parecia completamente envergonhado, como se tão perdido quanto eu. A realidade era que não existia chances de ele estar. — Posso explicar tudo isso.

— Pode começar me dizendo porque meu nome está marcado de vermelho nesses papéis! — minha voz se alterou e tentei me conter. — E por que tem tudo isso a respeito de seu irmão? O que quer dizer *mulheres relacionadas intimamente a Davi Rivera*?

— Vamos do começo, ok? — pediu e não soube o que responder. — São papéis sobre relações que meu irmão teve, digo, sexo. — explicou rapidamente. — Basicamente, a folha que leu, inclui todas as mulheres que meu irmão transou em algum momento e que os detetives de nosso pai conseguiram confirmar. — levei as mãos à cabeça, completamente perplexa. — Isso tem uma explicação. — alertou antes de continuar. — As marcações são sobre as que tenho certeza que não compactuariam a fazer

parte de um acordo arranjado com meu irmão, mesmo que já tivessem tido esse tipo de contato.

— Isso é... loucura! — falei, sentindo-me abismada. — O que isso significa? Que investigou todos os casos do seu irmão? E pior, sabia que eu era um deles e por isso se aproximou? Para ver se não faria parte de uma *merda* de acordo que nem tenho ideia do que seja? O que é isso? A porra de uma conspiração contra....

— Jéssica. — Guilherme me interrompeu, assim que senti minha garganta secar. — Não é nada disso, eu não tinha ideia de quem você era e...

— Luíza está aqui, Marcelo... — levei as mãos ao rosto, sem saber o que pensar. — Eu ainda contei por cima sobre eles, sobre ele ser meu ex... Apenas estava te munindo de novas informações! — acusei-o e notei seus olhos verdes perderem o brilho de repente.

Como pude me deixar ser enganada de tal forma?

— Eu juro, se me deixar explicar tudo vai entender que...

— O que? — indaguei, saindo de trás da cadeira e passando pela frente da mesa. — Que estava me tornando

amiga, e pior, me *relacionando intimamente*... — fiz aspas com as mãos e sorri friamente. — Com um homem que estava apenas por perto para investigar sobre seu irmão? Que diabos de jogo é esse? — perguntei, e apenas queria sair dali. Correr para longe.

Não conseguia pensar, nem mesmo raciocinar mais. Senti a dor da enganação. De repente, caí nos medos antigos, o gatilho acionado. Era exatamente daquela forma. Era justamente por aquilo que não confiava. E quando, pela primeira vez, em anos, finalmente o faço, caio em uma cilada. Caio diretamente em uma telha de armações.

— *Nena*, eu...

— Chega! — falei, e levantei a mão, sem conseguir olhá-lo. — Apenas me dê espaço para sair daqui. Não consigo... Não consigo...

Minhas frases não foram terminadas, pois senti-me sufocar por dentro. Notei de canto de olho, Guilherme se afastar, e respeitar o espaço que pedira. Assim que cheguei ao corredor, corri desesperadamente para o quarto que momentos antes contemplei o prazer absoluto. Junto ao homem que começara a acreditar. Junto ao homem que acabara de quebrar minha total confiança.

Vesti-me em tempo recorde, e assim que abri a porta para sair daquela mansão, o vento me saudou, e o seu cheiro impregnado em meu corpo, fez-me querer chorar e desabar ali. Respirei fundo e contei até dez, até chegar ao meu carro e trancar-me lá dentro, como se em busca de segurança. Peguei meu celular e disquei o número de Lucas, sem sequer pensar no horário e muito menos no fuso. Ele atendeu após três toques, assim como, notei a imagem de Guilherme parado ao lado do carro, como se esperando-me voltar. Não o faria. Internamente, apenas agradei por ele não tentar me impedir de ir. Algo sobre ele, não errei. Ele respeitou um limite, mesmo quebrando todos os outros.

— O que foi, irmãzinha? — a voz de Lucas chegou a meus ouvidos e saí com carro, tentando deixar para trás o meu medo.

Minha respiração estava irregular, e tentei falar com meu irmão, e começar a explicar. Porém, era como se estivesse presa em um momento do passado. Os olhos de Rafael sobre mim, as palavras ditas, meu corpo sendo estilhaçado como vidro.

— Irmã, respira! — Lucas pareceu em alerta, e tentei me focar no trânsito assim como em sua voz. Era para aquilo que tinha que ligar. Precisava dele, mais do que tudo. Não podia

desabar ali. Não podia desabar. — Eu estou contigo, aí, agora. — falou, como se fosse aquele exato momento do passado. — Nos meus braços, irmã. Apenas foque e se lembre dos meus olhos.

Tentei. Mas tudo ao redor pareceu desaparecer, e um pequeno foco me restara. Temi por minha vida no trânsito, e por quem mais estivesse trafegando por ali. Queria parar, mas não conseguia. Precisava me sentir em casa. Precisava da proteção que perdera por completo.

— Jess, por favor, me responde. — a voz de Lucas soou ainda mais desesperada. — Por favor, irmã.

— Eu... — consegui dizer, e finalmente, virei a rua que dava para meu prédio.

Os minutos para casa nunca pareceram tão angustiantes e desgastantes quanto aqueles. Na realidade, já foram piores, e por tal razão, era como se o carro batendo contra um poste, fosse a resolução para o buraco e tormento em meu peito no mesmo instante. Deixei o carro do lado do prédio, sem sequer pensar. Saí com a bolsa pendurada em uma mão e o celular na outra, colocado diretamente em minha orelha.

Entrei no elevador, e a cada andar, senti que estava mais perto. Mais perto do ar. Mais perto de poder respirar. As portas se abriram, e um flashback me dominou. Andei a passos, quase que bêbados até meu apartamento, lutando prontamente contra, tentando responder Lucas além de meus próprios gemidos de dor. Uma dor que não deveria mais existir. Mas permanecia, como uma ferida aberta que se fingia de cicatriz, e de repente, era pulsada. Até sangrar.

Literalmente caí para dentro de meu apartamento, e meu celular rolou para longe, enquanto me encostava contra a porta e ela era fechada. Ali, dentro do lugar que fora meu lar e refúgio, de repente, senti-me em meu cativeiro mais uma vez.

Senti passos pesados chegando, assim como copos sendo estilhaçados pelo chão. De repente, a voz *dele*, que ficara eternizada em minha memória me alcançou.

— *Meu anjo, que bom que já está me esperando.*

Tentei não ouvir. Tentei não ficar presa. Tentei não me entregar. Contudo, foi em vão. Era mais uma vez, sua vítima. Mais uma vez, era como se sua voz ensurdescesse meus ouvidos e seu toque fosse capaz de me queimar por inteira. Gritei a plenos pulmões, porém, parecia sem ar. De repente, minha voz não saía.

Calada pelo silêncio ao redor. Calada pelo medo dele. Calada pela sua força. Calada contra minha vontade.

Ali, meu passado me envolveu em sua escuridão mais uma vez.

“É hora de ir, o motor está funcionando

Minha mente está perdida

Nós sabíamos que este dia chegaria

E agora é mais assustador do que jamais será.” [\[24\]](#)

Guilherme

O seu olhar fez meu coração paralisar. Ela repelia meu toque, era basicamente explícito em seu olhar, que parecia implorar para que ficasse fora do caminho. Respeitei, ao mesmo tempo, que senti-me sufocar junto a ela. Não podia deixá-la sair daquela forma, não vendo o que seus olhos transpareceram. Por isso, agora, parado a frente de seu prédio, sabia que ela chegara em casa a salvo. A cada segundo do trajeto, senti como se tudo pudesse desabar. Senti a dor de poder vê-la sofrer algum acidente, e era como viajar ao passado, e ver o olhar machucado de Branca. Era como relembrar a ligação que nunca atendi.

Olhei para o volante e pensei sobre Jéssica. A forma como descobrira o que investigava a respeito de meu próprio irmão. Não me orgulhava sobre tal coisa, não mesmo. Era mais como uma forma de tentar ajudá-lo, e impedir que deixasse tudo para trás. Éramos mais que um sobrenome no mercado, e queria, que Davi enxergasse tal coisa. Porém, naquele instante, sequer conseguia discernir sobre o que investigava.

Apenas o olhar de Jéssica passava por minha mente, como se preso a ela. Sentia-me cair, dentro de um pesadelo terrível, e sequer entendia o medo que me devastava. Não era para ela significar tanto. Não era para que me sentisse culpado por não lhe contar sobre meus segredos. Não existia motivo para o saber. Nunca investiguei sobre ela. Apenas as mulheres exclusivamente próximas a Davi apresentaram dossiês. Jéssica Medeiros, não era uma delas.

Ela me contara sobre Davi, e só assim, olhei com atenção o relatório e encontrei seu nome. Por aquele motivo seu nome estava de vermelho, porque não conseguia vê-la compactuando com algo ardiloso como um contrato interpessoal por dinheiro. Jéssica era honesta demais, via aquilo em suas ações, assim

como, no que acabara de acontecer. Ela não fingiu o que sentiu, e por um momento, senti que perdeu o controle.

Senti as mãos formigarem e respirei fundo, pensando em um cigarro. Precisava me acalmar de alguma forma e colocar a cabeça no lugar. Ainda mais, entender como poderia explicar detalhe por detalhe para ela. Não entendia porque, mas sentia que ela precisava entender. Que ela merecia tal coisa. Por que me importava tanto? Era a grande questão.

Minutos depois, estacionei diante da grande casa. De repente, senti o vazio daquele lugar, atingindo-me como uma dolorosa lembrança do que me tornara. Um homem perdido em meio ao dinheiro, ao trabalho que muitas vezes odiava, e mais, a família que desestruturei por completo. Culpado pela morte de sua irmã. Era como um breve histórico a respeito de quem me tornara ao longo dos anos. Perdido em meio a concreto e riqueza, longe de qualquer sentimento que realmente me fazia sentir vivo.

Adentrei a casa e fui em direção ao quarto. Olhar para os lençóis revoltos, que minutos antes, eram o palco de sensações que em tanto tempo não tinha. Sexo por sexo sempre fora meu escape por vários motivos, talvez, até mesmo, uma simples diversão. Era para que Jéssica significasse tal coisa. Que fosse

uma simples mulher, um toque indiferente e nunca mais lembraria seu nome. Porém, ela me fez sentir vivo, depois de muito tempo. Aquilo me marcara.

Abri a gaveta do criado mudo e tirei de dentro o maço de cigarros com o isqueiro. Nicotina não era uma boa solução, entretanto, era a mais rápida para aquele momento. Saí em direção ao jardim, e encarei ao redor, enquanto dava minha primeira tragada. A lua cheia emoldurava o céu, e era impossível não me lembrar da forma como Branca falava sobre. Era impossível não relacionar aquele momento ao passado. Era como se estivesse machucando Jéssica, da forma como o fiz com minha irmã.

A culpa me atormentava, porém, naquele instante, focava apenas em como o olhar azul de Jéssica se perdera. No mal que causara a aquela mulher, sem ter noção do que realmente a fez sair dali de forma tão transtornada. Seria estranho se ela não me afastasse ao considerar todas as variáveis e resolvê-las como o vilão de toda a história. Ela era uma mulher cautelosa, assim como eu. Não entregava sua confiança de bandeja, e de repente, pareceu que a quebrei sem ao menos tê-la de fato.

Culpei-me por deixar aqueles papéis espalhados e perder por completo minha mente ao seu redor. Era como se estivesse preso a algum feitiço, e apenas me importava com o que ela me fazia sentir. Seu sorriso a respeito de uma brincadeira, sua provocação a cada palavra, conversas perdidas entre vinhos após ficarmos exaustos de prazer... Ela se tornara importante em tão pouco tempo que sequer considerava perdê-la tão rapidamente. Sabia que não era para sempre. Em minha mente, nada o era. *Porém, por que tão rápido?* Assim como a tive, a perdi. Aquilo me corroía por dentro.

Precisava colocar tudo em pratos limpos, e fazê-la me ouvir. De alguma forma, me entender. Entretanto, uma conversa franca envolvia não só o meu passado, mas como de toda a família. Era algo que não discutia, que não conseguia falar em voz alta. Portanto, não saberia quando as coisas iriam se acertar. *Se elas iriam.* Perder Jéssica parecia mais fácil do que lhe revelar quem era. Revelar que era um homem quebrado em todos os sentidos, e que aqueles papéis não eram nada perto da culpa que carregava. Pelo jeito, seria simplesmente aceitar.

Encarei o céu e me sentei sobre o sofá a frente do gramado verde. Sentia-me como preso em um redemoinho de

sensações. Era como se estivesse a um passo de lhe dizer tudo sobre mim quando vi seu olhar perdido. Porém, agora, analisando o que aconteceu, sabia que não podia, sequer conseguiria. Era uma parte que Jéssica jamais poderia conhecer. Que não permitiria que soubesse da existência.

Que ela me repudiasse por me considerar um lunático, porém, não um assassino.

Barulhos de dentro da casa chamaram minha atenção, e sequer pensei, apenas corri na direção. Era a última fagulha de esperança. Como se ela fosse voltar e me ouvir. *Porém, o que ela teria?* Não tinha como lhe dar a verdade. Não naquele momento.

— O que faz com esse cigarro nas mãos, filho? — o espanhol carregado pegou-me de surpresa, e simplesmente parei, encarando meu pai, sem a mínima vontade. — Tenho te ligado a horas, e senti que algo não estava certo. — acusou, e notei seu olhar tentar me decifrar.

Não teria como. Nem eu mesmo sabia o que de fato sentia.

— O que queria falar? — indaguei, e me sentei no sofá disposto na sala de estar. Meu pai permaneceu em pé, olhando ao redor, como se ainda buscasse explicação para minha

situação. Claramente, não era um momento que conseguia manter minha armadura. — Pai! — insisti, falando em nossa língua natal.

— Não quero mais que investigue seu irmão, na verdade, tenho feito isso ao mesmo tempo, e a cada momento, sinto que estamos mais perto de perdê-lo do que simplesmente entendê-lo. — sua fala me pegou completamente de surpresa.

— O que? Como assim?

— Davi sabe os requisitos necessários para ter a presidência, e depois de vermos fotos dele com Manuele, eu e sua mãe entendemos que se aquela mulher não fizer com que Davi nos olhe novamente, não existe mais nada o que possa. — comentou, e deu alguns passos para perto de uma poltrona, encostando-se nela.

Os olhos castanhos profundos, assim como os de meu irmão, pareciam sem brilho algum. Meu pai sentiu que perdeu todos os filhos naquele trágico dia, assim como minha mãe. Nunca mais fomos os mesmos.

— Ela é diferente de tudo que imaginei pra ele, até mesmo como me encarou na cerimônia. — comentei, lembrando-me de

Manuele. — Ela o olha como se o amasse, pai. Não sei ao certo, Davi parece agir diferente com ela.

— Vamos ficar no Brasil no máximo até conhecê-la, e então, voltaremos para Espanha. Daqui alguns meses, vou passar a presidência para Davi, isso é certo. — confidenciou e assenti, entendendo finalmente para onde o assunto ia. — Não quero mais te envolver contra seu próprio irmão, ou que...

— Pai, não estou tentando ajudar com intuito de ficar contra Davi. Estou fazendo isso como você, porque o amo. — falei, lembrando-me da forma como nunca mais pude realmente dizer aquilo para meu irmão.

— Eu sei, filho. Admiro você por conseguir conciliar sua vida acerca da família, mas... Já basta! Davi escolheu seu caminho e vai trilhá-lo de um jeito ou de outro. Ele vai ser pai, e espero que isso o acorde para a vida novamente. — comentou e notei o pesar em sua voz. — Ainda dói não poder abraçar todos meus filhos novamente, mas chega disso.

— Acha que ele contou a Manuele sobre os requisitos para assumir a presidência? — indaguei, e papei negou veemente com a cabeça.

— Acho que Davi apenas viu uma oportunidade, e que não planejou, ao menos, não com ela... Descobri sobre o que ele pretendia fazer, dentre as várias mulheres que poderiam assumir nosso sobrenome. Manuele foi uma surpresa, e torço, para que seja algo real em sua vida.

— Davi merece ser feliz. — confessei e meu pai assentiu, vindo em minha direção. Logo pousou uma mão em meu ombro e apertou levemente.

— Você também, filho. — olhei-o e no mesmo instante, soube que ele sabia contra o que lutava. Sabia que nunca parei de me culpar. — E tenho certeza, que sua irmã, se estivesse aqui, o obrigaria a ser feliz e sorrir de verdade, Guilherme.

Ele era o único capaz de jogar tais palavras sobre meu colo, com tamanha sinceridade. Papai sabia bem como tudo se sucedeu, e tentou fazer com que saísse melhor após a morte de Branca. Entretanto, ali estávamos nós, uma família quebrada. Enquanto ele e mamãe tentavam salvar o que restara, Davi e eu nos tornamos apenas sombras do passado, deixando-os ainda mais perdidos. Minha realidade, era que não conseguia olhar para eles sem me sentir culpado pela perda de Branca. Me culpava por sua infelicidade.

— Agora, quero que pense o que vai fazer, filho. — pediu, e o encarei sem entender. — Vai levar alguns meses para conseguir passar a presidência completa para Davi, e mantenho isso em sigilo. Ele vai saber, no momento certo. Espero que até lá, ele se lembre de nós além do próprio sobrenome.

— Ele vai, pai. — falei, como se para mim mesmo. — Sei que o Davi que conhecemos ainda existe.

— Assim como, o meu outro filho. — falou, e fechei os olhos, sentindo-me mal com aquilo. — Perdemos Branca e vocês dois ao mesmo tempo, Guilherme. Apenas quero que Davi volte para nós, e que você esqueça essa culpa, filho. Quero meus dois filhos inteiros.

— Eu tento. — confessei, e abri os olhos, sem conseguir evitar que uma lágrima descesse. — Obrigado por não me julgar, pai.

Em seu olhar, e no de minha mãe, nunca encontrei qualquer julgamento. Eles nunca me culparam, nem ao mesmo no silêncio. Nunca deixara de ser seu filho por motivo algum, e seria eternamente grato, por serem meu alicerce, quando simplesmente não tinha mais forças para continuar.

— Me orgulho de quem é, e sei que Branca faria o mesmo.
— suspirei fundo diante de sua fala. Ele sabia exatamente o que dizer, entretanto, ainda não me convencia. — Algo aconteceu para estar fumando novamente. Pelo que sei e me conta, só o faz em momentos difíceis.

— Foi um dia complicado, pai. — tentei me abrir um pouco e compartilhar com ele parte de minha vida. — Tem uma mulher...
— sorri no mesmo instante que me lembrei de Jéssica. Ela parecia trazer o melhor de mim à tona. — Na verdade, não sei ao certo como explicar sobre.

— Melina outra vez? — indagou e notei a preocupação em sua voz.

Apenas naquele momento percebi que Melina fugira de meus pensamentos durante todo aquele tempo. A não ser os momentos em que conversei sobre ela com Jéssica, não pensei a respeito de nós e no que poderíamos ser um dia. Era como se tivesse me desligado de sua existência naquele período.

— Não. — era estranho dar tal resposta, e notei a surpresa em seu olhar. — Só não quero falar sobre ela hoje, acabamos de nos afastar e... Bom, não sou boa companhia por agora.

— Tudo bem, filho. — bateu mais uma vez em meu ombro.
— Quando quiser conversar, saiba que estou aqui.

— Obrigado, pai.

— Deixa-me voltar para casa. — comentou e sorriu de lado, da forma que me reconheci em seu trejeito. — Sua mãe tentou me convencer a só falarmos sobre isso amanhã, mas não conseguia dormir. E descer algumas ruas do condomínio até a casa de meu filho não ia me matar. — piscou em minha direção, e poderia imaginar mamãe chamando sua atenção por ter saído aquele horário. Mesmo que fosse um curto caminho. — Boa noite, meu filho. Se cuide, certo?

— Boa noite, pai. — levantei-me e o abracei. — Vou me cuidar. Prometo!

Ele logo se afastou com um velho sorriso no rosto e saiu de minha casa, indo com toda certeza, com sua calma até a velha mansão, onde morei grande parte de minha vida no Brasil. Uma casa que há muito não entrava, por falta de coragem e até mesmo, por não me sentir digno. Lembranças eram minhas companheiras de melhores momentos, mas principalmente, piores. Em todas elas, adentrar aquela casa, fez-me sentir que

quebraria. Não arrisquei fazê-lo. Não depois de não poder encontrar o sorriso de Branca por lá.

Suspirei fundo, e decidi que era hora de pensar no que fazer de minha vida. Tudo parecia conspirar a respeito do que seria feito, e eu, simplesmente não tinha mais porquê estar no Brasil. Entretanto, como meu pai disse, deveria escolher meu caminho. Precisava começar a trilhar algo que me levasse além. Algo que me fizesse sentir vivo, assim como Jéssica o fez, nos dias juntos.

Parte II

“fico apreensiva
porque me apaixonar por você
é me desapaixonar por ele e
eu não estava preparada
- *adiante*”

o que o sol faz com as flores

Rupi Kaur

“Lábios encontram dentes e língua

Meu coração salta oito batidas ao mesmo tempo

Se estivéssemos destinados a ficar juntos, já estaríamos agora

Veja o que você quer ver, mas tudo o que vejo agora é ele.”[\[25\]](#)

Jessica

Cerca de três meses depois...

Trabalhei.

Na realidade, senti a cada dia que minha vida se tornava apenas meu trabalho. Afastei-me por completo dos palcos, como uma punição para mim mesma. Era como se minha voz tivesse se calado. Sentia-me culpada por aquela crise. Sentia-me com medo de em meio a alguma canção, encontrar os olhos de Guilherme ao redor, assim como, imaginá-lo como Rafael. Não era justo

passar por tudo aquilo mais uma vez. Não me permitiria passar por tal coisa. Então, decidi dar um tempo.

A princípio pensei que Guilherme tentaria contato, porém, o máximo que recebi dele foi uma simples mensagem escrita apenas *me perdoe*, em sua língua natal. Bloqueei seu número, assim como fingi que ele não poderia descobrir meu endereço ou não soubesse onde trabalhava. Entretanto, ele pareceu se manter distante durante os meses que se passaram.

De alguma forma, senti-me aliviada. Entretanto, as perguntas sem respostas ainda me atormentavam. Pensei em simplesmente bater na empresa dos Rivera e pedir para que Davi me elucidasse sobre qual era sua relação com o irmão mais novo. *Contudo, quem era eu? O que significava para aquele homem e até mesmo, para o próprio Guilherme?* Não passaram de noites de prazer, junto ao prelúdio que poderíamos ser realmente amigos.

Acabou, assim como tudo que tem um começo. Suspirei pesadamente, andando lentamente pela rua, e finalmente encontrando a cafeteria que há muito tempo não frequentava. Lembrei-me no mesmo instante de Marcelo, e foi como um bálsamo. Lembrei-me que ali nos encontrávamos em vários

momentos, dentre amigos, e até mesmo, após algum almoço. Sentia falta dele, entretanto, responder vagamente mensagens trocadas, era o que poderia fazer.

Não sabia como lhe contar o que descobrira, e não queria fazê-lo por mensagem. Porém, nunca fui o tipo de pessoa que omitia ou mentia sobre algo. Sempre prezei pela verdade. Estar naquela cafeteria, fazia me lembrar que devia ao menos, conversar com Marcelo a respeito do que sabia sobre Luíza e Davi. Poderia ser algo já contado para ele, porém, nunca o vi mencionar algo sobre aquilo.

Nossa relação fora complicada no passado, mas nunca conturbada. O que complicava era um fator único: o amor de sua infância. Demorou muito tempo para perceber que fui seu escape para um sentimento não correspondido por Luíza. Demorei para aceitar que de fato ele era um homem incrível e me fez apaixonar, perdidamente. Assim como, demorei para entender que pelo mesmo motivo, não conseguia ver a realidade. Ele nunca me olhou como sempre olhara para ela.

Nunca fui iludida por ele, pelo contrário. Marcelo sempre deixou claro que queria *tentar*. Pensei por um longo tempo que tentar fosse o bastante. O bastante para que seu amor por mim

surgisse, ou até mesmo, ele me reconhecesse como *a garota certa*. A história apenas se sucedeu para que ele fosse magoado por Luíza todas as vezes, e no fim, se acertassem, e fosse convidada para o casamento. Parecia um clichê horroroso, porém, era minha realidade. Ser convidada para o casamento do único homem que me teve inteira um dia.

Depois de Marcelo, simplesmente me senti sem chão, e foi aí, que Rafael entrou em minha vida. Ele era o meu escape. Para esquecer Marcelo e o que me fez sentir. Porém, a paixão que nasceu em seus braços e belas palavras, foram, literalmente, destroçadas da mesma forma. Lembrar-me dele doía. Admitir que aquilo realmente acontecera, quebrava-me. Entretanto, era um exercício diário. Ir a terapia, tomar os remédios corretos e usar a música como escape. Andava falhando miseravelmente com a última.

Após descobrir os papéis na casa de Guilherme senti-me em xeque. Como se fosse algo me travasse. Subir em palco nunca fora tão difícil como naqueles últimos meses. Não consegui fazê-lo. Tranquei-me com o trabalho na editora, e simplesmente dei meu coração ao livro que me fora passado. Era como me desconectar do mundo ao redor.

Cantar me lembrava o início perfeito da noite em que descobri que não poderia realmente confiar em alguém. Que ainda fazia um julgamento completamente errôneo sobre as pessoas. Lembrar-me que Guilherme não era a pessoa que pensei. Entretanto, não entendia porque aquilo machucava. Porque aquilo parecia ter um valor *além* do devido em minha vida.

Uma risada conhecida chamou minha atenção e senti todo meu corpo paralisar diante de sua imagem. Não poderia negar, ele sempre seria um homem marcante em minha vida. Marcelo Carvalho ao vivo e a cores. Sorri, como sempre fazia ao vê-lo. Ele permanecia da mesma forma que me lembrava.

Cabelos negros cortados de forma incorreta, como se fosse proposital. De perfil, conseguia notar que um sorriso emoldurava o belo rosto. Os olhos azuis logo se destacam, como uma marca registrada de seu charme. Ele era um homem bonito, não teria como negar. Porém, pela primeira vez em muitos anos, sua imagem não me impactou por completo.

Meu primeiro passo, no entanto, foi ir até ele. Sentia sua falta, ou ao menos, do que um dia fomos. Parei ao seu lado no balcão em que se sentara, e não resisti em provocá-lo. Era minha

forma de tratar quem fosse. Ainda mais, alguém que me trazia paz.

— Se te conheço bem, com certeza vai pedir mais que um doce.

Seu olhar se virou para o meu, e ele piscou duas vezes, como se absorvendo minha imagem. Sorri, pois fazia um longo tempo que não ficava daquela forma, a sua frente. Era bom olhá-lo, entretanto, o coração disparado que sempre me causara, simplesmente não estava ali. *O que diabos acontecia comigo?*

— Ei, Jess! — curvei-me para cumprimentá-lo e deixei um beijo demorado no rosto, como se buscando correspondência de meu corpo a sua presença. — O que faz por aqui?

Sua pergunta não me surpreendeu. Era um lado da cidade que mal passava, não era meu caminho habitual. Graças a terapia, resolvi buscar novos caminhos para o dia o dia, literalmente.

— Bom, resolvi tomar algo. — dei de ombros, e me sentei na banquetta ao seu lado. — Um chocolate quente, por favor. — pedi para a atendente a minha frente, como se em busca de algo

que pudesse me tirar do constrangimento de não me sentir atraída pelo homem ao meu lado.

Pela primeira vez, minha vontade de me jogar em seus braços, simplesmente pareceu desaparecer.

— Entendeu o que quis dizer, Jess. — encarou-me interessado. — Não nos vemos há...

— Muitos meses, Mar. — falei já que realmente, não fazia ideia. Acabei arqueando a sobancelha, como se o desafiando a lembrar. Nenhum de nós pareceu pensar sobre aquele tempo. — Vejo que sentiu falta da sua amiga aqui, ou ao menos lembrou dela. — não resisti em alfinetá-lo, e ele se apressou a explicar.

Tão típico dele. Como se pudesse ter uma simples explicação para tudo. Ao contrário dele, era um caos em construção, sem alicerces firmes o suficiente para me sentir segura.

— Ei! — fez um sinal com as mãos para que parasse. — Não precisa me atacar assim, sabe que...

— Na verdade, foi bom te encontrar aqui... — pensei um pouco sobre o que dizer, as palavras pareceram simplesmente sair de minha boca. — Precisava comentar algo que ficou na

minha mente. — apoiei o braço sobre o balcão, olhando-o de forma descontraída. Talvez se sorrisse, fosse mais fácil chegar no assunto. Não era meu objetivo simplesmente começar uma conversa sobre. *Valia a pena?* — Soube que Rivera se casou, não é? E mais, vai ser pai!

Realmente, eu era um caos em construção. Até mesmo, sendo descontruído naquele exato instante.

— Sim. — respondeu, tomando um gole de seu café. — Desde quando Davi é um assunto que gosta de tratar?

Engoli em seco, como se as palavras fugissem. *Por que simplesmente não lhe pergunto se Luíza lhe contou sobre o passado com Davi?* Até mesmo, de que fora em Nova Iorque... Se as informações batessem, tudo aconteceu na época em que mal reconhecia Marcelo. Ele se tornou uma casca de si mesmo.

— Só achei engraçado que eu e sua amada temos um gosto bem parecido para homens. — soltei de uma vez, não conseguindo resistir a alfinetar Luíza. — Acabei descobrindo que até com a amiguinha dela sou parecida.

Era como se desse a volta em minha própria conversa. Era como se pudesse ver alguém me julgando por estar falando

sobre. *Entretanto, por que alguém deveria temer a verdade?* Ele até poderia a ter. Talvez por aquilo, perdoou Luíza pelo que houve.

— O que? — perguntou, claramente confuso.

— Manuele é casada com Rivera certo? — perguntei, e ele assentiu. — Bom, nunca fui santa, Mar, e Davi já foi um dos caras que esteve na minha cama. — talvez fosse a forma fácil, *começar pelo começo*, afinal.

Marcelo me analisava, como se tentando juntar as peças de um quebra-cabeças. Realmente, poderia me colocar como um exemplar de cinco mil peças.

— Isso é ter um gosto parecido para homens? — perguntou e revirou os olhos em seguida, o que me fez sorrir.

— Bom, você está na lista. — soltei de uma vez, e tentei parecer desinteressada sobre o assunto. Marcelo franziu o cenho, como se realmente, as peças não tivessem encaixe. Talvez não mesmo. Talvez eu estivesse enxergando algo onde não deveria.

— Ei, eu e Manu nunca tivemos nada. — respondeu de relance, claramente ainda não percebendo onde queria chegar.

Merda!

Tinha chegado até ali, e não conseguia fingir que não sabia sobre o que li. Em algum momento, falaria sobre aquilo com ele. Talvez, no fim, fosse o momento correto. O assunto poderia apenas terminar com um brinde de chocolate quente com café, e fim. Sem nada a acrescentar em ambas as vidas. *Então, por que sentia que pisava em ovos?*

— Mas é casado com Luíza, então ficamos *num* empate.
— soltei por fim, dando de ombros.

— Eu estou confuso aqui. — ele virou seu copo de café. Não soube como explicar de imediato, e mexi um pouco no chocolate quente que tinha acabado de chegar. Respirei fundo, e resolvi continuar.

— Bom, assim como Luíza, tive uma noite com Davi há muito tempo. Assim como tive noites com você e... — ele mal me deixou finalizar.

— O que? — perguntou, completamente debochado. — Luíza nunca transou com Davi.

Olhei-o como se estivesse dizendo uma certeza, e logo o olhar de Marcelo mudou. Era como se as peças finalmente se encaixassem. Entendi naquele momento, que talvez encontrar

aqueles papéis tivessem um propósito. *Ou não*. Não era nem um pouco vingadora, mas sabia que Marcelo merecia a verdade. Por tudo o que ele significava para mim, não iria me calar.

— Não sabia? — perguntei, e bebi um gole do chocolate. O doce em minha boca, não era nem um pouco semelhante ao amargo que saíra a da mesma. — Soube meio sem querer que Davi e ela ficaram juntos. Lembra daquela semana em que ficou louco atrás dela e depois descobriu que ela estava em Nova Iorque? — indaguei, como se juntando as peças para mim mesma.

Marcelo me contara que ela estivera com outro homem, um desconhecido, e que voltara para ele, dizendo que o amava. Não a julgava por aquilo. Muitas vezes, o amor pode nos enganar. Ainda mais, quando não queremos aceitá-lo. Ela voltou e contou. Ele a perdoou.

— E pior, ela voltou e disse que te amava, depois de transar com outro. E claro, você a aceitou de volta. Como sempre. — não consegui deixar de lado minha real opinião sobre o assunto. Nunca entenderia como ele conseguira ser tão machucado e simplesmente, perdoar. O fato era que nunca fora

boa com aquilo. Não sabia perdoar alguém. Era como se sequer pudesse me perdoar pelos próprios erros.

— Onde quer chegar com isso, Jess? — indagou, e dei de ombros, como se jogando um ultimato. Na realidade, era o meu próprio, diante de toda aquela situação.

— O cara que ela transou é Davi Rivera. — Marcelo me encarou incrédulo.

— Jess, se acha que mentir sobre isso vai fazer com que eu...

Com toda certeza, ele entendia que falava a respeito daquilo para tê-lo de volta. Eu não o teria, e não era burra em pensar aquilo. Eu o amava, em meu coração ainda sentia aquilo, entretanto, pelo seu olhar ali, sabia que não teria correspondência. Nem mesmo na dedicação em nossa amizade.

— Olha bem para mim, Marcelo! — levantei e apontei para mim mesma. — Sou velha demais para mentir sobre algo, e se ao menos me conhecesse, sabe que não sou do tipo de pessoa que mente ou esconde algo. Sempre fui verdadeira com você. — falei por fim, como se aquelas palavras estivessem entaladas por muito tempo em minha garganta, em minha vida.

Sempre estive ao lado daquele homem, e vê-lo duvidar de mim, fez-me entender que nunca fui realmente importante para ele. Não poderia ser. O que me cortava por dentro, porém, não doía tanto quanto antes. Entretanto, não pude evitar as palavras que saíram de minha boca para finalizar a conversa. — Não me chamo Luíza.

Não esperei sua resposta e entendi que tinha feito meu papel. Fui amiga, e lhe dei a verdade que descobri. Talvez até tenha demorado muito para o fazer. Talvez deveria ter ligado no dia em que minha mente funcionou de fato e interliguei os fatos do passado. Nova Iorque, homem desconhecido, Luíza... Assim que saí daquele café, senti que só poderia estar perto de perder minha mente. A verdade era o caminho que sempre escolheria. *Entretanto, por que ainda fazia questão sobre uma pessoa que parecia sequer crer no que dizia?*

A resposta veio com um flashback: *porque era Marcelo*. Acostumei a aceitar pedaços daquele homem, como que para sustentar o amor que sentia por ele. Naquele instante, enquanto caminhava até meu carro, finalmente indaguei porque aceitara aquilo. *Por que me subjugar de tal forma?*

Adentrei o carro, e encarei o retrovisor por um instante, notando meu reflexo. A maquiagem escondia as olheiras profundas, assim como, o rosto inchado por noites mal dormidas, ou sequer aquilo. Tentei pensar sobre o que falei para Marcelo e o fato de que simplesmente, pareceu irrelevante segundos depois de sair de minha boca.

Talvez, ele começara a se tornar o que significava para ele. Finalmente, como se eu aceitasse a realidade. Não passava de uma ex namorada, alguém qualquer. Enquanto ele significou meu mundo por longo período de tempo. A história de Guilherme a respeito de seu amor que ainda esperava, acertou-me em cheio, como se pudesse mais uma vez nos comparar. *Por que ele sempre vinha em minha mente?* Era como algo consolidado, longe da realidade.

Porém, ainda precisava de respostas. Talvez elas, me deixassem enterrá-lo de vez em minha vida. Da mesma forma, que parecia começar a fazer com Marcelo naquele momento. Amava-o, era real em meu peito, porém, talvez fosse apenas uma parte do passado, algo que não poderia continuar. Tentava superar o que me acontecera, entretanto, ainda usando os

mesmos meios. Relacionar Marcelo a um amor correto fora meu lema por um longo tempo.

Era o real problema de lapsos temporais. Era como se olhasse para o passado e encontrasse o lado bom de uma relação real, e o lado frio e escuro do que não era um relacionamento. Entretanto, não vivia mais naquela época.

“Leve-me à igreja

Louvarei como um cão no santuário de suas mentiras

Vou lhe confessar meus pecados para você poder afiar sua faca

Ofereça-me aquela morte imortal

Bom Deus, deixe-me lhe entregar minha vida.”[\[26\]](#)

Guilherme

Estar no Brasil sem ter Jéssica por perto se tornou mais angustiante do que poderia presumir. Resolvi assumir o cargo do diretor executivo da editora enquanto o mesmo estava a trabalho fora do país, o qual mamãe tanto confiava e tinha seus melhores projetos. Não gostava de administrar, na realidade. Entretanto, livros sempre foram uma paixão de criança, e estar em torno de como estes eram levados a pessoas, era mais convidativo do que voltar para a Espanha e acompanhar centenas de reuniões a

respeito de tecnologia. Nunca gostara do ramo principal da empresa da família.

Sabia que estaria quase todo dia no mesmo prédio que Jéssica, entretanto, mantive-me afastado. Se a visse, saberia que minha boca não continuaria quieta, era como se fosse uma provação simplesmente olhá-la. E os meses que se passaram apenas confirmaram uma coisa: *sentia sua falta*. Não era como a maioria das coisas ou pessoas que aconteciam em meu dia a dia. Sentir falta dela em pequenos momentos, como simplesmente, uma troca de mensagens. Era como se ainda estivesse preso ao que vivemos, por mais curto período que tenha durado.

Joguei-me contra o sofá, com um copo de café preto em mãos, tomando-o para tentar permanecer acordado. A noite anterior tinha sido um grande fiasco. Passei basicamente toda ela, deitado em minha cama, olhando para o teto, como se em busca de algo que me fizesse apagar. Nada o fez. Portanto, resolvi trabalhar de casa, e as horas simplesmente passaram. As sete da manhã, o horário que geralmente deveria ir para a empresa, encontrei-me finalmente com sono, e resolvi ceder a ele.

Não imaginei que sonharia por apenas algumas horas de sono, entretanto, o fiz. Naquele sonho era como se pudesse tocar Jéssica novamente. Apenas tal ato, fez-me imaginar porque ainda pensava tanto a respeito da mesma mulher, e porque simplesmente, nenhuma outra, em várias noites que saí de casa em busca de distrair minha mente, fez-me ir até o final. Não conseguia querer estar com outras mulheres. Era como se Jéssica permanecesse em minha vida, mesmo estando a meses fora dela. Os sentimentos que de repente viviam em meu peito, assustavam-me. Entretanto, assustava-me ainda mais, saber que não poderia seguir. Não com ela.

Ouvi o interfone de casa e estranhei. Basicamente ninguém o fazia, não as pessoas que poderiam ir até ali. Meus pais voltaram para Espanha tão logo conheceram Manuele, e não tinham planos para estar em solo brasileiro tão cedo. Jéssica sequer me procurou, e com toda certeza não apareceria de repente em minha porta. Suspirei, pensando que aquela seria uma maravilhosa e ao mesmo tempo, terrível situação, caso se tornasse real. Deixei o copo de café pela metade sobre a mesa de centro e segui para atender o interfone. Poderia ser algum vizinho educado, talvez precisando de algo.

— Sim. — falei, assim o barulho insuportável do objeto parou.

— *Sou eu, Davi. — a simples frase de três palavras, surpreendeu-me por completo.*

O que ele fazia ali?

— Pode entrar. — determinei, sem querer questioná-lo.

Se Davi conseguia se colocar em um patamar de desconhecido, eu não me esforçaria para tal jogo. Era seu irmão, mesmo que ele não me considerasse mais daquela forma.

Aguardei na sala de estar, com o copo de café novamente em mãos, e sabendo que a cafeína seria uma boa amiga para aquele momento. *Quantas vezes tentei ao menos conversar com Davi e ele rechaçou?* Não conseguia imaginar o que ele fazia ali. Não mesmo. Porém, assim que ele adentrou minha casa, foi como se um estalo se desse em minha mente. *Será que os acionistas ou alguém dos Rivera lhe passou a real situação de sua posição na empresa? Ele estaria ali apenas para ter a confirmação?*

Lembrei-me da ligação de meu pai no dia anterior... Ele acabara de tornar Davi Rivera o presidente, tornando o sonho de

meu irmão real. Ele o merecia, não tínhamos dúvidas. Entretanto, aquele sonho parecia tão frio quanto o homem que caminhava a passos decididos e desconfiados até mim. Meu pai disse que ligaria para ele, ou ao menos, me pediria para contar no momento certo. *Por que de repente, aquilo pareceu não ser preciso?*

— *Hermano.* — falei, e bebi mais um pouco de café, encarando-o.

— Pode parecer estranho vir aqui, mas eu preciso saber o que ainda faz no Brasil. — sua frase me pegou de surpresa. — Sei que investiga a minha vida, isso não é uma novidade. Porém, ainda insiste em permanecer nela... Como se aproximando de Manuele.

Refleti de suas palavras e sorri amargo. *Era por aquilo?* Olhei-o incrédulo por alguns segundos, como se não fosse possível reconhecê-lo. Até mesmo ele parecia não me conhecer mais. Andei em direção ao escritório, e senti os passos de Davi me seguindo. Assim que adentramos o cômodo, encostei-me contra a mesa e o encarei.

— Tento ficar próximo da minha cunhada e sobrinho que virá. — fui sincero, pois era a mais pura verdade.

Manuele era uma mulher intrigante e incrível. Notei, nos poucos momentos que nos encontramos que ela fazia bem a Davi, assim como, parecia genuinamente feliz com seu casamento. Ela não era totalmente aberta comigo, e não a culpava. Era apenas o cunhado estrangeiro que ela mal conhecia. Entretanto, sempre que pudemos conversar, nunca pareceu estarmos forçando algo.

— Ela é uma boa mulher. — continuei, dando de ombros, e deixando o copo de café sobre a mesa. — O que realmente quer aqui, Davi? — indaguei. — Não é como se estivesse feliz o fazendo. Mal me deixa visitar sua casa, e se encontrei sua esposa, foi uma vez em um café, e quando ela visitou nossos pais.

— Não acredito em coincidências, Guilherme. — bradou, como se me acusando.

— Acha mesmo que ando armando para encontrar com Manuele? — indaguei, levando as mãos ao cabelo. — Não sou o todo superpoderoso. — rebati, como se lhe mostrando o óbvio. — Mas tenho certeza, de que está aqui, tentando entender isso, é porque tem algo a esconder dela, hermano. — acusei-o, naquele

momento, tendo a certeza de que Manuele sequer sabia sobre como Davi viria a se tornar presidente.

— Não tem porque entender os motivos de estar aqui, apenas quero que pare de ficar entorno da minha mulher. — sua voz soou sombria, porém, aquilo não me assustava. Na realidade, magoava-me ver meu próprio irmão agir de tal forma.

— Eu sabia que tinha algo mais nesse casamento às pressas. E não foi só por causa da gravidez. — acusei-o, sem temer mais nada. — Sério que iludiu uma mulher inocente apenas para conseguir a presidência, irmão? — indaguei, temendo por completo pela resposta.

Implorei internamente para que Davi apenas me dissesse que Manuele sabia onde pisava, ou que até mesmo, apenas aconteceu. Acreditaria em coincidências se ele me dissesse. Até mesmo destino. E nunca fora crente em nenhum dos dois.

— O que diabos pensa que está fazendo para investigar a minha vida? — Davi praticamente gritou, deixando-me pasmo. Era como se ele imaginasse que soubesse tudo a seu respeito. Sabia partes, pelos documentos entregues pelos detetives de nosso pai. Porém, nunca mais mexi ou tentei entender tais papéis quando

nosso pai determinou para não o fazer. — O que eu fiz ou deixei de fazer pela presidência é um problema meu.

Sorri sem vontade, sabendo que aquela não era uma boa resposta.

— Tem que superar o fato de que não pode controlar tudo! — revidei, lembrando-me da clara forma como ele sempre me encarava. *Mágoa*. O que me remetia ao motivo de ele me encarar assim, e que tanto se assemelhava ao que Davi fazia naquele exato momento. Suas palavras confirmaram o que sequer perguntei. Ele estava usando Manuele — Diga, irmão! — debochei, por fim. — O que pensa que está fazendo brincando de casamento e bom marido para Manuele? Acha que por quanto tempo vai conseguir manter a farsa de homem romântico e interessado em tudo a respeito dela?

O seu semblante mudou e poderia jurar que ele partiria minha cara em algum momento após tais palavras. Porém, ele não o fez. Era como se meu irmão não demonstrasse sentimento algum, mesmo que a própria raiva. Ele se controlava.

— O tempo que vou levar, o que finjo ou não... Isso não te interessa, Guilherme! — fechei os olhos por um instante, balançando a cabeça. *Não poderia ser*. — Eu não vou ficar

justificando meus atos e decisões para você. Logo para você, Guilherme!

— Então me diga, seja honesto irmão! Você ama Manuele?

— perguntei, e torci internamente para que ele se mostrasse, ao menos, humano.

— Isso não te interessa! — sua resposta saiu como uma determinação.

— Responda, porra! — insisti, sem conseguir acreditar naquela conversa.

— Não, não a amo! — o impacto de suas palavras me desestabilizou. — O que quer vasculhando a minha vida?

— Quero que pare, e veja que vai acabar destruindo essa mulher, Davi! — falei por fim, sentindo-me culpado por não ter investigado mais e o parado. Manuele não merecia aquilo. Ninguém merecia passar por tal coisa. — Ela claramente tem sentimentos por você, e ainda mais, espera um filho...

— Eu tenho meus motivos!

Motivos que nunca justificariam aquilo, pensei em dizer. Porém, acabei me contendo.

— Conte a verdade a ela. Que precisava de um casamento e um filho para que um contrato imbecil fosse cumprido e se tornasse rapidamente presidente. — praticamente implorei, como se buscando que ele mostrasse para aquela mulher que ela importava. — Se ela é importante pra você, conte a ela.

— Não. — Davi negou veemente, sem sequer se mexer. — Não vai mais tocar nesse assunto! — ameaçou, como se pudesse o fazer. *Ele não podia.*

— Isso é um erro e você sabe, Davi! Você jogou sujo com ela. — passei sobre a mesa, e abri a primeira gaveta, onde a pasta a respeito de meu irmão estava. Joguei-a ali, deixando claro que sabia a respeito de muita coisa, e que Manuele não era sua primeira opção. — Sei muito bem que esse plano arquitetado não era para ocorrer com ela.

— Isso não te diz respeito, Guilherme!

— Diz sim, no momento em que vejo uma mulher prestes a sofrer o quanto Branca sofreu pela rejeição. — soltei, e no mesmo instante, soube que ultrapassamos uma linha.

Em um movimento Davi acertou em cheio meu rosto. A dor física não era nada comparada ao que minha alma sentia após

imaginar Manuele como Branca no futuro.

— Pode me bater o quanto quiser, mas essa é a realidade!
— falei enfurecido. — Manuele merece a verdade, não essa parte sua que sequer existe, Davi! O que ela vai pensar quando descobrir que tudo, cada momento entre vocês, foi calculado? — indaguei, já sem esperanças sobre meu próprio irmão.

Quem era ele, afinal?

— Ela não vai pensar nada. — a voz fria de Davi, acabou com qualquer esperança que sentia a respeito. — Porque nunca vai descobrir.

— Acha mesmo que vai a enganar pelo resto da vida? — perguntei, e notei meu irmão vacilar em seu olhar. — Acha que tem esse poder sobre as pessoas?

— Não te interessa o que acho ou deixo de achar. Apenas se afaste. — sua voz soou como um sussurro, porém, não menos decidida.

Gargalhei sem vontade, como se duvidando de fato da forma como Davi encarava a vida. Ele achava realmente que poderia controlar tudo ao seu redor.

— Como pode fingir que não se importa, Davi? —
perguntei, sem saber mais o que fazer.

— Porque eu não me importo, porra!

Sua resposta saiu séria, entretanto, não conseguia ver verdade. Existia algo em Davi que o impedia de contar a verdade para Manuele. Temia por ele, se aquilo fosse real. Ela poderia nunca mais o perdoar quando descobrisse a respeito de tudo.

— Irmão, você precisa enxergar que ela vai sofrer, porra!
— falei, levantando os braços, e olhei de relance para a porta. Fiquei estático por um segundo, assim que os olhos castanhos de Manuele encontraram os meus

A vida realmente não poderia ser controlada. E naquele momento, quando ela fez sinal negativo com a cabeça, claramente, implorando para que eu não a delatasse, soube que meu irmão acabara de entrar em seu próprio inferno. O qual, o mesmo construía.

Mudei meu foco rapidamente, e tentei não demonstrar nada, porém, era difícil. Davi andava de um lado para o outro, como se buscando alguma razão. Apenas soube que ele estaria

mais do que acabado se amasse aquela mulher. Ela sabia da verdade, por trás de uma porta de escritório.

— Então está casado com uma morena gostosa daquela e não a ama? — perguntei debochado, e finalmente limpei o sangue da boca. Era minha forma de agir quando tentava fingir algo. Pelo jeito, funcionara, pela forma como Davi me encarou com raiva e sequer pensou em olhar em direção da porta. — Eu a amaria no primeiro momento que colocasse a boca no meu...

— Cala a porra da boca, Guilherme! — Davi bradou, e senti pena por ele por alguns segundos. Ele não tinha ideia do que realmente acontecia. Entretanto, ainda agia como o dono de toda situação.

— Não vai sequer pensar em falar disso a alguém. — determinou, como se fosse capaz de moldar o destino de todos. — Isso é algo entre eu e a minha mulher. — apenas o encarei, sem saber o que responder. Sabia que se tentasse falar, acabaria olhando para Manuele, em busca de não ver sofrimento em seus olhos. Entretanto, pelo rápido contato visual que tivemos sabia que era tarde demais. — Não sei como descobriu, mas não pode dizer isso a ninguém. Isso me faria perder tudo!

Voltei meu olhar sucintamente em direção a porta, e notei que Manuele não estava mais ali. Assim como eu, ela sentira que aquela frase de Davi fora um ultimato. Agora, era o meu momento de mostrar a Davi que acabara de destruir seu casamento.

— Melhor correr, *hermano*. — falei, e Davi me encarou, claramente não entendendo sobre o que falava.

— Eu tenho mais o que fazer do que ficar aqui ouvindo suas sandices. — rebateu nervoso.

Ele então se virou de costas e mexeu no celular. De alguma forma, tinha algo ali, que o fez mudar completamente a postura. Davi ficou tenso de repente.

— Onde ela está? — ele perguntou pelo telefone, e soube que entendera o que quis dizer. — Ok. — tirou o aparelho da orelha, e notei seu olhar perdido. Ele claramente, não sabia o que fazer.

— Eu a vi. — passei a sua frente, abrindo o jogo. — Ela estava do outro lado da porta, ouvindo cada palavra sua, *hermano*.

— O que? — sua voz quase não saiu. Ele estava abalado.

— O olhar dela estava como imaginei, de pura decepção. — revelei, sentindo-me mal por estar presenciando aquele momento. — Ela praticamente me implorou com a cabeça para ouvir a conversa e não contar a você que ela estava aqui.

— Por que a deixou ouvir, porra? — gritou, de repente, como se não entendesse meus motivos.

— Isso ia acontecer, mais cedo ou mais tarde. — falei, dando de ombros. Não era algo que ele poderia fugir.

— O mais tarde podia não existir! — levou as mãos aos cabelos, claramente desorientado. — E eu estaria como presidente, e ela jamais descobriria.

— Ia levar esse casamento a diante depois de conseguir a presidência? — perguntei debochado, e o silêncio de sua resposta foi o bastante. — *Papá* já assinou os papéis, irmão. Você já é o presidente! — revelei de uma vez, sem me importar com as consequências daquilo. Conversaria com meu pai mais tarde, e lhe contaria o que houve.

— O que?

— Ele só não contou antes pois pediu para que tivesse uma conversa com você. — esclareci, lembrando-me de nossa

conversa a meses atrás e ao telefone. — Não fui eu quem investigou sua vida, foi nosso pai. — confessei, e notei a surpresa no semblante de Davi. Ele parecia nunca ter desconfiado quem de fato o fazia. Como se relacionasse a mim tudo em nossa família.

— Por que ele faria isso?

— Porque ele tinha medo de que você na realidade só quisesse a empresa e não uma família. — ri em desgosto. — Ele estava certo. Já que mesmo não seguindo o plano de casar com sua ex namorada, acabou se envolvendo com uma mulher inocente e a enganando.

— Ele não tem direito algum de me julgar. — soltou com raiva. — Nenhum de vocês tem, já que mentiram por anos! — acusou-nos.

— Omitimos. — revidei, e notei que fechou os olhos rapidamente, como se para se controlar. — Mesmo assim, aprendemos que foi o pior caminho. — confessei em um fio de voz. Não queria falar sobre aquilo.

— O caminho que fez minha irmã morrer. — gritou, e tentei refutar, porém, senti um bolo se formar em minha garganta. *Ela*

também era minha irmã, era o que queria dizer. — Eu não vou discutir isso mais uma vez, isso foi enterrado junto a Branca há cinco anos.

Sua fala me desestruturou e de repente, apenas o vi saindo de minha casa, *estava feito*. Davi acabara de entrar em seu inferno, e me deixara para trás com o meu. Levei as mãos à cabeça, sentindo a culpa me invadir. Era como um sofrimento recente, como jogar álcool em minhas feridas. De repente, era como se apenas encarasse o fato. O fato da culpa pela morte de Branca ser completamente minha.



— Pai, eu realmente não sei o que fazer... Eu disse a ele na hora, mas agora, estou preocupado com Manuele e com Davi...

— *Filho, se acalme. — meu pai tentava me conter, como que para não me abalar. — Por que simplesmente não vai atrás*

dele e tenta conversar? Ou até mesmo, conversar com Manuele?

— Eu não sei, talvez tenha me intrometido demais em toda a situação e... Mas foi Davi quem me procurou, eu não sabia que Manuele estava ali até a ver e...

— *Filho, vá até eles. — falou calmo, como se fosse o certo a fazer. — Talvez isso que está sentindo seja apenas a preocupação com o bem-estar dele, ou esteja sentindo que seu irmão precisa de você.*

— Obrigado, pai. — falei por fim, respirando profundamente. — E me desculpe por ter jogado isso sobre Davi sem antes...

— *Está tudo bem. Logo aconteceria, você sabe. — comentou e queria que estivesse ali, para que seus olhos me dessem o conforto que necessitava.*

— Até logo, pai. Eu entro em contato assim que conseguir falar com Davi.

— *Fique bem, filho.*

Desfiz a ligação e mandei uma mensagem para meu irmão no instante seguinte. Como já imaginava não obtive resposta. Tentei ligar e fora direto para a caixa-postal. Com toda certeza,

não parecia um bom momento. Sentia, que precisava ir até ele. Como se de alguma forma pudesse ajudá-lo a contornar o que tinha feito. Peguei as chaves do carro, jogadas sobre o sofá e saí de casa. Iria encontrar Davi, e continuar aquela conversa. Ao menos, quem sabe, ajudá-lo a enxergar que tinha errado. E mais, que Manuele merecia saber de toda a verdade por trás de seus desejos.

Horas depois, e finalmente, conseguira chegar ao último destino em que ele poderia estar, ou ao menos, Manuele. Estivera em seu apartamento, na empresa, e nenhum sinal dos dois. Ali, na fazenda onde sabia que Manuele morara anteriormente, era o último lugar que os imaginei. Talvez ela tenha o trago para cá, para ter uma conversa em um lugar que realmente reconheceria. Temia pela dor em seu coração, e mais, pelo que isso causaria aos dois.

Bati na porta da casa e esperei, porém, ela não fora aberta. O barulho de vozes lá dentro chamou minha atenção, e mesmo parecendo errado, acabei adentrando o lugar. Dei cinco passos, e de repente, eles pesaram como os cinco anos que se passaram desde que perdi minha irmã. Paralisei, ao lado de Manuele, sem conseguir acreditar no que via.

Meus olhos se conectaram aos da mulher loira a minha frente, e tudo ao redor pareceu desaparecer. *Era ela*. Não tinha como não ser. Notei seus olhos arregalarem, assim como a tensão em seu corpo. Segurei-me para não desabar, vendo que ao me olhar, ela simplesmente, entrara em pânico. As mãos de Davi chegaram ao meu corpo, empurrando-me para longe, como se ele também compreendesse. *Era eu*. Sempre fora eu que causei mal a ela.

De repente, apenas a vi apagar sobre o sofá. O desespero tomou conta de meu corpo e esmurrei o torso de Davi, tirando-o de minha frente.

— Guilherme! — ele gritou, mas não lhe dei ouvidos. Não tinha como o fazer. — Guilherme! — insistiu, e senti as lágrimas tomarem conta de meu rosto, sem conseguir olhar em outra direção que não fosse para a mulher loira desmaiada sobre o sofá. — Se concentra, porra! Ela não está bem!

— Ela tem essas crises... Na realidade, não as tinha a mais de dois anos. — ouvi a voz do homem desconhecido sentado ao lado dela, passando as mãos sobre seus cabelos. — Quando a encontrei, há cinco anos, fiz de tudo para descobrir sobre seu passado, e ainda mais, ajudá-la a se reencontrar.

Cinco anos.... Minha mente focou naquele exato período de tempo.

— Como assim? Ela não precisa de um hospital? —
Manuele perguntou, e o homem apenas negou com a cabeça.

Davi pareceu acordar de seu momento para comigo, e simplesmente, se virou para eles.

— Ela precisa, e vai para um agora! — Davi praticamente exigiu.

— Estou com ela há cinco anos, cara. Já passamos por diversos médicos e todos nos deram a mesma resposta, e o que podemos fazer é esperar que ela acorde, e se lembre de algo.

Lembranças eram tudo o que tinha naquele exato momento, e não consegui me calar mais.

— Se lembrar? — indaguei, com medo da resposta, como se ela pudesse explicar o fato de a irmã que enterrei estar a nossa frente, naquele exato momento.

— Quando a encontrei pela primeira vez há cinco anos, ela não se lembrava de nada.

Sua fala fez com que meu corpo cambaleasse para trás. Como se tudo começasse a fazer algum sentido, mesmo não

encontrando nenhum.

— O que? — ouvi a voz de meu irmão, fazendo a pergunta que todos os presentes.

— Ela tinha perdido a memória.

Davi ficou estático ao meu lado, assim como, senti minha pressão cair. Aquela afirmação era a confirmação que sequer precisávamos depois de colocar os olhos nela. Era Branca Rivera a nossa frente. Era minha irmã. Ela estava viva.

“Meu ex costumava me dizer que eu era egoísta

Mas ele nunca me colocou em primeiro lugar

Me ignorava e ele fazia isso de propósito

Apenas para ter a última palavra.”^[27]

Jessica

Contar a verdade para Marcelo nunca me pareceu um problema. Não até o momento que estar novamente a sua frente, mostrava-me que ele era um homem infeliz. Não ele. Sabia o quanto ele sempre parecera completo e feliz ao lado de Luíza. Mesmo que nunca entendesse o tipo de amor que ele sentia por ela. Um amor que parecia aceitar tudo.

— Então, acha que ainda consegue ir me ver cantar algum dia? — perguntei, provocando-o. Ele nunca o fez. Nunca estive em uma apresentação minha. Mesmo que o convidasse em sua maioria. Ao menos, antes de Guilherme aparecer em minha vida.

Por que estava pensando sobre ele?

Marcelo sorriu, claramente sem graça. Tentei ao menos quebrar o clima ruim causado por sua confissão sobre a forma que se sentia sobre Luíza, e a situação que se encontravam. Sentia que era minha culpa, mas percebi que ele não me culpava por ter lhe contado o que sabia.

Entretanto, era como perceber que aquela seria a chance perfeita para ser dele. Mesmo que ser dele não fosse meu real destino. Eu ainda o queria. Ele ainda me dava segurança. Não precisava exclusivamente de seu amor. Mas sabia que ele não poderia me dar nada.

— Estou tentando ser uma boa amiga. — falei, e me odiei no segundo seguinte. Porque no fundo, não estava sendo tal coisa. Notei o olhar de Marcelo mudar, assim que encarou algo, ou alguém atrás de mim.

— Ora, então estamos tendo uma segunda reunião hoje?
— a voz era conhecida, e não teria como esquecê-la.

Senti meu corpo tensionar, e logo virei o rosto. Luíza Monteiro a minha frente, como sempre, com seu sorriso debochado, e como se fosse alguém melhor que todos ao redor. Ela não o era. Com toda certeza, eu não o era. Portanto, não me importava. Na realidade, não fingiria que me importava com ela.

Nunca gostei de pessoas que escondiam ou mentiam, e ela era tal personificação. Marcelo poderia amá-la e perdoá-la por tudo, como sempre. Porém, continuava sendo a megera, na vida dos dois, pela forma como me encarava. Talvez o fosse, e não me alegrava por tal coisa. Contudo, não era do tipo que abaixava a cabeça para alguém. Não mais.

— Hoje é a sessão de contar para o Marcelo a respeito de onde descobriu sobre minha noite com Davi? — perguntou e segurei-me para não bufar. Era real, não a suportava. Era algo que não controlaria, nunca. Não conseguia fingir gostar de alguém. — Ou é simplesmente a sessão de se fazer de amiga de um homem casado para tentar ser a amante? Claro, sonhando que ele, *num* futuro, a reclame como sua.

Sorri sem vontade alguma, guardando por alguns segundos minha amargura. Ela poderia até estar certa, sobre em *um futuro*, esperar ser reclamada por ele. Porém, amante não era um quesito no qual me encaixaria. Nem por Marcelo.

— Luíza, não comece uma cena. — Marcelo falou, finalmente tomando conta da situação. Porém, era claro, que ele não conseguiria. Aquela mulher o desestabilizava por completo.

— Uma cena? Eu? — ela perguntou, debochando por completo. *Era aquele o momento em que dou de louca e bato em sua cara?* Talvez devesse interpretar de fato à vilã da história, e ela teria ainda mais motivos para me odiar. — Não sou eu que armo momentos para jogar verdades no colo dos outros e tentar tomar o lugar de alguém.

— Ao menos eu sou sincera. — soltei de uma vez, sem medo algum daquele desafio.

— Então a cobra fala. — mal sabia ela que não era uma ofensa. Porém, segurei-me para corrigi-la que era uma serpente, já que era brasileira. Cientificamente não existiam cobras no Brasil. — Não sei ao certo o que o lindo casal faz aqui, tomando café juntos, mas espero que tenham esclarecido pontos importantes sobre seu grande conhecimento em minha vida pessoal.

— Você com toda certeza não era o assunto. — rebati rapidamente, tentando tirá-la de seu pedestal, dando de ombros em seguida. Era claro, ela se segurava para não voar sobre mim.

— Duvido muito. Já que parece saber mais da minha vida, do que eu mesma. — encarou-me em desafio. — Conte para mim, como soube exatamente que passei a noite com Davi?

— Luíza. — Marcelo interrompeu, ou ao menos, tentou. — Não é lugar para...

— Para o que? — rebateu furiosa, e deu passos para perto dele, ficando frente a frente. — Para jogar as verdades na mesa? — desafiou-o. — Não é você quem tanto me cobra por uma omissão no passado, e agora simplesmente vai fingir que não importa saber a verdade sobre todo o resto?

Segurei-me para não intrometer, já que claramente, a discussão passara apenas para os dois. Era o tipo de cena que dispensava. Ainda mais, ao ser Marcelo envolvido.

— Quem me devia alguma satisfação era você, não Jéssica. — ele rebateu, mas era claro seu tom magoado.

— Acho que isso deixa clara a sua situação, querida. — não conseguia entender por que as pessoas chamavam as outras de *querida* quando estavam claramente incomodadas, ou no caso de Luíza, a ponto de socar a minha cara. — É tão importante na vida dele, que ele sequer quer saber onde descobriu sobre meu passado. Olhe só, é assim mesmo que vai conquistá-lo!

Dei de ombros, como se não me importasse. Ainda o fazia, infelizmente.

— Pelo menos não sou eu quem estou perdendo. — rebati, sorrindo amplamente, sem ao menos me arrepende.

Não entraria em uma briga por homem algum, e sequer imaginei que a revelação que fiz a Marcelo causaria tal impacto em sua relação. Tinha parte da culpa por aquela briga, porém, se não existissem motivos, nunca estaríamos debatendo tal coisa. Era o que Luíza claramente não percebia.

Não era um problema meu, com toda certeza. Mas envolvia o homem que amava, portanto, em alguma curva do destino, apareceria. Não era uma briga por ele, e claramente, ela o fazia sozinha. Aceitei a discussão por um único motivo: estava cansada. Cansada de sempre me manter a margem de situações. Não tinha motivos para me calar. Assim como tive coragem de falar cada palavra a Marcelo, ali, tinha palavras o suficiente para respondê-la.

— Perdendo? Quem? — ironizou, cruzando os braços. — Claro, eu. Estou perdendo tempo aqui, olhando para essa sua cara de pau, e ainda vendo o meu marido coibir com suas ações.

— Não tente dar uma volta em toda a história e se fazer de vítima, Luíza. — a voz de Marcelo soou mais forte, e quase revirei os olhos diante de suas atitudes.

Não estava em um bom ia para suportar mais uma história sobre os dois. Na realidade, nunca estive. Apenas queria tomar um café em paz com meu amigo. Aquilo me bastaria.

— Nunca me fiz de vítima na vida, não vou começar agora. Apenas me admira você, que sempre falou tanto a respeito de fidelidade, estar num café com sua ex namorada, rindo feito um imbecil.

— Luíza.

— Mas se é isso que quer, faça bom proveito. Já que precisa estar com outra mulher para provar a si mesmo que não se importa comigo. Mas ela não sou eu, e querido, eu sou a única capaz de te fazer feliz.

— Ou me destruir. — Marcelo rebateu, surpreendendo-me por completo, o que a fez se afastar.

— Como dizem por aí, o amor e ódio andam lado a lado. — aquela frase clichê saindo de sua boca, fez-me chegar ao limite. — Espero que saiba o que está fazendo, Marcelo.

— Você não se enxerga, não é? — perguntei por fim, sem conseguir me calar.

Será que Luíza realmente não entendia toda a situação?

Não se tratava de mim, muito menos sobre o que faria a seguir. Era sobre os dois, sobre um erro *dela* no passado. *Por que diabos ela não tentava consertar em vez de fazer um barraco em meio a cafeteria?*

— Como?

— Ele não te quer por perto mas como uma criança mimada não consegue aceitar o fato de que errou e precisa se redimir por isso. Pelo contrário, aparece aqui como se fosse a dona do mundo, sendo que não passa de uma covarde, que foge dos próprios sentimentos. — falei de uma vez, e notei sua raiva clara no olhar. Porém, ela agira como sempre, fugindo da situação.

— Oh não! — forcei a reclamação. — Minha consulta na terapeuta já foi nessa semana. Então, guarde suas palavras de merda para si mesma!

— Olha aqui... — tentei argumentar, porém, a velha e boa Luíza que adorava se sobressair, resolveu aparecer.

— Olha aqui você! — se antecipou. — Você pode pensar que me conhece, por saber da minha história com Marcelo. Mas a

realidade é que não faz ideia de quem sou, e muito menos o que vivi ao lado desse homem. Se quer me acusar de covarde, o faça. Porém, saiba que é apenas mais uma palavra estúpida que sai da sua boca. Então não tente analisar minha vida como se realmente soubesse de algo. Você quer Marcelo, e isso é óbvio, então analise ele, e esqueça que existo. Ao menos tente conquistar um homem por si mesma.

Suas palavras não me causaram nada, já que na realidade, elas eram destinadas a Marcelo. *O que eu ainda fazia ali?*

— Chega, Luíza! — a voz de Marcelo tomou conta ao redor, e levei a mão ao rosto, querendo desaparecer.

Por que mesmo entrei naquele drama? Olhei mais uma vez para Marcelo e encontrei a resposta. Porque ele me importava. Talvez mais do que devesse.

— Digo o mesmo! Sua amiguinha aí me chama de covarde, mas a verdade é que o covarde está bem a minha frente. Já que não tem coragem de tomar nenhuma posição.

— O que? Virou uma disputa sobre quem devo escolher?
— Marcelo debochou e senti-me ainda mais frustrada.

Parecia a frente de duas crianças. E pior, fora a causa daquele momento entre eles. Ao menos, uma parte. A culpa afinal não era minha. Não fora eu quem menti. Porém, fora quem contou a verdade. De fato, era uma megera.

— Não, porque sua escolha foi feita há três anos, quando disse sim no altar.

— Da qual me arrependo amargamente.

— As palavras assim como atitudes ferem, Marcelo. Quando se arrepender do que disse aqui, se já não o estiver fazendo, sabe onde me encontrar.

Luíza então saiu, e até contei os segundos para Marcelo a seguir, porém, surpreendentemente ele não o fez. Encarei-o, e notei o quanto aquilo o magoava. Arrependi-me ali, por saber que ele sofria por aquilo. Entretanto, já estava feito. Não tinha como consertar uma história que não me pertencia. Já havia feito o bastante.

“Eu sei que não terminamos como deveríamos

E agora ficamos um pouco tensos

Eu me pergunto se minha mente apenas deixa de fora todas as partes
ruins

Eu sei que não fazíamos sentido

Eu admito que penso nisso às vezes

Mesmo que eu saiba que não foi a tanto tempo assim

Oh, não, eu ainda quero relembrar.””[\[28\]](#)

Jessica

Cerca de duas semanas depois...

Alonguei os braços e em seguida fiz o mesmo com o pescoço, ouvindo o barulho dos estalos. Bocejei, finalmente, dando-me conta do quanto estava cansada, e do quanto, aquelas

semanas andavam exaustivas. Era a finalização de um projeto, assim como, final de mês. Tudo parecia ainda mais louco dentro da editora, e por conta daquilo, resolvi ficar mais tempo a frente de meu computador ali. Era como me disciplinar para não levar mais trabalho para casa. Preferia trabalhar ali, e separar bem os dois ambientes. Já que por um longo tempo misturei tudo, sem saber ao menos se minha cama era um ambiente de descanso ou trabalho.

Salvei o projeto e em seguida, desliguei o computador. Levantei-me, abaixando-me com as mãos, fingindo que conseguia chegar até meus pés. Sempre fui péssima em elasticidade, era mais como uma rocha ambulante. Peguei meu copo de um litro de água, que após um dia, e com o relógio marcando dez horas, com toda certeza, deveria estar vazio. Porém, ainda sobrava no mínimo um quarto. Naquela noite, em questão, descobria que era péssima em várias coisas, até mesmo, me hidratar.

Ajeitei minhas coisas da forma mais prática, jogando tudo dentro da bolsa sacola que levara. Apaguei a luz da sala, e em seguida, fui em direção aos elevadores. Chamei o elevador, e olhei para meu celular, notando algumas mensagens de Marcelo, tão vagas quanto o seu desaparecimento repentino. Ele parecia

ter escolhido um tempo para pensar sobre Luíza e ele, porém, não entendia onde me encaixava. Talvez, como a amiga que escuta tudo e ainda, tenta ajudar. Ainda me senti em um redemoinho de sentimentos sobre ele. *O que adiantava ele ser a segurança que necessito, se parecia tão vago para o meu amor?*

Ouvi as portas do elevador se abrindo, e logo entrei, sem olhar para quem estivesse dentro, apenas reconheci sapatos masculinos, e me obriguei a ser educada.

— Boa noite. — falei, e não esperei uma resposta.

Ao menos, não *daquela* pessoa em especial.

— Boa noite, Jéssica.

Por um momento, pensei estar delirando, porém, assim que levantei meu olhar, não soube em que momento conseguira ficar próxima dele e não me sentir viva. Contudo, os olhos verdes de Guilherme Rivera nunca me pareceram tão mortos como naquele exato instante. Segurei-me para não perguntar nada.

Enquanto meu corpo reagiu, como se tocá-lo fosse uma necessidade. Minha mente recriou por ainda ser uma covarde e não ter lhe perguntado o que todos apenas papéis *realmente* significavam, assim como meu coração, resolveu corresponder a

sua presença, e ameaçar quase saltar pela boca. Deveria não gostar dele. Repudiá-lo. Porém, não era aquilo que sentia. Não à sua frente.

A distância, tudo era mais simples. Naquele momento, eram apenas quatro paredes, e poucos metros quadrados, quase nada, na realidade. Olhá-lo me fazia lembrar de como descobri sobre Luíza e Marcelo, e como me senti quando contei a verdade para meu amigo. O quanto pensei sem simplesmente correr a sua casa e lhe perguntar a verdade, enfrentar o que fosse. Mesmo que a realidade fosse que Guilherme não era um homem confiável. Porém, dei ao destino a escolha, e ali, estava minha resposta. Porém, nenhuma pergunta saiu. Nenhuma palavra.

Ele desviou o olhar, permanecendo encostado contra a parede de metal, e notei as olheiras sob seus olhos, e a forma como seu terno estava amassado e desalinhado. *Por que parecia me importar tanto?* Minutos atrás, era como se ainda estivesse pensando nos motivos de estar no meio de Marcelo e Luíza, e porque me prostrei de tal maneira. *Pela verdade?* Talvez. *Por me preocupar com Marcelo?* Talvez. *Por que queria esquecer o que Guilherme me fez sentir e me obrigar a sentir o mesmo por*

Marcelo, quando o encontrei naquele café? Era a maior pergunta, entretanto, a resposta que não queria.

O elevador finalmente parou, e chegamos a garagem. Soltei o ar que mal sabia que segurava, quando simplesmente, senti seu corpo passar por perto do meu, porém, sem me tocar. Foram meses longe e ali, parecera uma eternidade. *Por que ele ainda mexia comigo?* Eu nem sabia quem ele era. Não de verdade.

Alguns momentos com alguém não deveriam importar tanto. Tinha anos de amizade e um namoro com um homem que deveria ser o meu mundo. Culpei-me, assim que entrei no carro e coloquei a música para tocar. Culpei-me por me sentir de tal forma. A música pareceu querer falar comigo, e jogar em meu rosto, que não era possível controlar os sentimentos. Entretanto, sabia que era necessário.



— O bom filho a casa torna. — provoquei, assim que adentrei o escritório de Marcelo, e tentei me obrigar a sentir o mesmo que antes. Não era possível. Não poderia ter se perdido daquela maneira. — Finalmente colocou a cabeça no lugar? — indaguei, e parei a sua frente, enquanto ele mexia em algo em sua mesa.

— Bom, eu precisava voltar. Chega de fugir! — confessou e notei que o brilho de seu olhar voltara, como se ele estivesse começando a se reencontrar. — E você, Jess? — indagou, me analisando.

— Na mesma. — falei, e senti-me ainda mais perdida. Os olhos verdes de Guilherme confundindo minha mente. Seu olhar perdido, da noite anterior, preso em minha memória. — E como as coisas estão com Luíza? — indaguei, e Marcelo arregalou os olhos, surpreso.

Ele sabia, nunca lhe perguntava sobre eles. O quis por muito tempo, mas sempre me privei de ser masoquista. *Como cheguei a ponto de ser a razão dele se perder junto a ela?*

— Vou voltar para ela, devia ter feito isso antes. — sua fala sequer me chocou ou me causou a dor que deveria.

Eu o amava, não era? Indaguei-me, e mais uma vez, a mesma conclusão do dia em que lhe contei sobre Luíza, ficou posta a minha frente. Eu tinha mudado. Ele também. Guilherme aparecera em minha vida, e de alguma forma, não viera a sombra de Rafael. Mesmo que tenha tido uma crise, não era sua culpa. Não era ele o problema. Ao menos, não naquele sentido. Ele era o problema de ser um homem que quebrou minha confiança antes mesmo de lhe dar por inteira, e ainda me sentia presa a ele. Presa ao pouco que vivemos.

— Por que insiste nisso? — soltei a pergunta, como se sua resposta pudesse me dar o que precisava. Marcelo era a pessoa perfeita para me explicar como era querer estar com alguém que quebrara sua confiança. Precisava entender.

— Eu a amo, Jéssica. — falou, sem me olhar. — Luíza errou comigo, mas isso não justifica ter feito o que fiz.

— Ela te humilhou no passado e...

Precisava entender como ele conseguia lidar com tudo aquilo. *Como eu poderia lidar com o que apenas olhar para*

Guilherme por alguns segundos, fez-me querê-lo novamente em minha vida? Ele não era para ser o cara certo. O meu cara certo estava a minha frente. *Não estava?*

— Eu aceitei tudo aquilo porque quis, ela não me obrigou a esperar ou correr atrás. — refleti sobre suas palavras, ainda assim, não conseguindo compreender. — E não me arrependo de nada, a não ser os momentos que a magoei.

— Mas ela pisou em você! — refutei, como se aquilo não fizesse sentido. — Isso é um absurdo!

— Não é porque ela o fez, que tenho que agir da mesma forma. — senti o baque de suas palavras, e lembrei da forma como fugi de Guilherme. Ainda mais, da forma como fugia do meu presente, e ainda vivia no passado. Marcelo se levantou da cadeira, e veio até mim, segurando meus ombros com carinho. Seu toque não me causara *nada*. Era o momento mais estranho a sua frente. Quando finalmente comecei a entender que ele não era mais quem queria. — Eu sinto muito se algum dia te dei esperanças de ficarmos juntos, Jess. Você é uma grande amiga, mas eu não posso corresponder como deseja.

— Você é uma marionete nas mãos dela. — falei o que realmente pensava, sem saber me conter. Sentindo o medo de

ser exatamente aquilo novamente para alguém. Não poderia. Não queria. — E ela vai quebrar você mais uma vez, e não vou estar aqui para ajudar com os cacos. — confessei, sabendo que chegara aquele momento. Não podia mais lutar por ele.

— Eu aguento, Jess. — ele sorriu e seu olhar me quebrou ainda mais. Precisava amá-lo, era o certo em minha mente, mesmo que nunca ficássemos de fato juntos. Aquele amor por Marcelo me fazia ver sentido em ainda acreditar no sentimento. Não queria aceitar o que de fato morrera em mim. — Sei agora como descobriu sobre tudo, mas talvez essa seja sua chance de...

Fiz o impensável, avancei sobre Marcelo e uni nossos lábios. *Nada*. Fora o que aqueles segundos, antes de ele me afastar, significaram. Absolutamente *nada*.

— Jess, eu amo minha esposa. — falou de forma pausada, e apenas me senti envergonhada pelo ato. Tinha perdido minha mente. — Eu sinto muito.

— Não, você não sente.

Rebati, dando-lhe as costas, sabendo que era um ponto final. Não existia mais o que um dia senti por ele. O que mais me magoava, era sentir que entrava em uma fase sem controle. Um

sentimento que não deveria ter. Guilherme Rivera como pensamento, e tive a certeza, realmente, perdi minha mente.

A perdi no momento em que o deixei sem saber o que de fato acontecia. Eu prezava pela verdade, e apenas agi como uma *hipócrita*. Mesmo sabendo que fora um gatilho, o qual ainda me perseguia. Precisava colocar a cabeça no lugar e ir até ele. Precisava confrontá-lo e mais, o que ele me fazia sentir.

A conversa que tivera com Marcelo, e a forma como meu corpo reagiu, eram provas. Já passara da hora de focar em meu presente. Consistia, primeiramente, em enfrentar meus medos atuais, e assim, seguir em frente. O passado era uma luta diária, e não queria ser uma acumuladora de lembranças ruins. Se fosse para me lembrar de Guilherme, que fosse com a verdade sobre a mesa.

Era hora de entender quem aquele homem era, e deixá-lo para trás em minha mente. Assim como, começara a arrancar Marcelo de meu coração.

“Acordando no meio da noite
Olhos embaçados na luz do meu telefone
Todas as suas palavras disfarçadas
Me fazendo pensar que você é minha.”[\[29\]](#)

Jessica

Algumas mensagens, e sua falta de resposta não foram menos do que esperava. Desbloquear Guilherme e estar à frente de seu apartamento novamente, fez-me sentir como uma completa irracional. Ele poderia nem estar no Brasil, ou até mesmo, em sua casa. Porém, era o que estava disposta a arriscar após não o encontrar no prédio da editora, e muito menos, ter uma resposta.

Já poderia imaginar Lucas dizendo que era arriscado me ter em mais uma crise, e Willian de outro lado, me obrigando a simplesmente aceitar que aquele homem mexia comigo. Suspirei

profundamente, e toquei a campainha. Poderia ser muita audácia, simplesmente, bater à porta e entrar como se fosse costureiro. Sequer olhava para seu rosto há alguns meses. *Como tudo parecia correto por vir vê-lo?*

Tentava convencer minha mente de que seguir meu coração poderia ser um grande erro, entretanto, não era como se o tivesse feito muitas vezes. O fiz, apenas no passado, e não poderia comparar Rafael a aquilo. Não poderia continuar comparando-o com tudo ao meu redor. Era demais. A conversa que tivera com Marcelo esclareceu que meu passado era apenas aquilo, e não deveria ter tamanha importância.

Não obtive resposta, e a porta continuou fechada. Toquei a campainha mais uma vez, e esperei, caso Guilherme não tivesse escutado. Porém, depois de dez minutos, comecei a estranhar a sua falta de resposta. Ousei tocar a maçaneta e testar se a porta estava trancada, para minha sorte ou azar de Guilherme, não o estava. Adentrei o apartamento, e foi como ser assolada por boas lembranças a respeito de nossos momentos ali. Foram poucos dias, poucas noites, poucos momentos... Entretanto, parecia significar *tanto*.

A verdade era que não queria que Guilherme fosse o vilão que entendi ao ver tais papéis. Buscava uma explicação, para assim, deixar aquilo passar. Poderia nunca mais confiar, entretanto, ouvi-lo era algo que teria que fazer. Se ele fosse um homem diferente do que compreendi, já teria aprendido a lição.

— Olá? — perguntei para o interior vazio, e dei passos para perto da sala. Olhei ao redor e nenhum sinal de Guilherme. Andei mais um pouco, e ousei chegar até seu quarto. Talvez ele estivesse no banho e não ouviu o barulho da campainha. Bati na porta de madeira escura e esperei alguma resposta. — Guilherme? Sou eu, Jéssica!

O barulho do chuveiro não me passou despercebido, e então, adentrei o quarto. O primeiro passo foi impedido ao bater o pé em uma garrafa de vodca vazia. Encarei ao redor um pouco perdida, e pensei no que estaria acontecendo. Não era um cenário incomum para mim, infelizmente.

— Guilherme? — aumentei o tom de voz, e não ouvi sequer um barulho.

Assustei-me e resolvi seguir meu instinto. A passos rápidos cheguei ao banheiro e dei de cara com a cena que fez meu coração falhar uma batida. Guilherme estava caído dentro do box,

com a água caindo sobre sua cabeça, sentando de qualquer forma, ainda vestido e claramente, desacordado. Assim que fiquei a sua frente, desliguei prontamente o registro, e notei uma outra garrafa quase vazia em sua mão esquerda.

— Deus do céu! — falei, e toquei seu rosto. — Guilherme...
— falei, e ele não se mexeu. Completamente apagado.

Usei toda minha força para tirá-lo dali, e consegui colocá-lo sobre o tapete do quarto. Rapidamente, comecei a tirar as roupas molhadas e peguei uma toalha no banheiro, secando-o. Corri até o closet e peguei uma cueca e calça de moletom, vestindo-o com cuidado, enquanto analisava seus sinais. Ele respirava de forma lenta e leve, como se dentro de um sonho bom. A realidade, parecia um completo pesadelo.

— O que aconteceu com você? — indaguei, lembrando-me de sua falta de resposta par aminhas mensagens e olhar perdido no elevador.

Por que ele faria algo assim?

Com muito esforço, levantei-o novamente e o coloquei sobre a cama. Analisei seu belo rosto e pensei para quem poderia ligar. Davi Rivera foi o primeiro nome que se passou por minha

mente, entretanto, não conseguia compreender a relação entre os irmãos. Parecia algo delicado, e simplesmente, não poderia tomar partido algum, além de cuidar dele. Senti-me incumbida de tal tarefa, como se não pudesse simplesmente deixá-lo ali.

— Quem é você? — perguntei, ajeitando sua cabeça sobre o travesseiro, e em seguida, analisei novamente seu belo rosto.

Senti meu coração disparar, assim como a preocupação que ainda me assolava. Não esperava encontrá-lo de tal forma. Não esperava tê-lo caído a minha frente, desacordado. Apenas esperei uma conversa, e ela com toda certeza, seria adiada. O que se passava por minha mente era que precisava de ainda mais respostas. Principalmente, sobre mim mesma. Suspirei profundamente, e me sentei do outro lado da cama, parando apenas para olhá-lo.

Tinha que esperar, e entender seus mistérios, assim como, os meus próprios.



Dividi-me entre ler um livro em meu celular, e comer um pedaço do bolo de chocolate em sua geladeira. Talvez fosse algo invasivo, entretanto, não mais do que ter praticamente o tirado de um chuveiro desacordado. Suspirei, tomando um longo gole de água. Já se passavam das nove da noite, e ainda permanecia ali. Poderia ter deixado uma mensagem em seu celular e ido para casa. Entretanto, não consegui deixá-lo. Deixá-lo em meio ao pânico meses atrás fora mais simples. Naquele instante, completamente dona de minha razão, não fora de tal forma.

— *Jéssica?*

A pergunta soou como um chamado, e sua voz rouca um pouco fraca, demonstrou o quanto ele estava exposto, antes mesmo de levantar meu olhar para sua figura. Guilherme estava com uma mão atrás da cabeça, como se orientando a respeito do próprio ambiente.

— Ei. — respondi, engolindo em seco. Permaneci sentada no sofá, sem saber realmente o que falar. Porém, resolvi começar pelo básico. — Quer dizer, oi.

— Eu ainda estou sonhando? — indagou, como se para si mesmo. Passou a mão por seu rosto e pareceu tentar acordar. Olhei-o sem entender suas palavras. — Não sei o que está acontecendo.

— Talvez não saberia, caso tivesse bebido duas garrafas de vodca. Acho que estaria em coma, na verdade. — falei, e notei seus olhos se arregalarem no mesmo instante.

— Você está.... Está mesmo aqui. — pareceu finalmente compreender a realidade. — E ainda... — olhou pra si mesmo e sorriu, claramente, sem vontade. — Cuidou de mim.

— Eu esperava encontrá-lo ao menos acordado quando decidi vir, mas... Não o deixaria da forma que encontrei. — comentei, e Guilherme assentiu, como se entendendo o que dizia.

— Eu sinto muito. — pronunciou rapidamente, dando passos para perto, e logo se sentando na poltrona a minha frente. Logo levou a mão a cabeça e a abaixou, deixando os cotovelos sobre as pernas. Parecia um garotinho perdido e não o homem devastador que conheci. Muito menos, o mentiroso que vi na noite que descobri os papéis. — Eu... Não penso em mais nada racionalmente há muitos dias.

— Se precisar de um tempo sozinho, eu entendo. — falei, e busquei seu olhar, entretanto ele permaneceu abaixado.

— Não sei como contar... Não sei como te falar tudo o que sou, e a culpa que carrego. — confessou, e em cada palavra, vi-me em sua posição. Era como se estivesse conversando com meu reflexo. Seu olhar verde encontrou o meu, e a dor em seus olhos era óbvia, assim como o medo. — Eu não sou o homem que pensa, e talvez aqueles papéis já te convenceram disso. Mas eu juro que nunca, *nunca* investiguei nada a seu respeito... Eu não sabia quem você era, Jéssica.

Guardei suas palavras, e as levei diretamente para meu coração, como se tentando acreditar. Era difícil, não era a pessoa mais fácil para aquilo. Entretanto, mesmo não acreditando, ainda permaneci ali, ouvindo.

— Minha família foi quebrada há cinco anos, quando minha irmã mais nova faleceu. — começou e notei sua voz falhar. Ele não me parecia preparado para falar. — Seu nome era Branca, e ela era adotada. Davi e eu sempre fomos unidos, e com ela, nos tornamos um trio. Ela era a nossa princesa e prometemos nunca deixar que nada a fizesse sofrer. Pode parecer uma promessa

besta de irmãos mais velhos, mas... Significava tudo para mim, ainda mais, quando fui a pessoa que partiu o coração dela.

O que?

— Branca não me via como seu irmão, ao menos, depois de um tempo, não mais. Ela se declarou para mim... — sua voz quase não saiu, e arregalei os olhos, completamente surpresa. — Ela disse que me amava, como uma mulher ama um homem.

— Guilherme, não...

— Pensei que nunca conseguiria falar abertamente sobre isso com alguém, mas... Eu preciso, apenas, me deixa falar sobre. Preciso tirar isso de mim. — confessou, como se implorasse, e notei seus olhos marejados. — Preciso.

Assenti e fiquei encarando, com medo do que viria a seguir.

— Eu a rejeitei, porque... Porque nunca a vi de tal forma. Ela era minha irmã, minha caçula e... Branca mudou depois disso. Ela passou a beber, a conhecer pessoas diferentes do seu ciclo habitual e, pedi ajuda para os meus pais. Pedi a eles que me ajudassem a fazer Branca entender que era uma loucura, que ela estava confundindo as coisas. Ela era mais nova e... Bom, não funcionou. Os anos passaram, e tentávamos lidar com aquilo.

Mas Branca insistia em dizer que me amava. Escondemos de Davi, com medo de que a repreensão dele sobre ela, piorasse tudo. Porém, tudo aconteceu sem que pudéssemos pensar. Uma noite, Branca me ligou, ligou... e não atendi. Eu estava a evitando, tentando fazê-la me esquecer daquela forma. Naquela noite, ela sofreu um acidente, o carro explodiu e... ela morreu. — suas palavras cortaram meu coração e lágrimas desceram por seu rosto. — Isso destruiu minha família, assim como minha relação com Davi. Quando ele descobriu o que a fez estar naquele bar, o que escondemos... Ele me culpou. Eu me culpei. E os papéis que viu foram...

— Danem-se os papéis! — cortei-o rapidamente, sem conseguir duvidar de qualquer palavra que saía de sua boca. — O que aconteceu nos últimos dias? — perguntei, sabendo que tinha mais. *Muito mais.*

— Comecei a beber para dopar meus pensamentos, minha culpa... Descobri que Branca está viva há algumas semanas, e hoje, descobri o que de fato aconteceu com ela há cinco anos. — confessou e arregalei os olhos, encarando-o incrédula. — Enterramos outra pessoa em seu lugar.

— O que? — minha pergunta quase não saiu.

— Eu não soube o que pensar a princípio também, mas.... Eu a vi, Davi também estava lá, sua esposa... *Era ela*, e... Ela desmaiou assim que me viu. — confessou e senti minha cabeça rodar, como se em busca de alguma resposta concreta. Parecia uma completa loucura. — Ela perdeu a memória pelo que descobrimos, há cinco anos.... Há cinco anos que enterramos alguém que pensamos ser ela. Meu pai foi quem a reconheceu, mas sabemos que devido a explosão não tinha... — ele paralisou, como se não conseguisse prosseguir.

— Mas... — fiquei estática, sem conseguir compreender.

— Eu não sei o que fazer, Jéssica. Eu não sei o que está acontecendo. — confessou, como em desespero, e não pude me conter. Fui até ele, toquei seu rosto, e o trouxe para mim. — Meus pais chegam amanhã e ela quer vê-los, assim como me ver. Mas não sei como encarar isso. Não sei como me olhar no espelho. Estou perdido.

Abracei-o e deixei que me usasse como seu ponto de paz. Guilherme desabafou chorando, como se em busca de calma. Ele parecia tão perdido, que senti meu corpo todo sofrer junto. Existia alguma ligação entre nós, algo que nos mantinha perto. Que me

mantinha ali, ao seu lado, mesmo sem compreender o que diabos de vida ele teve.

— Eu sinto muito por te trazer para isso... Só me lembro de beber, beber e... Buscar esquecer que é real. — confessou. — Não é como se não estivesse feliz por vê-la, eu só... Não consigo acreditar. Eu a enterrei, Jéssica. Eu...

— Shhhh. — falei, e trouxe seu rosto para cima, fazendo-o me encarar. — Não é um bom dia para pensar sobre isso, apenas, tente se acalmar.

— Não duvida de mim? — indagou, e neguei com a cabeça.

— As pessoas podem fingir muita coisa, Guilherme. Entretanto, culpa, não é uma delas. Não para mim. — falei por fim, e ele assentiu.

— Os papéis sobre Davi eram sobre uma investigação que meu pai fazia sobre ele... — começou a falar, antes que pudesse impedi-lo. — Davi mudou depois que Branca se foi, ou depois que ela foi levada no lugar da garota que enterramos... — levou uma mão ao rosto e passou pelas lágrimas. — Ele fingiu que morremos junto a ela naquele dia, e se tornou uma outra versão

de si. Um homem frio e calculista, que apenas almejava a presidência, como se fosse um prêmio para todo trabalho que se jogou. Meu pai queria que Davi voltasse para a família e tentou entender o que meu irmão planejava, porque existiam requisitos específicos para ele ser o presidente.

— Um casamento? — indaguei, como se presa a um romance clichê. Como se Davi fosse um CEO frio e fosse usar alguém apenas para conseguir o que queria. Até mesmo, fazer algum contrato para tal coisa.

— E um filho. — Guilherme complementou. — O que tinha sobre ele era a respeito do passado, para descobrir se ele faria algum contrato com alguém e... fingiria absolutamente tudo por apenas poder. — complementou e me encarou com tristeza. — Nunca pesquisei sobre você, *eu juro*. Eu juro que...

— Não faça juramentos. — pedi, e toquei seu rosto, limpando as lágrimas perdidas. — Apenas se acalme e vamos comer algo, assim, podemos conversar.

— Obrigado por me ouvir. — falou e me afastei de seu corpo, dando-o espaço para se levantar.

E sabia que ele tinha mais para falar. Ainda sobre a irmã que de repente não estava morta. Aquela história fez minha mente girar.

— Obrigada por confiar em mim sua história.

Senti-me perdida diante daquilo, mas era a realidade. Guilherme acabara de confessar parte de si, e entendia que era muito além de uma simples confissão. Ele *precisava* daquilo. Falar a respeito do que mais nos dói era complicado. Não era fácil e entendia bem. Entendia tanto, que finalmente começara a compreender porque fiquei ali. Porque ia além do que conhecia de alguém. Guilherme não parecia me dar partes. Acabara de se entregar por inteiro.

“Diga-me como viver neste mundo
Diga-me como respirar e não sentir dor
Diga-me, porque eu acredito em algo
Eu acredito em nós.”[\[30\]](#)

Guilherme

Era um dia crucial.

Olhei-me pelo espelho e suspirei profundamente. Pensando em como tudo se sucedeu, e em como nunca sequer desconfiamos, apegados a dor, e ao fato de não termos muito do corpo para reconhecer quando Branca se foi. A mensagem de voz que Davi me deixara, presa em minha mente. Não tinha mais como fugir daquilo, ainda mais, com Branca querendo ver nossos pais. Me ver.

Ainda mais, sabendo que teria uma conversa com Davi antes mesmo daquilo. Era uma carga muito grande, como se o

passado batesse a porta de uma vez, e no segundo seguinte, ela estava esparramada sobre o chão. Saber que Branca na realidade fora sequestrada no lugar de outra mulher, e passado seja lá o que for, já que os investigadores não conseguiram chegar mais a fundo, era o que mais me atormentava. Se eu tivesse atendido o telefone, tudo poderia ser diferente. E ela não teria passado por tudo aquilo. O que sequer se lembrava.

Saí do banheiro e segui para a sala, onde encontrei, Jéssica adormecida. Ela parecia muito bem esparramada pelo sofá gigante perto de seu pequeno corpo, entretanto, ainda sabia que não era tão confortável quanto uma cama. Sabia também, que ela não conseguia dormir ao meu lado, e mesmo não compreendendo a fundo seus motivos, a respeitava.

Agachei-me ao seu lado, e toquei levemente seu rosto. Ela se mexeu, mas não fez menção alguma de abrir os belos olhos azuis. Sorri, encantado com ela. Apenas a olhar, trazia-me um momento de paz. Era o que precisava naquele momento. Estar nos seus braços, ontem, e confessar meu maior pecado, foi como tirar o que estava entalado em meu peito há tantos anos. Era como finalmente, colocar para fora. E ela ficou. Escutou-me. No fim, pareceu entender. Ao menos, *tentou*.

— Ei, *nena*. — sussurrei baixinho, e balancei de leve seu ombro, na intenção de acordá-la.

Em poucos minutos, ela soltou um longo suspiro, e seus olhos encontraram os meus. Ela pareceu não entender ao certo onde estava, mas logo que olhou ao redor, foi como se localizasse.

— Eu adoro esse sofá. — falou, e tive que sorrir de sua peripécia. — Bom dia. — aquela simples frase, pareceu tocar-me profundamente, como se fosse algo rotineiro entre nós. Como se estivesse começando o dia ao lado da mulher certa.

— Bom dia.

Ela sorriu, e finalmente se sentou, alongando o pescoço e braços. O que mostrou claramente, que o sofá não era a melhor opção.

— Vai ver sua irmã hoje? — perguntou, e notei que seu tom não mudara comigo, nem mesmo a forma que me encarou. Jéssica não parecia me julgar, muito menos, ter pena. Aquilo significava muito. Mais do que ela poderia imaginar.

— Vou. Na verdade, primeiro falarei com Davi e... Vamos ver. — deixei solto no ar, porque realmente não sabia o que

esperar de meu irmão, e não queria que ele falasse comigo, porque nossa irmã nos queria por perto. — E você? — indaguei. — Vai para o trabalho?

— Sim. — deu de ombros. — Felizmente, hoje entro só na parte da tarde. Está tendo algum tipo de reunião de manhã que não preciso estar a par.

— Se quiser ficar e descansar, sintase em casa. — falei e dei um passo a frente, tocando levemente meu rosto. Notei a surpresa em seu olhar, não por meu toque, mas pelo que oferecia. — Obrigado mesmo por ter ficado... por ter acreditado em mim, *nena*.

Depositei um beijo em sua testa, e notei um pequeno suspiro escapar de seus lábios. A realidade era que queria tomá-los como meus, porém, não parecia ser o momento certo. Talvez, faltasse enfrentar o que tem me consumido desde o momento em que vi Branca novamente. Precisava me sentir em paz, para poder estar com Jéssica. Aquilo, se ela ainda me desejasse de tal forma.

— Você não muda, espanhol. — reclamou, e me tirou um sorriso verdadeiro.

Em poucas horas de sua presença, ela me fizera sorrir mais do que o fiz desde que nos afastamos, e ainda mais, de acordo com os últimos dias. Tinham sido momentos complicados, e as vezes, imagino que o afastamento com ela tivera algum sentido.

Não poderia trazê-la para meu mundo devastado. Entretanto, ali estava ela, pegando-me no último segundo de ar, salvando-me de mim mesmo. Meu coração a indicava como *minha*, e sabia, que cedo ou tarde, iria me entregar. Faltava muito pouco, e temia por completo aquele sentimento, mesmo não podendo evitá-lo.



A subida no elevador até o apartamento de Davi, tornou-se angustiante. Pensava a respeito de sua mensagem de voz, e ainda mais, sobre o que ele disse sobre Branca querer nos ver. Nossos pais já estavam na cidade, e eufóricos porque Davi queria

uma conversa. Mal sabiam eles, que teriam a melhor surpresa de suas vidas. Não seria apenas um filho de volta, seriam dois.

Abri a porta do apartamento, como ele me indicou assim que interfonei, e tentei ao máximo não parecer tão tenso. A realidade era que nunca imaginei que aquele dia de fato chegaria. Que conversaríamos sobre o que acontecera há cinco anos. Tentei tantas vezes, que suas negativas, tornaram-se uma constante em minha vida. Nunca imaginei que ao fim, mudaria. Que ao fim, Branca apareceria e começara a colocar nossas vidas no eixo mais uma vez.

— Eu ouvi sua mensagem na caixa postal. — comecei, notando o olhar preocupado de Davi. Parei a poucos passos da porta de entrada, com medo de ser ainda mais invasivo que antes. — Eu não te julgo por ter me culpado pela morte dela. — suspirei, completamente frustrado. Era a realidade, não tinha como julgá-lo por o fazer, se eu mesmo o fiz. — Eu me culpei, *hermano*. Por todos esses anos, não teve um dia sequer que não me lembrei das palavras dela e quis que fosse eu naquele carro.

— Mas não era ela lá. — Davi falou, e notei que parecia a única pessoa centrada ali. Eu já estava a ponto de desabar. Falar sobre aquilo sempre me desestruturou. Ainda mais, a frente de

Davi. Ele deu um passo à frente, um pouco hesitante. — E mesmo que fosse, um dia estaríamos tendo essa conversa. Peço perdão por tudo, irmão! Por tudo que te acusei, que...

— Não precisa. — rebati rapidamente, sabendo porque ele o fazia. Senti a mágoa por aquele momento acontecer, justamente, quando Branca aparecera. *Por que não antes, hermano?* Queria perguntar, mas me contive.

— Preciso sim! — falou no tom autoritário que tanto conhecia, mas abriu um leve sorriso no final. Aquele gesto, fez-me lembrar de quando ainda éramos próximos. — Eu acusei você e nossos pais, pela morte dela. Mas nunca, nunca me coloquei no lugar de cada um.

— Até Branca aparecer viva. — soltei de uma vez o que pensava, e não pude evitar a mágoa em minha voz.

— Até Manuele chegar ao meu coração. — suas palavras me pegaram de surpresa. — Não foi Branca que me fez enxergar o quanto errei. Acredite ou não, quando conversamos naquele dia, eu percebi o que tinha feito com Manuele, a proporção que tudo aquilo tomou. Nosso próprio pai me investigou... Tem noção do que é isso? Éramos uma família, e pelo luto, escolhi perder todos em uma única noite.

— Você teve suas razões, Davi. — falei, sentindo-me perdido diante do que ele falava. Não conseguia imaginar que Davi, o que semanas antes parecia o homem mais frio que já conhecia, estava falando a respeito de sentimentos comigo, e claramente, sendo sincero.

— Escuta bem! — deu mais alguns passos e segurou meus ombros. Encarei-o sem conseguir evitar a vergonha. Sem conseguir pensar em tudo que nossa irmã passou porque não atendi um telefonema. O que todos nós passamos. — Você não tem culpa!

— Fui eu, *hermano*. Fui eu que a reneguei e por isso ela começou a frequentar bares... Por isso ela passou a beber... Branca era inteira e eu a quebrei. — confessei, e fechei os olhos por um momento. Lembrando-me da garotinha que era nosso mundo, e de repente, tornou-se a pior versão de si mesma. Tudo porque a reneguei. E naquele exato momento, não tinha a mínima ideia de seu passado, e mal sabia quando poderíamos falar sobre.

— Você foi sincero com ela. — segurei as lágrimas que queriam descer, lembrando-me daquela época. — Eu julguei você e nossos pais, por ser o único a não saber dos sentimentos de

Branca para você. Mas eu não tinha esse direito! Ela se apaixonou... Pessoas se apaixonam todos os dias, Guilherme. Só que muitas vezes, não é pra ser. Você não a amava da forma que ela queria, não podia compactuar com aquilo apenas para que ela não sofresse.

— A última ligação dela foi pra mim. — confessei derrotado. — Se eu tivesse atendido... Se eu...

De repente, apenas deixei meu corpo ceder. Desmoronei. Davi me amparou em meus braços, como se estivesse cuidando. Como ele o fizera, antes de tudo se tornar um caos. Antes de nossa família se estilhaçar. As lágrimas corriam por meu rosto, e o seu toque, apenas me lembrava do quanto foram difíceis os últimos anos.

— O destino tem suas façanhas, *hermano*. — assustei-me com sua fala, ainda mais por mesclar com espanhol. Era algo da nossa época antiga. — E Branca está viva, tem que focar nisso.

— E se ela lembrar, Davi? — afastei-me e o encarei perdido. — E se ela lembrar que fui a causa de seu maior sofrimento?

Era o que mais temia.

— O tempo passou... Ela cresceu e se tornou uma mulher ainda mais incrível, e está noiva de um cara que consigo ver de longe que ama. — senti-me mais aliviado diante daquilo, entretanto, a respeito do futuro, *não do passado*. — Ela é feliz, e você tem que estar firme pra ela.

— Tenho medo de magoá-la novamente. — fui sincero. — Eu fui até você na fazenda aquele dia, porque imaginei poder ajudar com Manuele, mas então, Branca me viu e... Desmaiou! — lembrar-me daquilo, partia meu coração.

— É isso que fazemos, somos humanos e magoamos uns aos outros. — Davi brincou, mostrando uma parte sua que a muito tempo não via. Levei as mãos ao rosto e limpei as lágrimas espalhadas. — *Hermano*, eu quero que me perdoe... Por ter sido tão cego. — frisou cada palavra, e notei que realmente estava arrependido. Porém, não era como se pudesse o odiar por aquilo. Nunca o fiz.

— Está tudo bem, *mesmo*. — falei, tentando tranquilizá-lo. — Apenas preciso entender o que fazer diante de nossa irmã. — confessei, e ele assentiu, como se entendesse como era difícil para mim. Ele não entendia, infelizmente. *Ninguém o fazia*.

— Seja o irmão dela.

— Isso é tão bizarro. — falei, olhando ao redor, e indo em direção ao sofá, notando que meu corpo ainda parecia um pouco fraco depois do *porre* de ontem à noite, e ainda mais, por desabar tão facilmente ao falar daquele assunto. — Conversar com você depois de tantos anos, vê-lo tão diferente do habitual, nossa irmã viva... Eu passei dias enfiado no álcool tentando entender como não desconfiamos de nada. — confessei, e notei que Davi parecia sentir o mesmo.

— Não tinha como ter desconfiado. — passou as mãos nos cabelos, demonstrando sua frustração. — Você deve ter lido o que li, certo? — assenti, lembrando-me dos papéis que ele me enviara, onde descobriram todo o caminho que Branca percorreu até o Paraná. Porém, ainda eram muito vagos. — Conversei com ela sobre isso, sobre o que aconteceu. Ela não sabe sobre o que sentia por você, mas acho que as lembranças, ou até mesmo uma conversa entre vocês resolverá isso.

— Espero nunca ter que falar sobre aquilo. — admiti, fechando os olhos, completamente sincero. — Não soube lidar com isso naquela época, não sei lidar agora.

— As coisas mudaram, Guilherme. — Davi se sentou no sofá a minha frente. — Não tem porque sofrer ou se culpar por

algo que passou.

— Vou tentar. — falei, tentando convencer a mim mesmo daquilo. — *Mamá e papá* estão ansiosos para te ver. Me ligaram animados, porque sentem falta do filho mais velho, da nora e do neto a caminho. — contei-lhe e Davi abriu um sorriso que a muito tempo pareceu ser perder.

— Eu a amo. — confessou como se fosse simples. Sorri, notando que meu irmão parecia finalmente voltar a sentir. — O que foi?

— Demorou pra perceber, *hermano*. — não resisti em provocá-lo. — Estava na sua cara, a forma como a protegeu, as fotos em rede sociais... Podia ser no começo para convencer nosso pai, mas até ele notou que você estava se “esforçando” demais. — fiz aspas com os dedos e sorri, diante de seu semblante neutro.

— Tudo entre nós aconteceu naturalmente... E pensei em contar a ela a verdade por muitas vezes, mas temi que ela me deixasse. — confessou, surpreendendo-me em partes. — Eu não pensava na empresa quando queria contar, pois era nela que me preocupava... do fato que ela não ia me perdoar. Como perdoaria? E ela realmente, não o fez. — suspirou, claramente

frustrado. — Hoje ela me ligou e pediu para pegar os desenhos que estavam aqui... Ela levou muito mais, na realidade, levou tudo o que era dela.

Podia notar a dor em sua voz ao falar sobre. Com toda certeza, seria um longo caminho até se acertarem.

— Quando discutimos naquele dia, eu soube o quanto ela mexia com você. — falei com calma. — Ela te ama, isso é óbvio. Precisa de um tempo para absorver tudo isso, e com certeza, de espaço. Mas não será fácil tê-la de volta.

— Não espero isso.... Mas, ainda assim, tenho esperança. — balançou a cabeça no segundo seguinte. — Estou parecendo nosso *papá*! Jesus!

Não resisti, e acabei gargalhando, sabendo que aquele homem a minha frente, era tão louco por sua mulher, que daria o mundo a ela. Tal pensamento, lembrou-me de Jéssica. Pensar sobre ela, era algo cotidiano. Nunca pensei, que quando me encantei com sua voz meses atrás, ela se infiltraria por todas minhas barreiras. Porém, era a realidade. *Ela estava em meu coração agora.*

O interfone tocou, quebrando meus pensamentos, e de repente, senti-me tenso novamente.

— Deve ser Branca. — Davi falou o óbvio e logo o vi ir até o interfone e liberar sua entrada. — Ela só precisa dos dois irmãos, *hermano*. Apenas isso. — falou, como se entendesse que era muito difícil. Assenti, respirando fundo, mas permanecendo sentado no sofá, sem conseguir sair dali.

Davi se levantou, e pareceu um pouco nervoso. Como se ele também não soubesse ao certo como agir. Talvez levasse um longo tempo para que realmente tivéssemos noção. Minutos depois, a campainha soou e senti meu coração basicamente pular da boca. Davi me encarou um tanto quanto preocupado, mas assenti para o mesmo, como quem diz: *tudo bem*. Apenas, estava surtando.

Levantei-me, assim que a notei entrar a passos lentos no apartamento. Ela permanecia a mesma, a grande diferença eram os cabelos loiros curtos, em relação a como eram há cinco anos. As sardas espalhadas pelo rosto fino, pareciam ainda mais evidentes, assim como as pintas no lado direito de seu rosto. Os olhos claros pareciam esperançosos. Ao mesmo tempo, ela parecia tomar cuidado.

Paralisei, sem saber o que fazer, enquanto a via interagir com Davi. Os dois agiam de forma tão simples, que não parecia que tudo se perdera há cinco anos. Que a perdemos durante todo aquele tempo.

Logo ela se afastou de Davi e deu passos em minha direção, com um sorriso contido no rosto. Não soube o que fazer, muito menos o que dizer. De repente, tudo parecia voltar para seu devido lugar. Queria lhe pedir perdão, ao mesmo tempo, ajoelhar-me e agradecer aos céus por ter uma segunda chance como seu irmão. Ali estávamos nós. De repente, ela estava em meus braços, como se me reconhecendo.

Meu corpo agiu, passando os braços sobre o seu, e tentei segurar a emoção daquele momento.

— Oi, irmão. — ela falou baixo, e senti minha garganta apertar, assim como meu coração. — Eu sinto muito por não lembrar. Estou tentando, e tive alguns lapsos sobre nós na praia. Conte para Davi sobre, e acho que é justo lhe falar também.

Lembranças. Ela as tinha, ou ao menos, estava voltando a ter. Teríamos que lidar com aquilo, tinha a certeza. Caso ela se lembrasse do que a fez parar naquele bar, lembrar-se de mim de outra forma... Iríamos ter que lidar. Porém, por enquanto, apenas

aceitaria a benção que tinha. Era minha caçula, novamente, em meus braços.

— Oi, princesa. — falei, e seu olhar encontrou o meu. — Era a forma com o te chamávamos. Ao menos, eu e nossos pais. — confidenciei.

— Percebi que Davi tem um modo diferente. — complementou, e assenti. Ele sempre a chamou de *nená*.

Sorri, ao pensar que tudo em minha vida parecia começar a se encaixar. Que ao redor, nada mais me faltava. O olhar de Jéssica me veio em mente, e lembrei-me que era daquela forma que a chamava. Não saberia explicar porque, nunca fui adepto a apelidos carinhosos, porém, com ela, soou algo natural.

— Eles estão subindo. — Davi falou alto, e Branca o encarou, ficando tensa rapidamente. Dei-lhe espaço necessário para se afastar, e ela praticamente correu até os braços do homem moreno que descobrira se chamar Hugo, e ser irmão de Manuele, que a acompanhava. Sorri, feliz por saber que ela tinha alguém. Ao menos, era um conforto saber que ela não ficara sozinha por todo aquele tempo. Que ela encontrara o amor. — Vou conversar com eles, para que estejam preparados com isso. Podem ficar no meu escritório. Eu os chamo assim que terminar.

Nossos pais estavam chegando e imaginava a forma como ficariam. Porém, um sorriso se abriu em meu rosto no mesmo segundo. Peguei meu celular e mandei uma mensagem para Jéssica, torcendo para que ela aceitasse me ver naquela noite. Estar ao lado dela, contar-lhe o que aconteceu, esclarecer ainda mais as coisas, era o que me faltava. Ela era, o que me faltava.

“Estou vendo a dor, estou vendo o prazer
Ninguém além de você, além de mim, além de nós
Corpos juntos
Adoraria te abraçar perto de mim, esta noite e sempre
Adoraria acordar ao seu lado.”^[31]

Jessica

Ali estava eu, mais uma vez. A frente da porta de seu apartamento. Suspirei, pois ali, estávamos nós, seguindo por um caminho que não divergia. *Em que momento decidimos que éramos bons um pro outro?* Entretanto, não pude evitar um sorriso, quando olhei para sua mensagem, sabendo que queria me ver, e ainda mais, contar-me como foi seu dia. Ainda residiam algumas perguntas a respeito de sua irmã, entretanto, acreditava que nem mesmo Guilherme as tinha. Era uma história que pertencia a ela.

A porta foi aberta, diferente da outra noite, e o sorriso caído para o lado direito do rosto, tão característico dele, fez-me sentir o seu mundo naquele instante. Era como se os meses longe, apenas fossem o necessário, para dar valor o quanto era estar a sua frente. O quanto aquilo que fazíamos valia a pena. Mesmo que já não soubesse o que de fato estávamos fazendo.

— Ei, *nena*. — falou e me deu espaço para entrar. Notei que sua postura parecia diferente, como se carregasse algo mais leve no olhar.

— Oi. — falei, e lhe entreguei o suco de uva que fiz questão de comprar antes de chegar ali. — Nada de bebidas alcóolicas hoje. — pisquei em sua direção, e sem conseguir me conter, aproximei-me, dando um leve beijo em seu rosto, bem próximo a sua boca.

— Jéssica... — sua voz rouca acertou meu rosto como uma lufada de ar quente.

O cheiro de menta me atingiu, fazendo-me desejar ainda mais seus lábios. Nossos olhares se cruzaram, e então, fora como uma batalha pessoal travada. Sabíamos o que queríamos, nossos corpos conversavam bem, assim como, nossos olhares. Porém,

era hora de nossas mentes, quem sabe, entrarem em uma alguma concessão.

— Acho melhor colocar gelo ou na geladeira. — mudei de assunto, dando um passo a frente, adentrei o apartamento. Seu olhar me seguiu, e ele balançou a cabeça, sorrindo. — Peguei a marca que gosto, porém, até chegar aqui, deve ter esquentado.

— Ok, mandona. — provocou, e logo fechou a porta.

Andei até onde a mesa parecia posta, e sorri, ao notar que Guilherme o fez.

— Tentando me impressionar? — indaguei, virando-me, e logo o vi seguir para a cozinha e guardar o suco na geladeira.

Cruzei os braços, e esperei, enquanto analisava seu belo corpo, se mover levemente até mim.

— Bom, faço o que posso. — provocou, e me indicou uma das cadeiras, logo parando atrás de mim, puxando a mesma. Como sempre, um sedutor nato. — Mas comprei uma boa comida, já que minhas habilidades não vão muito além de saber colocar a mesa. — piscou, e deixou os dedos tocaram levemente meus ombros.

Logo de afastou, e puxou a cadeira para si, surpreendendo-me, sentando-se na cadeira ao lado, em vez de na minha frente.

— Acho que preciso agradecer novamente e... Ainda mais, por aceitar vir aqui hoje.

Olhei-o com carinho e coloquei o cotovelo sobre a mesa, escorando a cabeça sobre minha mão.

— Não precisa disso. — falei, sorrindo levemente. — Acho que ambos temos um passado, e as vezes, o presente pode complicar ainda mais o que aconteceu naquela época. — aquela era a mais pura verdade. — Porém, veja pelo lado positivo, sua irmã está viva e tenho certeza que as coisas vão ficar bem entre vocês.

— Bom, ela me abraçou hoje, como se... Como se não tivessem se passado cinco anos, como se o que fiz a ela não significasse nada... Sei que ela não se lembra, mas...

— Um dia, ela pode lembrar, e as vezes, entender os próprios sentimentos. — dei de ombros, lembrando-me no mesmo instante do beijo com Marcelo. — Às vezes se confunde amor com comodidade, e até mesmo, segurança. — não poderia estar

sendo mais sincera. Entretanto, Guilherme mal sabia que falava de mim, e não de Branca.

— Acho que o amor é um sentimento complicado. — confessou e assenti. Notei que pela primeira vez, era difícil falar daquilo com ele. No começo tudo parecia mais simples. Ali, tudo parecia ter tomado uma nova forma. — Mesmo assim, foi bom estar com Branca, assim como, com Davi. Conversar com meu irmão depois de tanto tempo, falar abertamente.

— Imagino como deva ser. — sorri, ao me lembrar de Lucas. — Tenho uma relação muito forte com Lucas. Nunca comentei sobre, mas ele e meu cunhado são os donos do restaurante em que me viu pela primeira vez na Espanha. — Guilherme pareceu genuinamente interessado. — Lucas é tudo pra mim. Minha família, meu alicerce... Não sei o que seria sem ele. Não consigo me imaginar... — limpei a garganta rapidamente, quando lembranças me assolaram. Ainda não estava preparada para falar, não naquele momento. — Digo, ficar longe dele, é angustiante.

— Ele parece ser legal. — comentou, e logo sorriu diabolicamente de lado. — Quer dizer, se não for tão misterioso quanto a irmã. — provocou.

— Não podemos falar tanto de mistérios, já que você mesmo, é o que carrega muitos deles. — rebati e ele sorriu.

— Na realidade, surpreendentemente, conhece muito de mim... Não tem nada que não saiba. Ao menos, nada tão profundo.

— Acho que devo dizer *obrigada*. — confessei e notei seu olhar mudar, como se não entendesse. — Sei o quanto é difícil se abrir, e você o fez comigo... Sei que levamos bons meses para nos reencontrar, mas...

— Passei a acreditar em destino depois que encontrei a mesma mulher em vários lugares e em países diferentes. E em todos esses momentos, ela me fez sentir vivo, como há muito tempo não sentia. — fui pega completamente de surpresa com sua declaração.

Sua mão tocou a minha, e apenas aquele simples gesto, fez-me sentir inundada por seu olhar. Talvez aquela fosse a resposta que buscasse quando não me senti mais atraída por Marcelo. Talvez aquela fosse a resposta para todos os medos recolhidos e guardados em meu interior. Desde que me permiti viver um dia de cada vez, ainda mais, arriscando-me com um estranho, sentia-me viva novamente. Assim como ele.

— Existem momentos certos, e acho que não existe outro melhor para dizer que gosto de você, *nena*. *Realmente* gosto. Não quero que nos afastemos, e muito menos, perder isso. — seus olhos desviaram rapidamente dos meus, encarando nossas mãos unidas, que pareciam perfeitas uma para a outra. — Sei que temos nossos passados, e um dia, espero que possa confiar em mim, o quanto já o faço com você. Mas por hoje, vamos viver. Assim como vivemos, todos os outros dias juntos.

— Sem promessas, espanhol? — indaguei, levando a mão que estava sob a sua, até seu rosto. Ele assentiu, e logo puxou minha mão para seus lábios, fazendo com que um rastro quente se espalhasse por todo meu corpo.

— Nunca precisamos delas, afinal.

Sorri, e olhei de relance para o jantar. Não estava com fome. Na realidade, não conseguia pensar em comida naquele momento. A forma como Guilherme me encarava, e ainda mais, era sincero, fez-me querer apenas me perder em seus braços. Que nossos corpos pudessem se perder juntos mais uma vez.

— Podemos deixar o jantar para depois? — indaguei, e ele sorriu, levantando-se em seguida, e puxando-me para ele.

— Acho que posso conceder esse humilde desejo, e esquentarmos no micro-ondas depois. Não sou apegado a mesa posta. — provocou, e não consegui resistir, acabei gargalhando.

Logo, meu sorriso cessou. Sua mão tocou meu queixo e o elevou, deixando-me mais próxima de seu rosto. Usava saltos, porém, não muito altos, o que me fez permanecer ali, presa em seu olhar, sem poder alcançá-lo.

— O que você quer, *nena*? — indagou, com a voz rouca e completamente sedutora. Senti-me ainda mais presa. Porém, pela primeira vez, no sentido que tinha a escolha. Assim como a palavra tatuada em meu corpo: liberdade. Aceitava estar ali, porque parecia necessitar de seu toque. Era como o ar que precisava. Naquele momento, comecei a nos compreender.

Se de todas as voltas que a vida dava, estava a sua frente mais uma vez, existia alguma razão. Poderia não ser a mulher mais romântica do mundo, ser até mesmo sensata e fria demais quando o assunto era relacionamentos, porém, aquele homem começara a mudar meu conceito. Talvez porque eu mudara. Talvez porque ambos nos encontrávamos no momento certo da curva. E assim como ele disse, iríamos viver. Uma noite pós outra. Um dia de cada vez.

— Você, espanhol. — falei, e deixei um leve beijo em seu queixo, onde conseguia alcançar. — *Toda la noche*^[32].

Um rosnado surgiu de sua garganta, e sem mais esperar, ele uniu nossos lábios. O seu gosto me invadiu por completo, e não tive um segundo sequer perdido pensando em outro alguém. Era o que finalmente entendera. Sempre que estivera em seus braços, nada mais me importara. Desde a nossa primeira noite.

Minhas mãos buscaram sua pele, e logo as infiltrei por debaixo da camiseta cinza que vestia. Toquei cada pequeno músculo do torso esculpido, e senti-o retesar a cada arranhão. Suas mãos buscaram meu vestido, e aos poucos, apenas senti o frio me atingir por um segundo, no outro, sua pele tocou a minha. Aos poucos, senti meu corpo ser prensado contra a parede, e fui cercada. Nossos olhares se encontraram, enquanto respirávamos descompassadamente. Guilherme não era um homem silencioso, entretanto, as palavras que saíram de sua boca foram completamente fora do habitual.

— O que você fez comigo, *nena*? — indagou, e colocou minha mão sobre meu peito, fazendo-me tocá-lo até chegar a seu pescoço. Juntos acompanhamos a resposta de seu corpo ao meu, como se nenhum de nós tivesse a resposta. Porém, no

momento em que minha mão chegou a seus cabelos e os puxei, em minha direção, nossas bocas se devoraram.

Avancei sobre ele, e suas mãos me levantaram, fazendo-me cruzar as pernas em suas costas. Faltava-me ar. Faltava-me toque. Faltava-me tudo. Porque estava prestes a enlouquecer em seus braços.

Sequer percebi quando ele nos moveu, enquanto apenas buscava tirar as últimas peças de seu corpo, assim como as minhas. Apenas percebi que estava completamente nua, quando caí sobre a cama, e o lençol frio tocou cada parte de meu corpo. Em contraste, o corpo quente me embalou, parecendo querer nos conectar além do possível. Sua boca chegou a minha, e mais uma vez, encontramos-nos em sintonia. Não era momento para preliminares, sabíamos daquilo.

Desci a mão por nossos corpos e o trouxe para mim. Guilherme apenas me encarou, como se quisesse guardar aquele momento, como nenhum outro. Tê-lo sempre foi diferente de qualquer outro homem, porém, ali, pareceu que finalmente, estava sentindo por completo. Fechei os olhos, assim que ele fez o primeiro movimento, quase perdendo o fôlego. Era demais. Era a insanidade do momento.

Uma de suas mãos estava sobre meu seio, e senti a necessidade entre nossos toques. Entre a forma como ele me segurava como se fosse tudo para si. Apenas queria dizer: tome. *Tome tudo de mim!* A outra mão estava em meu rosto, como se me memorizando-o, e logo sua boca pairou sobre a minha, sussurrando, no tom que era decisivo.

— Olha para mim, *nena!*

Não tive como fugir e o fiz. O verde do seu olhar, invadiu o azul do meu, e senti que éramos a combinação perfeita. Minhas mãos estavam em suas costas, e podia sentir sua pele rasgando sob meus dedos. Ele me prendia a si. Porém, nunca me senti cativa. Sentia-me livre para entregar-lhe meu corpo, e principalmente, percebera, meu coração estava a um passo de seguir o mesmo caminho.

“Nós apenas dançamos de costas um para o outro
Tentando manter nossos sentimentos secretamente cobertos
Você me toca e é quase como se soubéssemos
Que haveria história.”[\[33\]](#)

Jessica

Alguns meses depois...

— Finalmente! — gritei, animada e praticamente pulei sobre os dois belos homens a minha frente.

Lucas reclamou, enquanto Willian gargalhou alto, porém ambos me aceitaram com carinho em seus braços.

— Como foi a viagem? — indaguei, assim que nos afastamos, e Lucas deixou um leve beijo em minha testa. — Entrem logo!

Os dois adentraram meu apartamento, cada um com sua mala, e finalmente notei a caixa de bombons nas mãos de meu cunhado.

— O melhor cunhado que eu poderia ter. — falei, levando a mão ao peito, atuando miseravelmente. Will gargalhou e no fim, bateu com a caixa de chocolates em minhas costas. Sorri para ele, pois estava morta de saudades dos dois.

Lucas analisou o lugar e então deixou sua mala em um canto, olhando-me rapidamente.

— Impressão minha, ou você está mais feliz do que de costume? — indagou, e franzi o cenho, sem entender porque entrávamos naquele assunto. — Jéssica!

— O que? — fiz-me de desentendida, enquanto me jogava contra o sofá, e aguardava os dois se sentarem. — Não vamos querer discutir sobre isso hoje, Lucas.

— Ao menos poderia ter me contado e não ficar, ou tentar, ter segredo com o meu marido! — falou nervoso, e levantei as mãos em sinal de rendição, como se fosse culpada. Na realidade, o era.

— Relaxa, Luke! — Will falou, e se jogou na poltrona a minha frente, esticando os braços. — Odeio avião! — reclamou. — Ainda mais, a péssima comida.

— Veja só quem está de mau humor. — provoquei, e ele me encarou, completamente debochado.

— Ao menos, não está soltando corações dos olhos. — Lucas rebateu de longe, e encarei Will espantada.

— Eu não estou agindo como...

— Se fosse a mulher mais feliz do mundo? — indagou, e fiquei perplexa, sem conseguir compreender. — Talvez não a mais, porém, com certeza, está mais feliz do que a vemos a anos... Parece até que acabou de cantar. — falou, e pensei a respeito. Talvez fosse a verdade. Andava me sentindo mais leve do que o habitual. Porém, meus dias, tinham mudado por completo.

Encontrava-me em um emaranhado complexo do trabalho, e me dividia entre Guilherme e um novo livro como revisora. A primeira parte, com toda certeza, andava mais simples do que nunca. Não nos rotulamos, porém, tudo parecia nos favorecer. Sabíamos que estávamos ligados, e ainda, hesitando falar sobre

sentimentos, já que pareciam tão claros quando estávamos juntos. Ao menos, para mim, acreditar em um novo amor era um tanto complicado, entretanto, ali estava, perdida por ele.

— *Então, o diretor me chama a sua sala no meio do expediente?* — indaguei, e ele abriu os braços, como se fosse algo comum. O que realmente não era. — *Falamos que não nos encontraríamos no trabalho.* — acusei, e dei passos para perto dele, e parei a sua frente em seguida.

— *Oi, nena!* — falou, e tocou levemente meu rosto. — *Apenas queria poder ter um beijo antes de começar a trabalhar.* — comentou, e fez um bico, que em qualquer outro, poderia parecer patético, mas que nele, parecia um complemento.

— *Um beijo?* — perguntei, e fiquei a sua altura, já que meus saltos quinze colaboravam. — *Por que não acredito em você, espanhol?*

— *Talvez porque consiga me ler muito bem.* — puxou-me pela cintura, e senti o quanto ele queria apenas um beijo. — *Ou essa sala te lembre de algo.*

— *Guilherme!* — tentei pensar racionalmente, e logo ele deixou um leve beijo em meu pescoço.

— O que? — indagou, e subiu até minha orelha, puxando-a levemente com os dentes. — Você me obrigou a assistir um filme de CEO e isso me deu ideias. — falou, e bati em seu peito, afastando-o.

— A gente colocou aquele filme sem querer, quando você me jogou sobre o controle. — falei o que realmente acontecera. — E mais, só prestamos atenção quando ouvimos gemidos que não eram nossos.

— Pode até ser... Mas me diz, nena, nenhum fetiche com um CEO e sua mesa de trabalho? — indagou e puxou meu lábio inferior com os dentes. — Acho que já cumprimos isso antes, mas...

Ele era terrível, e parecia saber me ler por completo.

— Talvez precise encontrar um CEO primeiro, e assim...

Ele não me deu tempo para responder, e me puxou para si, tomando meus lábios. Ele me fazia perder a razão, e talvez, essa já estivesse entregue de fato. Já que assim que entrei em seu escritório, tranquei a porta.

— Isso foi um suspiro? — a voz de William me trouxe para realidade, e dei um tapa em minha testa, sentindo-me uma

completa imbecil. — Jess, você está apaixonada? — indagou, e aquela pergunta nunca me pareceu tão difícil de responder.

A respeito de tantos outros homens era fácil. Dizer que amava Marcelo era sempre a resposta. Porém, não mais. *Por que era complicado admitir que Guilherme chegara a meu coração?*

— Sei que é difícil para você. — Will falou calmamente. — Jurou amor eterno para Marcelo mais vezes do que posso contar.

— Eu pensei que ele fosse o cara certo. — confessei, sabendo que aquela não era nem de perto minha realidade. — Hoje em dia, sequer nos falamos, e depois do que fiz... Duvido que aconteça novamente.

— O beijo foi uma forma de tentar permanecer no seu passado com ele, Jess. — Will falou, e logo se sentou ao meu lado no sofá, puxando-me para seu ombro. — As vezes, nos acostumamos a aceitar metades, e isso... Isso nunca é amor.

— O que sinto por Guilherme é diferente, e isso me assusta. — confessei, e suspirei profundamente. — Nos entendemos faz mais ou menos dois meses e... Não sei ao certo, Will. Ele parece sempre ficar a espreita, como se quisesse me dizer algo, mas não conseguisse. E eu, na mesma.

— Pelo que me contou em nossas conversas, ele não parece estar ainda preso ao passado. Ele se acertou com a família, está no Brasil trabalhando com o meio editorial e não falou na tal Melina novamente.

— Sim, mas... Nunca mais o perguntei. No começo, era fácil falar de outros.

— Falar de outros amores sem amar alguém é fácil, Jess. — passou as mãos por meus cabelos, e me senti cuidada. — Lucas me ouviu falar sobre uma fila de mulheres até me beijar pela primeira vez.

Sorri, sabendo que era verdade. Willian nunca fora um mocinho na história com meu irmão, talvez por aquele motivo nos entendêssemos tanto. Não éramos pessoas ruins, mas nem de longe, as pessoas mais gentis.

— Eu sinto que fui a megera com Marcelo e Luíza. — comentei, lembrando-me de quando estive entre os dois. — Às vezes quero ligar e dizer que sinto muito, mas minha voz é a última coisa que pode ajudar. Sei disso.

— Você achou que essa história também te pertencesse, mas sabemos agora, que não... Na verdade, eu já sabia. —

afastei-me dele e o encarei. — Que foi? Sempre te disse que Marcelo não era o cara certo.

— Eu sei. — confessei.

Lucas apareceu na sala, e só então notei que tinha sumido com as malas para dentro, com certeza, deixando no quarto de hóspedes que preparei para os dois. Na realidade, o qual era basicamente deles, pois nunca mexia no mesmo.

— Fico feliz em ouvir isso. — Lucas falou, e se sentou do meu outro lado, puxando-me para o seu colo. Sorri, sabendo que aqueles nossos momentos pareciam eternos. Com eles, sentia-me em família. Sentia-me completamente amada.

— Eu fico com as pernas, como sempre. — Will reclamou, e sorri, mexendo-me para ficar confortável, e encarar os dois.

— Sei que te preocupei quando surtei, mas... Foi um gatilho, Lucas. Não soube lidar e...

— Não tem porque se desculpar por algo que foi vítima. — revidou rapidamente, como se entendesse onde queria chegar. Era difícil, mesmo depois de tantos anos, colocar-me na posição correta. Depois de uma crise, sempre me sentia ainda presa a Rafael, aquilo me aterrorizava. — Mas sei que o tal Guilherme

não deve ser uma pessoa ruim. Se o fosse, você nunca teria o visto novamente, Jess.

— Ele só é diferente dos outros. — confessei, e Lucas passou as mãos por meus cabelos, fazendo um leve carinho. — Ele me escuta, até mesmo quando estou reclamando sobre algum livro que me irritou. Ele discute a respeito de filmes, como se fossemos críticos de cinema qualquer. Ele aceita que meu jogo favorito é o novo Zelda^[34], mesmo que ame Final Fantasy XV^[35] e Xenoblade II^[36] o tanto quanto, e até assiste quando resolvo jogar em seu apartamento. Ele entende que não consigo dormir na mesma cama que ele, e nunca insistiu...

— Ele nunca perguntou por que? — Will indagou, e assenti. — Uau, isso me surpreendeu.

— Só que ainda não sei como contar a ele, não consigo... Consegui falar sobre nossos pais, consegui falar sobre como me sinto a respeito de vocês, até mesmo, antes de realmente ficarmos dessa forma, falei sobre meu amor por Marcelo... — levei as mãos ao rosto, como se aquilo fosse absurdo. Talvez fosse. Porém, só naquele momento me dava conta. — Mas nunca consegui pronunciar o nome de Rafael.

— Tome o seu tempo, Jess. Se ele te forçasse a falar, saberíamos que não é boa pessoa. Ele tem seu passado, como você mesma disse, e com toda certeza, entende quando alguém quer espaço. Ele te deixou sair da casa dele sem impedir e...

— Ele me seguiu até aqui, para ter certeza de que chegaria bem. — confessei, o que Guilherme me contara há alguns dias, antes de ter que viajar para Espanha. — Fiquei surpresa, e ainda mais, pelas razões que ele me deu para não ter me procurado durante aqueles meses.

— Ele teria que falar sobre o passado para se explicar, não é? — Lucas indagou e assenti, lembrando-me de sua fala.

— “*Não queria te trazer para o meu inferno pessoal, nena*” — repeti o que ele me disse e fiz aspas com as mãos. — Porém, no fim, aqui estamos.

— Esse *nena* ainda vai te matar, dona da porra toda. — Will provocou, fazendo um leve carinho em meu calcanhar. — Como foi que um espanhol gostosão entrou na sua vida e desestruturou tudo?

— Parece até coisa de livro. — falei, dando de ombros. — Acho que ele apareceu no melhor momento.

— Só espero que esse momento dure até te ver com um vestido branco de casamento.

— Você nunca vai desistir em me casar, não é? — perguntei, e ele negou com a cabeça. — Por que sempre que falamos disso, minha vontade é de ir *pra* Las Vegas e casar vocês dois novamente?

— Porque nosso casamento foi foda. — Lucas falou, e sorri, notando que ele adorava tal assunto. — Finalmente consegui fazer Will beber o suficiente para assumir que me amava. — aquela era uma verdade, e tive que gargalhar.

— O que posso dizer? Sou um homem difícil. — Will rebateu, e piscou em minha direção, mas logo trocou um olhar com meu irmão, que pareceu se prender no dele.

Sorri, imaginando naquele exato momento, se Guilherme e eu nos olhávamos daquela forma. Como se fossemos o mundo um do outro. A cada dia, era mais difícil estar perto e não lhe contar o que realmente precisava. Esperava o momento certo, para que pudesse estar inteira para ele. Que poderia, dar-lhe minhas palavras.

“O que é que você quer?

Você pode mentir, mas eu sei que você não está bem

Toda vez que você fala, é tudo sobre mim, mas você jura que

não estou em sua mente?”^[37]

Jessica

Completavam apenas dez dias, desde que Guilherme teve que ir para Espanha. Porém, a cerca de dois, não obtivera resposta alguma de minhas mensagens, e estranhei nenhuma ligação internacional. Sentia sua falta, e aquilo parecia se tornar uma constante. Foram algumas semanas juntos, meses separados, meses juntos, e agora, dias separados... Em algum momento, temia que o ciclo paralisasse nas separações. Claro que aqueles dias sequer que se comparavam aos meses. Não era uma separação que queríamos, mas entendi que era necessária.

Guilherme era um dos sócios majoritários dos Rivera, e com toda certeza, sua estadia como diretor executivo da editora, que me contara ser apenas uma pequena extensão criada por sua mãe, não era algo que ele realmente fazia. Ele trabalhou em Madrid durante aqueles cinco anos longe do Brasil, e o diretor permanente da editora voltara de sua viagem internacional. Não sabia em que momento ele poderia se encaixar novamente em meu cotidiano, e sentia que aquela viagem poderia ser determinante.

— Pensando demais, estrela da minha noite. — a voz de Will me atingiu e respirei profundamente. — Tem certeza que está pronta para voltar? — indagou, e assenti.

Sentia falta dos palcos, de cantar para os outros... Fazia um longo tempo. Desde a crise, até o atual momento. Não conseguira voltar para o palco. Me restringi ao violão velho de meu quarto, cantando para um público de um – meu espelho. A música fora meu guia por um longo tempo, mas naquele período, parecia ter perdido algumas razões. Sentia-me voltar aos poucos, como se entendendo que meu desabafo no palco poderia ser sim a respeito de um verdadeiro amor. A respeito de Guilherme.

Talvez aquilo tenha me prendido a cantar apenas em casa. O fato de não aceitar o que sentia. Porém, naquele momento, começara a fazê-lo. Estando longe, era como se entendesse a imensidão do que sentia. A falta de seus olhos verdes ao redor, da risada debochada e o cabelo sempre perfeitamente despenteado.

— Acho que saber que ele não está aqui ajuda. — confessei, e Will tocou meu ombro.

— Tem que ser honesta com ele. — falou, e assenti, sabendo que já se tornava sufocante guardar meus sentimentos. — Mas também, primeiro, deva ser consigo mesma.

— Obrigada. — falei, e ele me puxou para um abraço. — Aliás, a consulta é bem cedo amanhã, antes de eu ir pro trabalho, então...

— Você sempre quer o pior de mim, Jess. — dramatizou e tive que sorrir. — Mas vou com você, sou um ótimo cunhado.

— Um irmão também. — seus olhos marejaram e ele me deu um beijo na testa. — Deseje-me sorte e afinação. Se não o dono daqui pode querer quebrar você por ter me indicado.

— Vai arrasar, eu sei.

Subi no pequeno palco, com o violão em mãos, e ao olhar, pela luz baixa emitida pelo salão, sorri. Era como estar em casa novamente. A maioria das pessoas evitava palcos e multidão, até mesmo, fugia dos dois. Eu era o oposto. Acho que o tempo privada de ambos, fez-me querer ainda mais. O que tornava ainda mais estranho o fato de estar tanto tempo longe. Parecia, que pela primeira vez, tinha *me* bastado. Ou até mesmo, sentido medo de cantar. Já que a última vez, cantara, sem ao menos imaginar, para Guilherme.

A primeira música daquela noite era antiga, e sempre fora uma de minhas preferidas. Nunca imaginei, que a retrataria para alguém, entretanto, era nele que eu pensava, assim que comecei a dedilhar o violão. Nicest Thing me embalou, e com os olhos fechados, deixei-me cair por completo por ele. Mesmo que ele não fizesse ideia.

“Tudo que eu sei é que você é tão adorável

Você é a coisa mais adorável que já vi

Eu queria que nós levássemos isso adiante

Ver se nós poderíamos ser algo...”^[38]

Naqueles poucos minutos, uma retrospectiva de tudo que vivemos se passou por minha mente. E ainda mais, senti que precisava vê-lo e que ele pudesse ouvir, tudo aquilo através da música, tudo aquilo que não conseguia dizer. Entretanto, ele não estava ali. E mal tinha ideia que era a coisa mais adorável que já tinha colocado os meus olhos.



— Vão mesmo para a balada? — perguntei e Will assentiu, parecendo mais animado do que o costumeiro. — Lucas!

— Eu estou sendo coagido. — levantou as mãos, claramente não muito empolgado. — Porém, voltamos...

— Quando o sol raiar. — meu cunhado piscou e gargalhei da carranca que se formou no rosto de Lucas.

— Apenas cuidem de meu carro, ok? — intimei e eles assentiram.

Na subida no elevador, conferi mais uma vez as mensagens, e sequer tinha resposta. Guilherme não olhara minhas mensagens, na realidade. Sorri sem vontade, jogando o celular de volta na bolsa. Pela primeira vez, sentia-me completamente frustrada a seu respeito. Abri a porta de casa, e suspirei, sentindo-me cansada depois de mais um dia. Apenas lembrar que no seguinte, teria que acordar mais cedo para o encaixe que consegui na ginecologista, sentia-me ainda menos empolgada. Quase desabei sobre a porta, assim que me virei, mas no segundo seguinte, paralisei.

Arregalei os olhos, diante da imensidão que o homem a minha frente parecia se tornar. Era como se Guilherme Rivera tomasse conta de meu apartamento, estando ali pela *primeira* vez. Tentei perguntar o que ele fazia ali, porém, minha voz se perdera. Estava surpresa, e completamente chocada.

— Eu só queria te surpreender. — falou com calma, e notei seu tom um pouco preocupado, e notei que se apressou a explicar. — Seu cunhado me ligou, há alguns dias, e disse que não suportava mais seu mau humor. Como tinha me dito, ele é um cara legal. Enfim, tivemos uma conversa e ele... Teve a ideia de me colocar aqui. Surpresa, *nena!*

— Eu... — engoli em seco, finalmente entendendo a vontade louca de sair para balada de Will. — Como não desconfiei disso? — indaguei, deixando a bolsa de lado, no chão. Tirei os saltos que já começavam a machucar meus pés, e permaneci com os olhos nos dele. — Will animado demais para sair de repente e não me chamando... Você não me ligar por dois dias...

— Esteve contando, *nena*? — indagou, e o sorrisinho implicante estava ali, em seu rosto, mas percebi que ainda não se sentia à vontade em minha casa. — Talvez tenha sido uma má ideia, mas...

Caminhei rapidamente até ele, e toquei seus lábios com meus dedos, ficando na ponta dos pés.

— Acho que nunca o convidei porque me acostumei com o seu quarto de hóspedes e o sofá grande. — pisquei e sorri em seguida. — Fico feliz que esteja aqui. — falei, e abaixei meus dedos, assim como, meus pés. — Quando chegou? — perguntei, e uma de suas mãos tocou meu rosto, como se precisando daquele contato. Eu precisava, tanto quanto ele. Aceitei-o prontamente.

— Atrasos de voos, era para chegar mais cedo e te ver cantar, mas... Cheguei no tempo limite para encontrar seu irmão e entrar. — contou, e sorriu levemente.

— Por isso Lucas sumiu com meu carro. — bati com a mão na testa, sentindo-me uma burra. — Deus, ele deve ter te ameaçado! — não era uma exclamação de brincadeira, e Guilherme pareceu perceber no segundo que não sorri. — Desculpe se ele pareceu protetor e Will intrometido... Quer dizer, foi bom ele ser e você estar aqui, mas...

De repente, percebi que falava demais, porém, não conseguia me calar. Seus lábios desceram para os meus, interrompendo-me. De repente, aquele simples encostar, fez-me entender porque colocara o coração em viva-voz por aquele homem. Eu o amava. Mesmo temendo completamente o amor.

O afastei aos poucos e toquei seu rosto, sabendo que era o momento de falar, não tinha como fugir. Agíamos como um casal. Na realidade, tínhamos nos tornado um. Entretanto, ainda existia uma parte de mim, que precisava contar. Uma parte que ele merecia saber, para talvez entender que era difícil estar ali. Tão leve em seus braços. Que era diferente. Porém, ele fora mais rápido e tomou a voz.

— Foi bom ficar perto dos meus pais, na minha velha cidade, resolver os negócios, ajuda-los com sua mudança para o Brasil... Mas todo momento, apenas pensava em quando chegaria no apartamento, e te encontraria. Como se esse fosse o certo para o meu fim do dia, para o começo dele.

— Gui...

— Só me deixa... Eu sempre tento ser o mais sincero possível com você, *nena*. E esse tempo afastados, apenas me mostrou o que já espero ser óbvio. O que sinto por você. — meu coração falhou uma batida, e fiquei completamente perdida. — Não pensei que poderia amar de novo, nunca me senti merecedor de amor... Mas com você, simplesmente aconteceu. Em todos os sentidos. Te amei como um amante. Te amei como um amigo. E hoje, te amo como um homem. Te amo por completo. *Te quiero*^[39], *mi nena*.

Fiquei boquiaberta e não soube o que responder. *Ele me amava?* Era algo que me perguntava, porém, nunca pareceu tão real quanto ali. Tão nosso. Atitudes poderiam valer mais que palavras, e ele vinha provando todos os dias, entretanto, aquelas, foram como colocar-me em xeque a sua frente. Não sabia o que dizer ou como agir. Não estava esperando.

— Não preciso que me responda ou que sinta o mesmo agora. — falou, como se lesse meus pensamentos. — Sei que existe algo em você, que ainda te impede de ser minha por completo. Mas eu estou aqui porque quero estar, *nena*. Porque quero você. Enquanto me quiser, tudo vai ficar bem.

— Gui, eu...

— Shhh. — tocou meus lábios com os dedos, como se para demonstrar que falava sério. — Você sempre me demonstra com ações, *nena*. Não somos iguais. Não precisa dizer que me ama, apenas porque o disse.

Suas palavras me acertaram em cheio, e me lembrei por completo de como tudo fora o oposto com Rafael. De como, era obrigada a dizer que o amava todos os dias. Todos os *infinitos* dias que fui trancada dentro de seu apartamento, sem conseguir fugir. Sem que ninguém viesse ao socorro.

Lágrimas escorreram de meus olhos e me senti ser puxada para o corpo de Guilherme. Ele parecia entender meu silêncio, porém, queria que pudesse entender a minha dor. Sabia que ninguém mais poderia fazê-lo. Apenas quem passou pelo que passei, saberia descrever. Entretanto, queria que ele entendesse

que não era fácil, não depois de ser tanto tempo obrigada a tal coisa.

Não era simples lidar com aquele sentimento, não diante dele. Porque Guilherme significava *muito* para mim. Mais do que um dia idealizei que Marcelo fosse. Marcelo fora a calma antes da tempestade, amá-lo antes de ser quebrada foi simples. Relacioná-lo ao amor certo, também. Porém, não era nada daquilo. Ele não era o cara certo. O cara certo estava a minha frente, e odiava o fato de ser quebrada demais para não poder ser livre para ele. Queria ser inteira, apenas.

— O nome dele era Rafael, na realidade, não sei que verbo usar, mas sempre prefiro usar no passado, como se ele estivesse morto. Realmente, é o que falo a mim mesma todos os dias. — fui sincera, e me afastei de seu corpo, Guilherme me encarou, como se buscando entender. — Foi há cerca de sete anos, mas deixou marcas... Ele... — suspirei fundo e tentei encontrar as palavras, tentei ordená-las. Era difícil expor aquilo, contar o que sofri. Apenas Lucas e Will sabiam de fato, ninguém mais. — Ele foi meu namorado, pouco tempo depois que Marcelo e eu rompemos. Ele era incrível... cuidadoso, amoroso, e sempre fez questão de dizer

o quanto me amava. — ri friamente. — Eu estava feliz, porque depois de ser rejeitada, tudo o que queria, era alguém inteiro.

Afastei-me um pouco, e acabei me sentando no chão, chamando Guilherme com as mãos, para que fizesse o mesmo. Ele o fez, sem tentar me interromper, como se entendesse que era o *meu* momento.

— Porém, eu estava tão carente de atenção que não percebi que não era amor. Não percebi que a cada dia, Rafael me consumia. Começou com pedidos de troca de roupa, com “não pode andar com homens”, com “para que sair sozinha?”... A lista é grande, porém, nunca pensei que estava em um relacionamento abusivo. Nunca pensei que... Um grito, se tornaria um puxão de cabelo, que logo, se tornariam socos... — era como reviver, e as lágrimas correram por minha face. Logo senti o corpo de Guilherme me embalar, e quebrei por completo. — Ele me trancou com ele, por seis dias... Seis dias em que fiquei presa em um apartamento, comendo bolacha de água e sal, porque era gorda *demais* para ele... Não tinha nada além daquilo, e... E apanhava por não querer transar com ele. Meu irmão tinha acabado de se mudar para a Espanha, e apenas percebeu que estava algo estranho, quando me pediu para ligar e Rafael que confiscou meu

celular, mandou uma mensagem dizendo que estava ocupada demais para tal coisa. — fechei os olhos, sabendo que o fato daquele monstro mal me conhecer, fez com que me livrasse dele. — Lucas percebeu que algo estava errado, e pegou o primeiro voo para o Brasil. Ele sabia que nunca estava ocupada demais para ele, nunca. Quando ele chegou, foi justamente o dia em que tentei fugir e quase consegui... Mas se Lucas tivesse chegado alguns minutos depois, eu estaria morta.

— *Nena*, não...

— Eu preciso... — praticamente implorei. — Preciso te contar, porque quero que me ame, mas saiba que essa sou eu. Assim como sei quem é.

— *Te quiero, nena*.

Fechei os olhos, guardando suas palavras, começando a narrar aquele dia. O dia em que pensei ser meu fim, e que felizmente, foi meu recomeço. O recomeço mais doloroso de todos.

Eu estava ali novamente, sozinha. Dentro daquele apartamento que me fazia sentir uma prisioneira, a espera daquele que me fazia a sua. Olhei para os lados e uma oração

me veio em mente. Era daquela forma que me sentia, buscando ajuda superior, a qual pudesse me salvar do inferno em que vivia.

Não sabia mais para onde correr, ou como fazer para deixar Rafael. Ele não permitiria, nunca permitiu. Desde o primeiro momento em que tentei deixa-lo, lembro-me claramente de sua atitude. Foi só o começo de tudo, onde suas palavras abusivas se transforaram em ações, e foi a primeira vez em que me agrediu.

Toquei meu rosto, encarando sem vontade o roxo próximo de meu olho. Tinha sido mais uma noite sem motivo algum, onde Rafael enxergava algo que sequer existia, e eu estava ali, preparada para levar uma surra. Eu tentava lutar, tentava fazê-lo voltar a sua consciência, e ser novamente o cara pelo qual me apaixonei, mas Rafael não o era, ou nunca fora.

Eu precisava me livrar, precisava correr, mas ao mesmo tempo, sentia-me presa a ele de forma irreversível. Temia por tudo, e principalmente, pela minha vida. Os dias presas naquele apartamento se arrastaram, com o interfone desligado e sem um único meio de comunicação. Finalmente enxerguei o quão longe Rafael iria para me privar do mundo, e ainda mais, ter-me para seu bel prazer.

Ele não me amava... Aquilo não podia ser amor.

— Deus! — falei baixo, deixando algumas lágrimas descenderem. — Isso não pode ser amor.

Meu reflexo era tão triste, assim como as marcas espalhadas por meus braços e costas. Um estado deprimente de submissão, completamente destruída por aquele que imaginei me amar, e qual cheguei a me apaixonar. Rafael tinha se transformado em algum momento, e não conseguia me recordar.

Por que? Era a pergunta a qual repetia a mim mesma.

Como me permiti chegar a isso?

Se eu tivesse o deixado após o primeiro tapa, não estaria ali. A culpa me invadia por ser fraca, por não ter fugido, por não ter notado antes. O grito estava entalado em minha garganta, e eu precisava de alguma forma sair dali, mas temia olhar pra ele e não conseguir. O medo me cercava de forma avassaladora.

Ouvi o barulho na porta e retesei o corpo, sentindo-me incapaz por um instante. Olhei-me novamente no espelho e finalmente resolvi reagir. Eu precisava me livrar, deixar aquilo para trás, e nunca mais olhar para ele. Com passos lentos fui até ao corredor que dava em direção a sala de estar, e ali o vi.

Rafael era um homem lindo, olhos castanhos claros, cabelos loiros bem cortados, um sorriso fácil no rosto e um semblante carinhoso, o qual eu sabia, fez-me derreter por ele quando nos conhecemos. Porém, ali, em nossa intimidade, ele não era o mesmo. Rafael deixava de ser o homem carinhoso aparente, para ser o monstro de meus piores pesadelos, porém, reais.

Não demorou muito para que notasse minha presença, e um sorriso enorme se abriu em seu rosto. Ele deu passos em minha direção, e não soube fazer nada além de abraçar a mim mesma e dar passos para trás. O medo que sentia dele era tão grande, que todo meu discurso a respeito de ir embora pareceu desaparecer de minha mente.

Em poucos segundos seu grande corpo estava ao redor do meu, com minhas costas encostadas na parede, sentindo-me ainda mais pequena e subjugada. Rafael parecia feliz por me ter de tal forma, pois seu sorriso era assustador.

— Então, a minha puta resolveu me esperar pronta?

Tocou meu rosto com os dedos, e desviei no mesmo instante.

— Olha, então temos uma puta arredia hoje! — senti seu hálito de bebida bem próximo a meu rosto, e a ânsia me atingiu com força.

Consegui passar por debaixo de seus braços, e me afastei. Não queria olhar para ele, não queria saber o que pensava, muito menos o que sentia. Eu queria paz.

— Resolveu mostrar as asinhas, meu anjo?

Deus, como eu odiava tal apelido!

— Rafael, precisamos conversar. — suspirei fundo, virando-me pra ele. — Não podemos continuar assim.

Ele parou de andar no mesmo instante, a poucos passos de mim. Dei passos para trás, o mais perto do possível da sala de estar, e de relance conferi que a chave estava ainda na fechadura da porta.

— Não podemos? — perguntou num tom debochado. — Então quer mesmo abrir as pernas para ele, não é? Por isso quer tanto sair do apartamento, e ainda mais, voltar para aquela sua vidinha medíocre.

Pareceu pensar sobre o assunto e senti finalmente a coragem me atingir.

— *Eu só quero minha vida de volta. — segurei as lágrimas com força. — Eu quero pode viver, Rafael. Ter poder sobre mim mesma novamente.*

— *Quer dar pra ele! — gritou, e senti um frio na espinha.*

Ele deu o primeiro passo e sequer pensei direito, corri até a porta da sala, e consegui abrir. Assim que coloquei os dois pés para fora, tentei fugir ainda mais depressa, foi no mesmo instante que vi o elevador se abrindo e o semblante tão conhecido por mim, me encarou. Não tive tempo de gritar ou pedir ajuda, apenas senti meus cabelos sendo puxados com força.

No segundo seguinte, o primeiro soco atingiu meu rosto, fazendo-me cuspir sangue. Um soco forte nas costelas que me fez gritar de dor, tentando a todo custo lutar e ao mesmo tempo implorar por minha vida. Os olhos de Rafael pareciam vermelhos de ódio, e eu sabia, não sairia viva dali.

Porém, no segundo seguinte, quando outro soco me atingiu com força no rosto, não consegui mais pensar direito, sentindo meus olhos pesarem e tudo o meu redor silenciar. Os gritos e lamúrias de Rafael pareciam distantes, e assim como minha dor, parecendo ser levada.

Pisquei mais uma vez, sentindo finalmente meu corpo livre da agressão, e pensei que Rafael tinha se contentado. Porém, logo senti meu corpo ser levantado com cuidado, temi mais um golpe no rosto e tentei tampá-lo. Foi quando as mãos de Lucas tiraram as minha com cuidado, e ao ver seus olhos azuis, finalmente pude suspirar aliviada. Eu estava nos braços de alguém que não ia me machucar. Depois de tanto tempo, senti-me segura mais uma vez.

— *Nena...* — sua voz baixa e rouca tentou me trazer de volta, porém, começara a se tornar difícil respirar. — Sou eu, *nena!* Olha pra mim! — neguei com a cabeça, ao mesmo tempo que as lágrimas me inundaram. Senti suas mãos me tocarem com leveza, afastando cada lágrima, e de repente, percebi seu tom. Não era aquele dia. Não estava machucada. — Olha pra mim! — pedi e finalmente, consegui abrir os olhos. Aos poucos, o verde dos seus me inundou. Era ele, e suspirei profundamente, abraçando-o. — Eu estou aqui, *nena*. E nunca, jamais, vou te machucar.

— Eu sei. — falei, confiando a ele muito mais que amor. Além daquele sentimento, existia o meu medo, a insegurança, a

confiança... Guilherme a conseguiu, e ali estava eu. Embalada em seu colo, e me sentindo amada, pela primeira vez.

“Eu bebi saudade a semana inteira

Pra domingo você me dizer

Que não sabe o que quer

E não quer mais saber.”[\[40\]](#)

Guilherme

Alguns dias depois...

As coisas iam bem. E quando aceitei assumir a sede no Rio de Janeiro, enquanto meu irmão tirava férias para estar com sua esposa, pensei que tudo entraria nos eixos. Não voltaria tão cedo para a Espanha, e apenas teria que continuar fazendo o que sempre fiz por lá – administrar. Papai nos preparara bem para o futuro, e em algum momento, sabia que teria que estar a frente de algo maior, assim como essa filial, e mais, assumir a posição atual de Davi, como presidente temporário.

— Pode mesmo fazer isso, *hermano*? — Davi perguntou pela milésima vez e assenti. — Se não puder, eu...

— Nem pensar! — cortei-o rapidamente. — Ficar nessa cadeira por alguns dias não vai me matar, fique tranquilo.

Era verdade. Porém, ainda torcia para que ele continuasse como presidente, não era algo que almejava. Na realidade, nunca o fiz.

— Obrigado mesmo. — pareceu mais aliviado.

— Apenas faça minha cunhada feliz e não me deve nada. — dei de ombros, e comecei a mexer nos livros na estante de sua sala. Ainda duvidava que Davi consumisse de fato aquela literatura clássica, porém, seria uma ótima pausa no trabalho. — Aliás, quando fará o pedido? — indaguei, e notei seu olhar perdido e até mesmo, hesitante.

— Quando sentir que ela não vai fugir. — foi sincero. — Por mais que seja tudo tão intenso entre a gente, ainda tenho medo estar pressionando.

— Ela te ama. — constatei o óbvio, virando-me para ele, que estava em sua cadeira.

— Mas amor nem sempre é o bastante. — fechou os olhos, claramente cansado. Todavia, eu o entendia. Com Jéssica começara a aprender tal coisa. O que tínhamos não era só amor, ao menos, não conseguia ver de tal forma. Existia uma base de confiança construída ao longo de todos aqueles meses, e em cada momento que passamos. — Acho que preciso tomar um banho e dormir um pouco.

— Essas reuniões são mesmo um porre. — fiz uma careta e Davi sorriu. — Mas vou sobreviver. — era real, já que sobrevivera anos na Espanha, tratando dos mesmos assuntos. O que faltava era estudar como tudo acontecia em solo brasileiro, e entender como as coisas seriam por aqueles daís.

— Espero que sim.

Meu celular vibrou e o encarrei rapidamente, sem entender muito bem a mensagem. Franzi o cenho, imaginando que a pessoa errou o número.

— O que foi?

— Uma mensagem de número desconhecido... Algo sobre estar à disposição. — mostrei-lhe o aparelho e Davi pareceu reconhecer o número.

— É Valéria! — falou despreocupado. — Passei seu telefone pessoal para ela, é minha secretária.

Finalmente entendia seu ponto, e então, passei para a próxima mensagem que me deixou ainda mais tenso – *Melina*. Cinco mensagens e uma chamada perdida. Fazia meses que ela não entrava em contato, por que o faria agora? *Justamente agora?* Li a primeira mensagem e fiquei completamente perplexo.



Remente: Melina

Como vão as coisas? Quando volta para a Espanha?

Soube que está no Brasil.

— Ah. — respondi, e tentei fingir que nada acontecia, porém, estava intrigado.

Não tinha sequer pensado na possibilidade de Melina reaparecer, ou de conversar com ela a respeito. Ela era parte do meu passado, uma mulher que amei, mas que infelizmente, renegou tal amor. Melina escolheu sua carreira, e disse que a esperaria. Porém, nunca juramos fidelidade um ao outro, ou como de fato seria aquilo. Ela disse que me amava, porém, me deixou.

Naquele momento, passara a entender que sua atitude de ir, apenas provou que amor não era suficiente. Finalmente entendia que *nós* não era para realmente acontecer.

— Vamos? — Davi perguntou, tirando-me de minhas divagações, e resolvi deixar as mensagens de lado, sem saber o que lhe responder. *Como poderia dizer, que não esperava mais por ela? Que simplesmente, não sentia de fato o que imaginei no passado?* — Quer carona?

— Aceito. — respondi de relance, e segui Davi para fora da sala.

Notei uma mensagem de Jéssica e acabei focando no que realmente me importava. Ela pediu para me encontrar a noite e respondi rapidamente que sim.



Destinatário: Nena

Pode ser em meu apartamento, que tal? Assim, seu irmão e cunhado tem um tempo sozinhos, e posso te ter como quero, nena. Passo para te pegar...

As 20h?

Ela respondeu um simples “ok”, que acabou me deixando intrigado. Ela geralmente respondia minhas mensagens com provocações, de seu jeito costumeiro. Talvez apenas não estivesse em um bom dia.

— Aliás, quando vai me contar sobre o que de fato te fez ficar no Brasil? — a pergunta de Davi me pegou de surpresa, enquanto entrávamos em seu carro. — Claro, fora o fato de Branca estar por aqui agora. Ela parece empolgada em aprender mais sobre a empresa. E em breve, acho que pode se mudar para o Rio.

Sorri, assentindo para ele. Ela me contara por mensagem, e praticamente, nos falávamos todos os dias. Ela tinha ido para o Paraná, resolver sua vida, para poder se reencontrar no Rio, segundo ela. Porém, já sentia sua falta. E temia por aquela distância. Sentei-me no banco do carona, e Davi continuou a me encarar, parecendo esperar uma resposta.

— Conheço você, Guilherme. Tem algo mais para estar aqui. — arriscou dizer, e ele tinha toda a razão. — Branca está no Sul por agora... Então, desembucha!

— Tem uma mulher. — comecei a falar, e talvez Davi se lembrasse dela. — Jéssica Medeiros. — falei, e meu irmão franziu

o cenho, como se tentando juntar um mais um. — Você deve conhecê-la, na verdade, ela até me contou que acabaram transando no passado.

— Me lembro dela. — falou um pouco sem graça, porém aquilo não me incomodava. Era o passado deles, e ainda mais, o *que poderia fazer?* Sequer a conhecia na época. — Ela namorou Marcelo por um tempo, era louca por ele.

Olhei para Davi a ponto de querer socar sua cara, entendendo que aquilo mexia comigo. O fato de saber sobre o passado de Jéssica, apenas me mostrou o grande apego que ela ainda tinha pelo tal Marcelo. Ele fora o namorado que ela amava, e lhe fez bem, foi sincero, e apenas a machucou quando a deixou por outra. Ele era a experiência bem-sucedida sobre amor que ela me contara quando começamos as no ver. Porém, não sabia ao certo o que ela pensava sobre no momento. Apenas aceitava que estava comigo, e que confiava em mim. Aquilo bastava.

— Eu sei disso. — refutei e puxei o cinto de segurança. — Conheci ela na Espanha, e bom, as coisas foram acontecendo... Estamos juntos agora.

Davi franziu o cenho como se lembrando de algo e o encarei sem entender.

— O que foi? — indaguei, enquanto meu irmão ligava o carro e dava a partida. — Davi! — insisti, vendo que ele parecia pensar demais para falar. Quando Davi o fazia, era porque estava buscando não contar toda a verdade.

— Manuele é a melhor amiga da esposa de Marcelo... — engoliu em seco, e bateu no volante. — *Merda!* Eu acho que não devia falar isso. — soltou e aí sim, soube que ele precisava me contar.

— Fala logo, homem! — insisti, ficando angustiado diante de sua enrolação.

— Luíza e Marcelo deram um tempo há alguns meses... Basicamente, ele descobriu que transamos no passado e nunca contamos para ele. Eu sequer sabia o nome dela, e muito menos, que era a mulher que ele amava. Fiquei um bom tempo longe do Brasil, sabe disso. Só soube de fato quando dei de cara com ela no dia do casamento deles, há três anos. — comentou, e o encarei sem entender onde queria chegar. — De algum jeito, que agora parece começar a ter sentido, Jéssica contou a Marcelo sobre... E bom, as coisas não saíram muito bem.

— O que? — indaguei, lembrando-me da cena dela em meu escritório. Dos papéis que ela tinha em mãos.

— Pela sua cara, com certeza foi através de você que ela soube. — Davi comentou, e fiquei ainda mais alarmado.

— Só isso faz alguma lógica. Ela viu os papéis uma vez, sem querer, e acabamos nos separando por conta disso. — comentei, lembrando-me daquela noite. *Por que Jéssica faria tal coisa?*

— Bom, Manuele não sabe mais a fundo sobre, mas me contou que Luíza viu Jéssica beijando Marcelo a algum tempo atrás...

— Quanto tempo? — perguntei de relance, sem conseguir pensar diante daquilo.

— Alguns meses, Guilherme. — suspirei, tentando compreender quando aquilo acontecera e porque não tinha sequer uma noção. — Não sei há quanto tempo estão juntos, mas, acho que merecia saber. *Merda!* Talvez...

— Você fez o certo. — rebati, sabendo que era a verdade. — Sabe que prezo por honestidade.

Davi assentiu, e o encarei rapidamente.

— Obrigado, *hermano*.

Porém, em minha mente, apenas se passavam as seguintes perguntas: *Por que? Por que Jéssica não me falara sobre aquilo? E mais, por que uma mulher que sempre pareceu tão sincera, simplesmente, não colocara aquele assunto em pauta?* Na realidade, não temia a resposta para tais questões. Apenas uma realmente me atormentava: *ela ainda amava Marcelo?*



Parei o carro a frente de seu prédio no horário combinado, e pela primeira vez, pensei que não fosse uma boa ideia nos encontrarmos. Suspirei profundamente, e segurei com força contra o volante. Sentia-me rejeitado, mais uma vez. Algo que nunca esperei com Jéssica. Porém, sabia que poderia acontecer. Ela tinha *muito* no passado com o tal Marcelo, e apenas alguns meses comigo.

Logo sua visão me embargou. Ela usava um vestido longo na cor preta, com os cabelos presos no alto da cabeça, e nos pés, surpreendentemente, um all-star preto de cano médio. Sorri, sabendo que aquela mulher era tudo, menos previsível. O que me fazia temer ainda mais tocar em tal assunto. Ela tinha um sorriso no rosto, quando adentrou o carro, mas notei uma certa apreensão em seu olhar.

— Oi, espanhol. — falou, assim que se sentou, e me puxou para um leve beijo.

O seu toque, fez-me esquecer por alguns segundos da conversa que tive com Davi. Porém, assim que nos afastamos, imaginei o quanto ela poderia ainda pensar em outro. Ela podia não me amar, e entendia por completo. Iria conquista-la, e não desistir. Entretanto, não poderia aceitar que amasse outro. Aquilo me destruiria. Ainda mais, do que me manter longe.

— Oi *nena*. — falei, e forcei um sorriso, tentando segurar minha língua por alguns minutos. — Como foi seu dia? — indaguei, e ela colocou o cinto, passando a mão pela barriga demoradamente, como se pensando em algo, soltando um suspiro profundo em seguida.

— Foi bem. — falou de repente, quando saí com o carro.
— Como foi com seu irmão? — indagou, e ri amargo, lembrando-me daquela conversa.

— Foi bem, também. — ao menos, a parte em que presidiria a empresa por um curto período de tempo. — O que tanto era importante? — perguntei, e notei seus olhos me queimando, como se me olhasse demoradamente. Permaneci focado no trânsito e ansioso para chegar ao apartamento. Precisava conversar com ela.

— É... acho que prefiro conversar quando chegarmos. — comentou e olhei-a de relance. Jéssica parecia preocupada.

— Está tudo bem? — indaguei, notando a tensão que ela emanava, como se segurando para dizer algo.

Por um segundo, acreditei que seria a respeito de Marcelo. Quem sabe ela decidira me contar sobre as informações que passou a ele, e mais sobre o tal beijo. No fundo, torcia para que não passassem de mentiras. *Será que ela realmente estava comigo para esquecê-lo, no fim?* Não conseguia acreditar, ainda mais, depois de tudo que passamos. Entreguei-lhe o meu passado, e ela fizera o mesmo. Não conseguia acreditar que ela amava outro.

— Sim, eu só... não quero falar no carro. — confessou, e me olhou de forma incerta.

— Ok, vamos conversar quando chegar. — falei e puxei sua mão direita para minha boca, dando um leve beijo.



Os minutos ao seu lado, pela primeira vez, pareceram angustiantes. Como se ambos precisávamos falar, mas não quiséssemos ali. Assim que abri a porta do apartamento, e ela entrou, senti que finalmente algo começaria, mas não era *nada* perto do que imaginei que sairia de sua boca.

— Eu acho que preciso dizer primeiro que... Nunca imaginei que poderia acontecer. — falou, no momento em que parou ao lado do sofá. Fiquei sem entender, e tranquei a porta do apartamento, virando-me para ela em seguida.

— O que aconteceu, *nena*? — indaguei, e logo parei a sua frente, notando seu olhar perdido e como parecia se esforçar para me encarar. — Por que parece com medo de mim, de repente?

— Eu.... Não sei como dizer isso. — confessou, e trouxe seu rosto para meu peito. Só conseguia imaginar duas situações: uma, ela contaria a respeito do tal Marcelo; duas, ela iria dizer que não me amava e me deixaria. Internamente, entrei em pânico, como que temendo por inteiro pela última opção. — Eu só quero que saiba que quero ficar com você e que...

— É sobre Marcelo, não é? — indaguei, vendo que ela não conseguia concluir sua frase. — Não consigo fingir que não sei o que aconteceu.

— O que? — indagou, e se afastou de meu corpo, como se não entendendo.

— Não é sobre *e/e* que quer falar? — perguntei, completamente contrariado.

— Por que falaria sobre meu ex agora? — sua pergunta pareceu tão inocente, que se não soubesse a respeito do que Davi comentara, jamais imaginaria que teria algo. — Guilherme, acho que estamos presos a assuntos diferentes.

— Soube hoje que usou aquelas informações sobre Davi, para com Marcelo. — falei, e os olhos de Jéssica se arregalaram, como se não esperasse por aquilo. — Manu comentou com Davi,

que acabou comentando comigo, quando falei que *estou com* você hoje. — falei, e Jéssica pareceu começar a entender sobre o que falava. — É verdade? — não resisti em perguntar e ela soltou o ar profundamente.

— Sim. — admitiu, e fez uma cara de desgosto. — Não me orgulho disso, no entanto. — notei em seu olhar, que não era algo sobre o que queria falar. — Mas não entendi por que imaginou que falaria sobre. Qual a grande importância disso? — ela parecia realmente não entender.

— Soube também que o beijou. — Jéssica pareceu finalmente entender onde queria chegar. — O que se passa por minha mente, é quando isso aconteceu... Não duvido que seja quando estávamos separados, mas... Por que nunca me contou sobre, *nena*? — indaguei, ainda um pouco perdido. — Ainda tem sentimentos por ele, e achou que poderia...

Jéssica deu um passo a frente e tocou meus lábios com as mãos, como que para me calar.

— Sim, foi quando estávamos separados, mas não pensei em momento algum que fosse relevante. — falou e fiquei perplexo. — Não é algo que realmente importou para mim. A não ser, que para descobrir que não sou mais apaixonada por ele.

— O que? — indaguei, sem entender.

— Eu aceitei que amava Marcelo por um longo tempo e de repente, não era mais o mesmo. Não me sentia atraída, não conseguia me sentir bem por perto, e acabei agindo como em busca de respostas. Não foi a maneira mais inteligente e íntegra, mas... Aquele beijo só provou o que já desconfiava, eu não o amo mais. — fiquei parado, sem saber o dizer. — Não te falei nada, porque realmente, não é algo que foi *relevante* para mim.

— Mas... Não consigo entender, Jéssica. — balancei a cabeça, afastando-me dela. — Você me contou tudo sobre si, mas Marcelo parece ter se tornado um assunto intocável.

— Porque não me importa. — rebateu. — Não mais.

— Eu só... Acho que estou com medo. — admiti, e olhei-a profundamente, buscando alguma segurança. — Medo de amar uma mulher, e ela estar apaixonada por outro. — admiti, e Jéssica me encarou como se crescesse um olho em minha testa.

— Gui, eu... Não estaria aqui se ainda amasse Marcelo. — revidou, e de alguma forma suas palavras não pareceram me convencer, porém, me apeguei a elas. — Eu... Eu estou grávida! — soltou de repente, e fiquei estático.

— *O que?* — indaguei, e minha mente girou, como se finalmente entendesse o motivo de ela estar ali.

— Descobri a alguns dias com o exame de sangue, e hoje fiz o primeiro ultrassom. — falou baixo, e suas mãos pararam em sua barriga. — Eu não sabia, não tinha como saber. Nenhum sintoma que pudesse indicar, e... Sei que não planejamos nada disso, mas... Vamos ser pais.

Levei a mão a cabeça, perplexo e ao mesmo tempo, sem conseguir acreditar. Por dentro, era como se explodisse de felicidade, mas ao mesmo tempo, senti-me na posição de *cômodo*, quando Jéssica falou novamente.

— Eu quero ficar com você, quero... poder dizer que te amo e...

— Não. — falei, fechando os olhos com força. — Eu sei que *gosta* de mim, Jéssica. Mas admitir que ama justo com descobre a gravidez? — indaguei, e ela pareceu sem ação. — Nunca te pressionei a isso, a admitir nada... Não quero que me ame, porque se sente presa.

— Não sabe o que está dizendo. — falou e balancei a cabeça, tendo certeza e entendendo que ela parecia tão perdida

quanto.

— Tenho certeza que não se sente bem para falar sobre sentimentos ainda, e eu entendo. Se estou com você, é porque entendo. Não quero que se force a admitir algo, e que ainda mais, faça isso porque espera um filho meu.

“Coloque as mãos no meu corpo assim como você pensa que me
conhece

Quero seu coração batendo em mim, não me deixe quente e solitário

Eu não costumo ceder à pressão dos pares

Mas vou ceder à sua.”^[41]

Jessica

— Você está se ouvindo? — indaguei, completamente
perplexa.

— Jéssica, eu...

— É como se me estivesse acreditando que quero te amar
porque estou grávida! — acusei-o e seus olhos verdes
encontraram os meus. Não tinha como disfarçar o que era óbvio
ali. Ele realmente achara. — Como pode acreditar nisso? —
perguntei, quase em um fio de voz.

— Como posso não acreditar? — refutou. — Não nos vemos a alguns dias, nos quais justamente, você descobriu a gravidez e...

— Eu estava me preparando para te contar, colocando a cabeça no lugar e...

— Forçando-se a estar inteira para mim. — complementou, e finalmente, comecei a entendê-lo. — Não quero que faça isso. Não quero que force nada.

— Eu nunca tive que forçar nada por você. Por nós. — falei e Guilherme pareceu um tanto quanto incrédulo, ao mesmo tempo, que me ouvia.

Ele deu um passo a frente e me puxou para si. Senti seu corpo me acolher, e uma de suas mãos se instalar em minha barriga.

— Minhas inseguranças e medos não importam hoje. — falou e me encarou. — Como está se sentindo? Quantos meses? É... — ele de repente se ajoelhou e sem fazer cerimônia começou a alisar minha barriga. — *Como não desconfiamos de nada?*

Não soube o que dizer, sabendo que ele fugia do outro assunto, como um menino assustado. Porém, ficara feliz ao saber

que ele estava claramente *feliz* pela gravidez, tão surpreso quanto eu.

— A médica disse que ambos estamos bem, mas ainda é cedo para saber o sexo. — comentei, e ele me encarou, dando-me sua atenção.

Passei as mãos por seus cabelos, entendendo-o por completo. Se fosse oposto, com toda certeza, pensaria o mesmo. Porém, não o amava pelo nosso filho. O amava bem antes daquilo, só era difícil colocar em palavras. O que fazia a alguns dias, obrigando Will a me ouvir todas as vezes, e encenar como seria. Nada se comparava a realidade. E realidade era que Guilherme se sentia pisando em ovos comigo.

Ao mesmo tempo que queria beijá-lo por estar naquela posição e me olhando como se fosse seu tudo. Queria socar seu belo rosto e lhe dizer que ele tinha começado a se tornar o meu. Assim como, o nosso filho.

— Isso é tão...

— Diferente. — complementou, e sorriu em seguida. — Vamos ter um bebê, e... Mas parece tão pequeno. — ele passou a mão por minha barriga que não se comparava a uma modelo que

com certeza seria chapada, porém, não era grande o bastante para acreditarmos que existia um bebê ali.

— Foi a primeira coisa que mais estranhei. Com certeza percebi que engordei um pouco nos últimos meses, mas nada fora do habitual. — comentei, dando de ombros. — A médica disse que é normal, e que muitas mulheres demoram para a barriga aparecer realmente.

— E isso vai acontecer quando? — perguntou, ainda encarando minha barriga, como se buscando encontrar algo.

— Ela acha que nas próximas semanas, e aí, pode ser cresça rápido... Estou com mais de dois meses, então...

— Quer dizer que engravidamos quando voltamos? — indagou e assenti, sorrindo de lado. — Acho que sequer me lembrei da camisinha naquela noite.

— Bom, não usamos pelo que lembro. Mas tomo anticoncepcional, então pensei que...

— Mas a medicação não fez algo mal ao bebê e...

— Fiz todos os exames antes de vir te contar, e ele está bem. Bom, ele ou ela. — falei e mordi o lábio inferior. Guilherme

arregalou os olhos, como se finalmente entendendo que poderia ser real.

— Vamos ser pais. — sua voz saiu como um sussurro e sorri para ele.

— Vamos.

Ele então se levantou e me puxou para seus braços, abraçando-me com carinho. Ainda sentia que ele estava incerto sobre meus sentimentos, e não forçaria que entendesse, não naquele momento. Porém, amanhã seria um novo dia, e após amá-lo naquela noite, com toda certeza, tentaria provar que o amava além do nosso bebê. Amava-o porque ele era o cara certo.



Ajeitei minha caneca e liguei a máquina de expresso. Andei em direção a enorme porta de vidro da sala de estar, e coloquei uma de minhas mãos contra o vidro gelado. Caía uma leve chuva, que parecia marcar a cidade que tanto amava. Vestia apenas um

moletom duas vezes maior que os meus, que pertencia a meu irmão, e que desde os meus dezoito, não fiz questão de devolver. Meus cabelos estavam presos num coque no alto da cabeça e apenas uma calcinha como peça de baixo.

Encarei meus pés com a meia de *emojis* e sorri: look perfeito para um dia de chuva dentro de casa. Na realidade, sentia-me forçando um sorriso. A noite anterior deixara meu coração em perigo e ansioso, e finalmente, tomara minha decisão. Diria a Guilherme o que tanto guardei e o que tanto queria. Talvez ele entendesse. Talvez ele realmente compreendesse. Talvez ele o quisesse.

O barulho da máquina de expresso chamou minha atenção e saí de meu cenário perfeito de clipe, e fui até a cozinha. Peguei minha caneca e por um segundo, um pequeno flashback se passou por minha mente. Sobre tudo o que vivi nos últimos meses, e que sequer entendi por onde ia. Apenas fui. Naquele momento, finalmente, entendera os porquês. A caneca em minhas mãos era uma das provas de que o caminho apenas surpreendeu, mas não foi um erro.

Passei a mão por minha barriga e senti meu coração disparar. Apenas alguns dias, e tudo mudara, e começara a

entender que existia uma vida ali. Mais de dois meses, próxima aos três, e pela primeira vez, buscava *nele* ou *nela* a calma que precisava. Sentia-me ansiosa de repente, mesmo que nunca planejara ser mãe. *Aconteceu...* Uma única noite fora o bastante para unir-me a Guilherme para sempre. A noite em que fizemos amor pela primeira vez.

Não teria como imaginar que estava grávida, ainda mais, por não ter nenhum sintoma óbvio, além do atraso da menstruação, que era algo comum de me acontecer. Porém, ali estava eu. Começando a querer algo como olhá-lo de uma vez, além das imagens esquisitas do primeiro ultrassom. Queria olhar para *ele* ou *ela*, e saber se os olhos teriam o verde profundo do pai que assumia novas tonalidades dependendo de seu humor, ou o azul claro dos meus. Se o cabelo sairia loiro clarinho como o da mãe, ou até mesmo, os tons mais escuros de Guilherme. Respirei profundamente, pegando-me pensando nele mais uma vez. Era como um vício. Entretanto, uma realidade.

A caneca com um personagem do meu jogo de vídeo game favorito, que ganhei de presente quando voltou da Espanha, dizia mais sobre ele, do que a respeito de mim. Ou melhor, falava muito a respeito de nós. Levei a caneca a boca e tomei um longo gole

do chocolate quente. Barulhos vindos do quarto chamaram minha atenção e tentei imaginar como começar aquela conversa. As coisas poderiam sair de um jeito inesperado. Ainda mais, por minha decisão ser tão pensada, ao contrário de estar grávida de um homem que mal conhecia.

Naquele momento, conhecia. Os meses me mostraram aquilo, assim como, sua forma de ser nada parecido com o que um dia tive. Já conhecera a dor com alguém, que simplesmente, não conseguia colocar como um relacionamento. *Não mais.* Porém, já conhecera o amor em uma outra ocasião, mas nada comparado ao que vivi nos últimos tempos. Suspirei fundo, no momento em que meus olhos se depararam com a visão de Guilherme saindo do corredor, em direção a sala.

Era como seu ritual matinal.

Deus, até aquilo decorara!

Um passo para perto do sofá, e ele levanta os braços e espreguiça. *Feito.* Mais um passo, e ele simplesmente se joga sobre o estofado. *Feito.* Ele leva a mão direita e passa pela barba rala, como se pensando a respeito da vida e ao mesmo tempo sobre nada. Um dia lhe perguntaria o que tanto fazia ali, por cerca de cinco minutos, claramente, fechado em seu mundo. Os

minutos passaram, e *feito*. Ele então se levanta e logo seus olhos, recaem nos meus.

Analisei sua expressão e notei o franzir de seu cenho por um segundo. Talvez ele quisesse tudo, menos a minha visão em sua cozinha depois da noite anterior. Entretanto, ali estava eu. Pois tinha conseguido o dia de folga. Como ele mesmo diria: surpreendente e imprevisível. Talvez eu fosse. Naquele momento, por um bom motivo.

— Bom dia.

Apenas aquela simples fala em português, pegou-me completamente desprevenida. Não era o Guilherme brincalhão e bem-humorado pela manhã. Era a versão mais perto de fria que já conhecera dele. Ele geralmente gritava *buenos días* e me dava um beijo na testa. *Em que momento perdemos tal coisa?*

Minha mente me castigava, assim como, cobrava que fizesse algo. Aquele era o momento. Olhei diretamente em seus olhos e tomei coragem. *Vamos lá!* Não era algo tão difícil assim. Talvez fosse, para mim. Deveria seguir seu conselho e não me forçar. Porém, não era um esforço, era mais o fato de estar sufocada com meus próprios sentimentos.

Abri a boca para falar, ao mesmo instante que a campainha soou alta. Paralisei e soltei o ar que mal sabia que segurava. Guilherme me encarou por alguns segundos, e então, o som da campainha soou mais uma vez. Vi-o se virar e praguejar algo em espanhol. Sorri, pois era completamente engraçado vê-lo se enrolar com as duas línguas.

Permaneci com a mão em minha barriga e pensei o que poderia fazer para confessar meu amor e para ele *acreditar*. Sentia-me pronta para aquilo.

— Olha, Gui, eu...

Minha frase morreu, assim como aquele momento. Tinha uma mulher sobre Guilherme, abraçando-o com afinco, e poderia mentir que não a reconheci, mas a conhecia de fotos em seu notebook. *Melina*.

Esperei que Guilherme a afastasse prontamente, porém, ele não o fez. Pelo contrário, ele passou as mãos em suas costas, como se assegurando-a de que era seu lugar. *De que ele esperou por ela*. Abaixei a cabeça e fui para o quarto no mesmo segundo. Finalmente entendendo, que entendi completamente errado. Eu era sua amada, até que *ela* chegasse. No fim, talvez ele duvidasse de meus sentimentos, por não ter certeza sobre os

próprios. Não era sua insegurança, era por conta de seu verdadeiro amor.

Aquilo explicava a forma como me olhou minutos antes de ela aparecer. Ali não era o meu lugar. Era o *dela*. Sorri sem vontade, e senti as lágrimas descenderem. Arrumei-me rapidamente, e joguei a mochila que deixara com algumas coisas, nas costas. Precisava sair dali. Não era a protagonista daquela história. Como sempre. Tinha que aceitar a realidade de que aquele homem fizera uma escolha bem antes de nos conhecermos.

“Apenas diga que me ama, só por hoje
E não me dê tempo porque isso não é o mesmo
Quero sentir chamas ardentes quando você diz meu nome
Quero sentir a paixão fluindo em meus ossos
Como o sangue em minhas veias.”^[42]

Guilherme

— O que faz aqui, Melina? — perguntei em espanhol, assim como ela falava, e olhei rapidamente para a cozinha, notando que Jéssica não estava mais lá. — Não é um bom momento.

— Do que está falando? — tentei afastá-la, porém, ela praticamente se escorava sobre mim, o que me obrigava a segurá-la para que não caísse. — Eu voltei pra você, baby.

Balancei a cabeça e soube que a conversa que tivemos na madrugada não adiantara de nada. Tentei deixar claro para

Melina que era parte de meu passado e que não mudaria nada o fato de estar no Brasil. Porém, ali estava ela. Dentro de meu apartamento, logo após a noite que descobri que seria pai. E mais, pai da criança que a mulher que *realmente* amava esperava.

— Eu te avisei pelas mensagens, Melina. Íamos marcar de sair e conversar sobre. — falei, e finalmente, consegui me afastar. — Não deveria estar aqui.

Seu semblante fechou e notei a forma como encarou-me sem entender.

— Tem a ver com a loira na cozinha? — indagou, e ficou ereta, olhando-me de cima abaixo. — Quem é ela, afinal?

— Ninguém que interesse. — a voz de Jéssica tomou conta da sala, e dei um passo até ela, que logo negou com a cabeça. Ela sabia, que jamais a tocaria se não permitisse. Fiquei acuado, sem saber como agir. *O que ela poderia estar pensando naquele momento? Será que da mesma forma que me senti ao saber de Marcelo?*

Notei que ela carregava a mochila nas costas, e parecia nem um pouco feliz. Seu olhar era decidido, mas notei o quanto

se segurava para não desabar. Apenas queria puxar-lhe para meus braços e dizer que não era nada do que poderia estar pensando. Melina não deveria estar ali.

— *Nena*, apenas...

— Resolva isso. — Jéssica me encarou, como quem não acreditava que aquilo teria um final feliz. Mal sabia que ela era, o meu recomeço feliz. — Eu não tenho o que fazer aqui.

— Você sabe muito bem que tem.

— Sei? — indagou e sorriu sem vontade. — Assim como você duvidou de meus sentimentos, faço agora. — fechei os olhos, e suas palavras me cortaram. — Ao menos eu me acertei de fato com o meu passado.

— Jess...

— Não. — refutou, e encarou Melina, depois se virou para mim. — Não vou interferir em escolha alguma.

— Eu...

Jéssica não me deu tempo para continuar, apenas passou por Melina, esbarrando na mulher morena, que a encarou espantada. A porta da frente foi fechada e senti meu coração ser esmagado.

— Quem é essa? — Melina perguntou, passando a mão em seu ombro, como se incomodada com o mínimo toque de Jéssica.

Tive que sorrir, porque aquela mulher era impossível. Jéssica Medeiros era a mulher mais surpreendente que conhecera, e naquele momento, notei o quanto sentíamos que o outro estava preso ao passado. *Porém, nenhum pode sentir pelo outro.* Era aquela a questão. Ela não sabia que Melina não estava mais em meu coração, assim como, não conseguia crer que ela me amava. Porém, se ela me dizia, devia acreditar. Assim como, ela deveria fazer.

Mesmo aos trinta e três, sentia-me como um garotinho apaixonado a sua frente, perdido diante de sentimentos. Com ela poderia não ser diferente. Ao contrário de muitos casais, não éramos opostos. Éramos mais parecidos do que a maioria. E sentia que por aquele motivo nos entendíamos tão bem.

Olhei para Melina e sabia que não era ela. Que nunca fora ela. Um dia, acreditei, ao lhe pedir em casamento, que ela era a mulher certa. Porém, entendia que foi apenas a forma que encontrei de tentar driblar meus medos do amor. O sexo era bom e apenas... Não conseguia me lembrar de um momento em que

me senti da forma como Jéssica o fez. Melina não era um problema, ela era uma boa mulher. Apenas, não era para ser *minha*. E sua rejeição no passado, apenas fora um passo dado, diretamente para o que tinha que ser. Era *destinado* a Jéssica. *Podia sentir*.

— Eu sei que disse que te esperava, e você, disse que faria o mesmo. Mas como tentei te explicar ao telefone, a coisas mudaram. Eu mudei, Mel. — falei, e ela me encarou como se tentando me compreender.

— Você a ama, não é? — indagou e assenti, sem dúvida alguma. — Pensei que apenas estivesse me ignorando por charme, ou porque voltaria a Espanha de surpresa, mas... Eu entendo agora.

— Sinto muito, Mel. — falei, e ela sorriu de lado, batendo em meu ombro.

— Eu sei que não sente. — piscou e olhou rapidamente em seu relógio. — Está perdendo tempo. Não sou ela, mas com certeza não gostaria do homem que diz me amar, estar com a ex dentro do apartamento, em vez de correndo atrás de mim. — falou, e sorri, agradecendo por ela entender.

Talvez aqueles fossem um dos motivos que me fizeram apaixonar por ela. Ela era uma *entendedor*a. Ela me aceitara, mesmo sem saber de fato sobre meu passado.

— Conversamos depois, ok? — indaguei, e ela abriu a porta do apartamento saindo antes de mim.

Peguei meu celular jogado sobre o sofá e fiz o mesmo caminho.

— Não sei, acho que cometi um erro ao vir, e não foi com você. — falou com pesar. — Apenas vai!

Fechei a porta do apartamento e corri em direção ao elevador, notei que deixara Melina para trás, e aquela visão, fazia-me entender que o passado ficara em seu devido lugar. Felizmente, ela não era complicada ou me julgava. De algum jeito, ela parecia me entender, como se estivesse vivendo o mesmo.

Assim que cheguei a rua, mesmo apenas com a calça de pijama, corri para a calçada e comecei a olhar para os lados. Busquei Jéssica em algum lugar, e infelizmente, não a encontrei. *Merda!* Saquei meu celular, enquanto seguia pelas ruas ainda um pouco molhadas pela chuva que passara, e que ela poderia ter

ido até seu apartamento, e comecei a ligar. Como esperava, apenas tocou até cair.

Porém, meu olhar vasculhou cada lugar que passara, até paralisar em uma loja de roupas infantis. Pela grande vitrine, consegui notar Jéssica lá dentro, pagando algo no caixa, e recebendo uma sacola em seguida. Notei o olhar de algumas pessoas sobre mim, e não me importei. Meu visual não era algo crucial no momento.

Fiquei esperando-a sair, e notei a forma como secou seu rosto abaixo dos olhos ao sair da loja.

— *Nena!* — chamei-a e notei seu corpo ficar tenso, assim como, ela demorou alguns segundos para me olhar. Abri os braços, como quem dizia: estou aqui. — Posso te tocar? — indaguei, com medo de agir além do que podia, e ela assentiu, como se entendesse minha dúvida.

Puxei-a levemente para perto, e toquei seu rosto, limpando algumas lágrimas que ainda desciam.

— O que faz aqui? — indagou. — Melina voltou para você. Talvez seja o momento de ficar com seu passado. E eu, deva

voltar e amar Marcelo, como você acredita. Quem sabe, tentar destruir o casamento dele de vez, como a megera que sou e...

— Termos uma guarda compartilhada? — perguntei, seguindo seu tom acusatório e ela assentiu, dando um passo atrás. Puxei-a de leve novamente, e ela soltou o ar com força. — Por mais que todas essas opções um dia fossem plausíveis, não são válidas.

— *Por que?* Por que estou esperando um filho seu? Assim como quero te amar por estar grávida, você vai ficar longe do seu amor por isso? — entendia suas acusações e reprimendas, mas apenas consegui sorrir, sabendo que ambos éramos loucos um pelo outro afinal. Tão loucos de amor que não tínhamos noção do quanto aquilo nos afetava. O quanto nos amávamos.

— Porque isso tudo ficou no passado, e o meu presente é *tudo* que importa. Você é tudo o que me importa. Desde que coloquei meus olhos nos seus, soube que estava perdido, *nena*. Porém, quanto mais me perco, mais quero estar ao seu lado. — toquei seu rosto, e limpei algumas lágrimas que ainda desciam. Era o lado frágil de Jéssica exposto, e sabia, que poucas vezes ela ficava de tal forma. Ali entendi, o quanto era *importante* para ela. — Sei que não fui justo ao duvidar do seu amor, assim como,

fez agora a pouco. Mas acho que ficamos tanto tempo sendo segunda opção de alguém, que é difícil imaginar que agora é real. Ainda mais, pelo que sinto por você. Nunca senti por ninguém, *nena*. Nunca me senti tão desesperado ao te ver sair, ao imaginar que...

— Iria embora para sempre? — indagou e assenti. — Eu só não queria estar lá, caso...

— Voltasse para ela? — sorri de lado, deixando claro que aquilo nunca aconteceria. — O que tenho que fazer para ter a certeza de que sou seu? — perguntei, e ela suspirou profundamente, parecendo uma bagunça como eu.

— Tem que acreditar em mim. — falou e entendi onde queria chegar. — Porque quando disser que te amo, porque *eu amo*, não é pela gravidez. Foi porque te entreguei tudo de mim, porque além do meu amor, tem minha confiança.

— *Nena...* — senti meus olhos marejarem, e puxei seu corpo para o meu. — Desculpe ser um maldito inseguro.

— Desculpe ter saído feito uma mocinha indefesa. — falou, o que me fez rir. — Não sou a mocinha, com certeza, e sei disso. Vai ter que me aceitar como uma bela megera, espanhol.

Eu já a aceitava há muito tempo. Mesmo ela não entendendo que para mim, ela era a personagem perfeita. Ainda mais, porque ela era real.

— Eu sou um bom mocinho, não posso negar. — ela bateu em meu ombro, o que me fez rir. — Acho que vou te beijar agora, e não quero nunca mais te ver saindo de casa daquela forma. — pedi, claramente, parecendo um desesperado. Porém, o era. Apenas por ela.

— Você é a coisa mais adorável que já vi. — ela falou, e meu coração falhou uma batida. — Eu quero isso. Quero a gente.

— E você tem, *nena*. Você já me tem. — falei, e então, uni nossos lábios.

As pessoas ao redor poderiam nos achar insanos, até mesmo, um tanto quanto malucos. Um cara de pijama beijando uma mulher à frente de uma loja de artigos infantis, como se suas vidas dependessem daquilo. Talvez dependessem, cada pequena parte. E eu aceitei, assim como, o seu amor. Éramos completos afinal. Iguais, imperfeitos, mas completos. Aquilo, nos bastava.

“Estou mergulhando profundamente em suas emoções
E às vezes, acho que posso estar quebrada
Mas você está trazendo de volta todos os meus sentimentos
Você está trazendo de volta todos os meus sentimentos
E eu amo, eu amo isso pra caralho.”[\[43\]](#)

Jessica

Era estranho voltar para o apartamento, minutos depois de sair chorando e me sentir uma idiota completa. Porém, ali estávamos nós. As mãos de Guilherme estavam em minha barriga, e senti seu olhar me queimar, assim como seu toque. Olhei para o reflexo do elevador, e notei nossa imagem. Nos formávamos um belo casal, conseguia ver ali. Eu tinha um olhar decisivo, ele era a provocação pura. Era uma mistura estranha, mas gostava dela. Gostava do resultado.

— Estou imaginando essa barriga grande. — confidenciou e sorri. Fizera o mesmo desde o momento em que o resultado me apontou positivo.

— Acho que vou parecer ainda menor, mas tudo bem. — dei de ombros. — O motivo *vale a pena*.

— Eu sempre quis ser pai. — falou, e voltei meu olhar para o dele, assim que o elevador parou em seu andar. — Acho que não fiz menção disso ontem.

— Não. — concordei, e saímos daquela forma do elevador. Não sabia entender, mas Guilherme parecia não querer me soltar. — Por que agora parece estar melhor para falar sobre?

— Porque sei que me ama. — falou arrogante e revirei os olhos. — Não adianta tentar fugir, *nena*. Posso gravar você falando e ficar repetindo...

— Você é terrível. — revidei, no momento em que ele abriu a porta. Olhei para o ambiente, um tanto quanto desconfiada. — E Melina? — perguntei, enfim, e Guilherme deu de ombros, encostando a porta.

— Ela entendeu que não tinha mais volta e foi embora, acredito. — comentou e assenti, ainda não acreditando que ela

fosse tão boa. — O que foi? O que pensa tanto nessa cabeça maluca? — indagou, e me puxou para olhá-lo.

— Bom, que ela desistiu muito fácil. — comentei e Guilherme gargalhou.

— Ela não tinha por *quem* lutar, *nena*. — piscou e me deu um leve beijo na testa. — Agora me mostra o que comprou, antes que tenha que pegar essa sacola e abrir. — ameaçou e gargalhei, afastando-me para abrir a sacola desenhada com nuvens azuis.

— Eu estava tão desolada que quando vi, já estava dentro da loja. A atendente achou que estava chorando devido aos hormônios. — contei, rindo da forma paciente que a mulher que atendera por aquilo. — Acho que grávidas podem usar hormônios como desculpa para tudo. — pisquei, e senti sua análise, assim que retirei o macacão na cor verde dentro da sacola. Não saberia explicar, mas quando olhei para aquela peça, soube que seria a primeira do bebê. Will tentou me obrigar a sair com ele e comprar, mas não senti tal coisa ou vontade. Em meio ao caos, após ver Melina nos braços de Guilherme, aquilo pareceu tão certo, que apenas o fiz.

— É lindo e tão pequeno... — a voz de Guilherme falhou e então ele tocou o pequeno pedaço de pano. — Eu... Nem sei o

que dizer, *nena*. É tão lindo.

— E nosso. — falei, e passei a mão pela barriga, sentindo-me chorosa mais uma vez.

Talvez os hormônios realmente estivessem começando a funcionar de forma diferente.

Senti o abraço de Guilherme e me encontrei novamente ali. Era o lugar certo, eu sabia. Além de todas as probabilidades, além de tudo o que imaginamos para o futuro. Parecia o destino funcionando. Naquela noite em que nos perdemos por completo, o fruto de nosso amor fora gerado. Sentia-me dentro de um livro, em reta final, como perto do momento do casamento ou um pedido surpresa. Entretanto, não era aquilo que necessitava.

Tínhamos nós. Tal afirmação era o bastante. Sabia que para Guilherme também. Virei meu rosto e ele me beijou, sabendo que era o que precisava. Sem precisar pedir ou implorar. Porque era amor de verdade. Porque era o nosso amor. Finalmente, o encontrara.



Saí do banho e me enrolei no grande roupão que Guilherme deixara para mim. Olhei para sua pia, e comecei a ver que minhas coisas estavam espalhadas por ali. Não nos víamos todos os dias, porém, sabia que havia uma parte minha em seu canto, assim como uma sua, no meu. Parecia um caminho bom para se começar. Não tínhamos pressa.

Passei os dedos dentre os cabelos molhados, enquanto recebia algumas mensagens de Lucas preocupado e o respondia como conseguia com a outra mão. Ele era protetor e o entendia, ele apenas queria meu bem. Quando finalmente, se convenceu de que estava bem, de fato mandou um beijo para o *sobrinho* e praticamente me intimou a ir para casa à noite. Ele estava eufórico, assim como Will, com o fato de serem tios.



Destinatário: Irmão

Jantar as 20h?

Vou convidar Guilherme.

Lucas respondeu um simples *ok* e sabia que era o máximo que ele poderia simpatizar com Guilherme. Não era por mal, nem por pensar o pior. Lucas apenas não era do tipo de pessoa que cai de amores por alguém ou faz tal tipo. Ele era mais fechado para o mundo, e apenas aberto para os íntimos. No caso, eu e Will. Eu o entendia, depois do que passamos com nossos pais. Eles nunca aceitaram o fato de Lucas ser gay, porém, meu irmão não fez questão alguma de esconder quando entendeu como se sentia.

Ele deixou de ser filho deles quando o expulsavam, e aconteceu comigo, quando segui pelo mesmo caminho da porta que ele. Nunca entendi o fato de conseguirem colocar dois filhos para fora, apenas por puro preconceito. Lucas nunca buscou sua aprovação ou entendimento, apenas queria que seus pais o amassem. Acho que o que todo filho busca. Passei a mão por minha barriga, e pensei a respeito de como era gerar uma vida. Ainda parecia inacreditável, mas não me imaginava deixando meu filho ir, *por nada*.

Não me arrependia, entretanto, de ter ficado ao lado de meu irmão. Ele era a minha família no fim, ponto final. Nossos pais nunca nos procuraram, muito menos, acharam válido me

visitar no hospital quando Lucas os ligou e contou o que acontecera com Rafael. Muito menos, fizeram questão de estar nas audiências contra ele. Para mim, guardei lembranças boas de nossa infância. O que eles se tornaram e como nos trataram depois, não reconhecia como meus. Preferia vê-los como desconhecidos. Era o que se tornaram.

Suspirei, e saí do banheiro, seguindo até a cama, onde Guilherme acabara cochilando por me esperar. Notei que vestia uma camisa e calça jeans escura, claramente, tinha começado a se arrumar, mas cedera ao sono. Toquei de leve em seu rosto, e percebi que a chuva que a pouco parara, voltara com toda sua força. Ri, lembrando-me da cena daquele homem apenas de calça na rua. Ele era maluco. Felizmente, maluco por mim.

Deixei um leve beijo em sua boca, e ele suspirou em seu sono.

— Eu te amo, espanhol. — sussurrei.

Decidi que seria melhor pedir algo para comer. Virei-me para sair do quarto e pedir a comida, porém, parei ao encontrar o violão jogado ao lado de sua televisão. Sempre o vi ali, mas nunca questionei Guilherme se ele tocava. Quando chegávamos ao quarto, era como se nos perdêssemos. Sempre me imaginei

tocando para ele ali, mas nunca tive coragem. Porém, senti à vontade naquele instante.

Peguei o violão em mãos e me sentei na poltrona do lado esquerdo do quarto, que ficava próxima o bastante para que ouvisse, e que pudesse me escutar de fato. Falara que o amava enquanto ele dormia, porém, queria que tivesse meu amor, consciente de tal coisa. Sabia que ele tinha um sono leve, e assim que dedilhei os primeiros acordes, notei que se mexera na cama, como se despertando.

Cantei para ele aquela música uma vez, mesmo que não soubesse. Se seu voo não tivesse atrasado ele teria assistido e talvez, já começasse a entender meus sentimentos por completo. Porém, não era para ser naquela. Acho que ele merecia mais que a multidão. Ele merecia apenas para ele. Assim como o fez para mim.

“Tudo que eu sei é que você é tão adorável

Você é a coisa mais adorável que já vi

Eu queria que nós levássemos isso adiante

Ver se nós poderíamos ser algo...”^[44]

Suspirei no momento em que seu olhar encontrou o meu, e ele se sentou na cama, claramente sem entender o que acontecia. Porém, sabia que ele compreendia inglês muito bem, e melhor, me compreendia. Então, esperava que entendesse por completo.

“Eu gostaria de ser a sua garota favorita

*Eu gostaria que você pensasse que eu fosse a razão de você
estar no mundo*

Eu gostaria que meu sorriso fosse o seu tipo favorito de sorriso

*Eu gostaria que o jeito como eu me visto fosse o seu tipo favorito
de estilo*

Eu gostaria que você não conseguisse me entender

Mas você sempre quisesse saber o que eu tinha

*Eu gostaria que você segurasse a minha mão quando eu
estivesse chateada*

*Eu gostaria que você nunca esquecesse o meu olhar quando nós
nos conhecemos...”*

Ele sorriu, e notei que parecia inerte diante de mim. Sorri, e deixei que as lágrimas descessem, mais uma vez, sentindo tão sincera, que não conseguia esconder nada. Era dele. *Queria* ser dele.

*“Eu gostaria de ter uma mancha na pele que você amasse
secretamente*

*Porque estaria em um lugar um pouco escondido que ninguém
mais poderia ver*

Basicamente, eu gostaria que você me amasse.”

Trocamos um olhar, e ele sorriu provocativo, e consegui ler um *Te quero* em seus lábios. Sorri em meio as lágrimas e continuei a cantar.

“Eu gostaria que você precisasse de mim

*Eu gostaria que você soubesse que quando eu dissesse duas
colheres de açúcar, na verdade eu queria dizer três*

Eu gostaria que sem mim o seu coração se partisse

*Sim, eu gostaria que sem mim você
Passasse o resto de suas noites acordado
Eu gostaria que sem mim você não pudesse comer
Sim, eu gostaria de ser a última coisa em sua mente antes de
dormir.”^[45]*

Sentia que nunca tinha cantado daquela forma, a não ser, quando me reencontrei. Era a primeira vez em anos que deixava meus sentimentos completamente libertos. Sorri, e o encarei, para finalizar.

*“Olha, tudo que eu sei é que
Você é a coisa mais adorável que eu já vi
E eu queria ver se nós pudéssemos ser algo
Sim, eu queria ver se nós pudéssemos ser algo.””^[46]*

Assim que finalizei, deixei o violão de lado, e de repente, seus braços me cercaram. Sorri, sendo levantada em seu colo, e um beijo fora depositado em minha boca.

— Surpreendente e imprevisível, *nena*. O que eu faço com você?

Sorri e toquei seu rosto com carinho.

— Me ame, espanhol. Apenas isso.

E eu sabia, ele o faria. E esperava que para sempre.

Epílogo

“Veja, eu quero ficar a noite toda

Eu quero dormir com você até o sol nascer

Eu quero deixar você entrar

Oh, o céu sabe que eu tentei

Eu queria poder deixar você me amar

Queria poder deixar você me amar.”[\[47\]](#)

Guilherme sentiu os pés afundarem na areia macia, e suspirou profundamente. Amava aquele lugar, que há anos não visitava. E ali estava, com todas as pessoas importantes em sua vida. Olhou ao redor e sentiu o quão abençoado era, e como as escolhas de sua vida o marcaram. Sorriu, ao ver que a mulher que o fizera escolher o melhor caminho, desde que pusera os olhos nela, era a responsável pela vida ter se tornado mais fácil, mais simples.

Andou a passos lentos, de relance, vendo o irmão ao lado da cunhada, que carregava o pequeno Samuel, de apenas dois meses no colo. Sorriu, imaginando-se na mesma situação.

Faltavam alguns meses, entretanto, ele nunca se sentiu tão ansioso. Assim como o momento em que descobriram que eram gêmeos. A barriga de Jéssica, do nada parecera crescer demais, e ambos ficaram em alerta. Ou o bebê seria grande demais para seu pequeno corpo e ela faria cesárea, ou... Bom, os gêmeos vieram como resposta.

Sabia que era um casal, e a ansiedade pela chegada de Nathan e Gabriela, tornava-se mais forte. Paralisou, a poucos passos, daquela que cuidava tão bem de seus filhos, assim como, de seu coração. Jéssica estava esparramada em na cadeira de praia, com um livro em mãos, o qual ela não largara por nada. Parecia estar conectado a si. A barriga grande se destacava, assim como, o sorriso em seu rosto. Nunca a viu tão feliz como naquele momento. Sentia-se completo, por tê-la ali, em Angra, em um dos lugares que mais amava, de frente para o mar que sempre amou ter como vista. Era a casa de praia de sua família, a qual, ela pertencia.

— Eu sei que está aí, espanhol. — a voz da mulher loira chamou a atenção de Guilherme, que sorriu, indo até ela, e sentando-se na cadeira ao seu lado.

Os olhos se conectaram e ela sorriu levemente, mas ele sabia que apenas alguma provocação sairia dali.

— Branca e Hugo parecem mais do que felizes nesse mar. — comentou, e indicou com a mão onde o casal estava. Claramente, Branca gargalhava de algo e o homem fazia o mesmo. — Dá pra acreditar, que em tão pouco tempo, tudo pareceu se ajeitar? — sua indagação não pedira uma resposta, ambos sabíamos. Ela trazia vários questionamentos em pauta.

Jéssica se sentia em meio a um mar de emoções, hormônios e planos para os filhos. Ao mesmo tempo que conheceu os outros integrantes da família Rivera, e notou o porque eles ficaram tão devastados com o passado. Eles eram como únicos, quando juntos. Admirava aquilo, ainda mais, a forma como os pais de Guilherme a acolheram. De alguma forma, trouxera seu irmão e o cunhado para o meio deles, e ali estavam, perdidos em algum lugar de Angra dos Reis. Nunca pensou, que o amor chegaria de tal forma. Que entre as maiores indecisões, sentimentos revoltos, e o passado, ele apareceria. Porém, ele apareceu. Inesperado, instigante e determinado. As três palavras poderiam definir o sentimento que explodia em seu peito pelo homem que amava.

— Estou pensando em que momento vai levar a sério meu pedido e se casar comigo. — a voz do espanhol chegou a seus ouvidos e a loira sorriu, deixando o livro de lado por alguns instantes. Devorava mais uma vez o segundo livro que comprara de Rupi Kaur, e refletia sobre cada linha escrita por aquela mulher. — Sabe que estou sério sobre isso.

Ela assentiu, pois realmente sabia. Guilherme o fizera, após a primeira vez que acordaram lado a lado na cama. Fora a primeira noite inteira, que dormiu ao dele, e não sentiu que iria desabar. Fazia apenas algumas semanas, entretanto, ele sabia o quanto aquilo importara. Para ele. Para ela. Era como virar uma página. Ele a pediu em casamento no segundo em que acordou e a viu em seus braços. Fora acordado com o pedido sussurrado em seus ouvidos.

Guilherme também era imprevisível. Amava-o por aquilo.

— Por que quer tanto se casar comigo? — indagou, mesmo que entendesse seus motivos. O espanhol poderia negar, mas gostava de romance. — Será que por que sou uma mulher surpreendente? — provocou e o sorriso dele aumentou.

— Além disso, porque te amo.

Aquela declaração, como sempre, a tocara. Guilherme e ela não escondiam mais sentimentos. Principalmente, ela. A segurança que os dias trouxeram, mostraram que acertou em sua escolha. Que ele fora a escolha certa. Desde o momento em que o aceitou naquela boate, até o momento, em que o trouxe por completo para a sua vida. Para sua mente. Para sua alma. Para seu coração.

Ali, ela entendera o que era amor. E a cada dia, em cada movimento dos gêmeos em sua barriga, sabia que era a plenitude do sentimento. Ela batalhou por longos anos contra o trauma. Contra o abuso. Contra o medo. Vencera, em partes. Sabia que para sempre carregaria marcas daquele momento. Porém, ele não era mais o protagonista de sua vida. De suas escolhas. Ficara no seu passado, assim como, decidira.

A cada sorriso trocado com o homem parado a sua frente, que esperava uma resposta, ela sabia que aquilo era amor. Não era o ciúme. Não era a proibição. Não era o falso cuidado. Era o sorriso. A gargalhada. A conversa. O abraço. O aconchego. O beijo. A troca. A liberdade que se permitia viver, a cada dia, ao seu lado. Porque eles realmente se encontravam em alguma curva do destino.

Suspirou e puxou-o para perto, dando um leve beijo em seus lábios. O simples toque fez seu corpo arrepiar, assim como, seu coração acelerar. Ela não precisava de confirmações para o que sentia. Pois sabia, que ele era a coisa mais adorável que já tinha visto. E que sim, tornar-se-ia sua esposa em breve. O suspense para o sim, era apenas para ver aquela carinha linda insistindo em algo que era certo. Gostava de vê-lo lhe pedir. Assim como, ele a amava. Assim como, eram uma família.

— Acho que disse sim muito antes do que imaginei. — confessou e o olhar de Guilherme tornou-se esperançoso. — Mas temos tempo, e duas crianças para trazer ao mundo... Depois disso, vou caminhar até você e fazer votos.

— Vai cantar para mim, *nena*? — ele indagou, e ela não teve como negar. Amava cantar para ele. Assim como, ele amava ouvi-la.

Assentiu, e soube que aquela era a vida que precisava. Liberdade cravada na pele e em sua alma, assim como em seu coração. Escolhas, feitas em momentos decisivos que apenas os levaram até ali. Eram quebrados. Jamais seriam inteiros novamente. Contudo, quando se olhavam, sabiam, que não precisavam de complemento.

Eram completos em cada imensidão e marca que carregavam. Cada qual com seu medo, seu anseio, sua busca. O importante era se encontrarem no meio do caminho. Jéssica sabia, que no dia seguinte, *acordaria*, embalada em seus braços. Nunca imaginou, que de fato aconteceria, porém, tornara-se uma *constante*. E ela repetia para si, em sua *mente*, todas as manhãs, quando despertava depois dele, ou acordava, e percebia que dormira a noite toda na mesma cama: que ele era seu presente e futuro. Que enquanto acordasse ali, apenas seu nome estaria *em* seu coração.

O sorriso do espanhol se transformou, pendendo para o lado direito da boca, fazendo-a lembrar da primeira vez que o viu. O homem que tinha tudo para não ser o certo à primeira vista. Porém, as aparências, nunca foram tudo. E *seus braços*, seu coração e sua alma, eram o que realmente importava. Seu toque, era tudo. E sabia, que ele sentia o mesmo.

Porque quando um pesadelo vinha, e tentava lhe puxar para a escuridão. Em seus braços acordava. E em seus olhos, encontrava-se segura.

Todos os dias.

Fim

Recadinho

Esse casal foi um desafio. Jéssica, uma anti-heroína para quem leu o spin-off de Davi, e que me permitiu tratar de um assunto tão sério como relacionamento abusivo. Guilherme, um mocinho característico, com o coração quebrado por algo que nunca foi sua culpa. Amo-os. Espero de coração que também que tenha conseguido passar em cada linha do livro tal sentimento.

Assim como, alertar a quem precisa. Mostrar que a vida pode ser boa, mesmo depois dos piores momentos. Espero ter passado algo a respeito.

Como viram, o destino de Branca ficou incerto, assim como, o de suas lembranças. Não fora contado nesse livro, porque isso pertence a ela, no terceiro livro dos Rivera. Em breve, aqui na amazon.

Para quem ficou curioso a respeito da história completa de Davi, ela está disponível aqui na amazon, assim como o spin-off que contou o desenrolar de Luíza e Marcelo (os links estão no início do livro).

Não se esqueça de avaliar o livro, para que possa saber o que pensou, sentiu e o que Guilherme e Jéssica estão passando para cada um. Isso ajuda com que outros leitores também conheçam a história.

E caso queira conhecer algum outro romance meu, eles estão todos disponíveis aqui: [ebooks](#).

E a você, leitor, que me deu essa oportunidade, meu **muito**
obrigada.

Espero que até a próxima!

Aline

Contatos da autora

Instagram: @alineapadua

Tiktok: @autoralineapadua

Twitter: @alineapadua

Meus outros livros: [aqui](#)

[1] Apple - Julia Michaels

[2] Shallow – Lady Gaga feat. Bradley Cooper

[3] Take Me To Church – Hozier.

[4] Anxiety – Julia Michaels feat. Selena Gomez

[5] “Dance comigo como se fosse a última vez

E me ensine aquele passo que não sei

Me dê um beijinho gostoso, gata

Taki taki

Taki taki

Taki taki

Você quer um beijinho ou um pedaço de outra coisa?

Esse bumbum explode como Nagasaki

Segure os motores da Kawasaki

Que a boate está cheia e chegaram os Anunnakis

Não se abaixe, o bumbum aparece embaixo da sua roupa.”

Taki Taki – DJ Snake feat. Selena Gomez, Cardi B & Ozuna

[6] Bitches Broken Hearts - Billie Eilish

[7] Querida ou bebê, em espanhol.

[8] Lovely - Billie Eilish feat. Khalid

[9] Carinho ou querido, em espanhol.

[10] Jump – Julia Michaels

[11] break up with your girlfriend, i'm bored– Ariana Grande

[12] Sucker – Jonas Brothers

[13] Papai em espanhol.

[14] Mamãe em espanhol.

[15] Irmão em espanhol.

[16] The Best – Tina Turner

[17] Trecho da canção When the party's over – Billie Eilish

[18] Trecho da canção When the party's over – Billie Eilish

[19] Ocean Eyes – Billie Eilish

[20] When The Party's Over – Billie Eilish

[21] Please Me – Cardi B feat. Bruno Mars

[22] Luka – Suzanne Vega

[23] Mockingjay (A Esperança no Brasil) é um livro de aventura e ficção científica escrito pela norte-americana Suzanne Collins. Fonte: Wikipédia.

[24] Scars – James Bay

[25] Watch – Billie Eilish

[26] Take me To Church – Hozier

[27] Not My Ex – Jessie J

[28] What A Time – Julia Michaels feat. Niall Horan

[29] Just For Tonight – James Bay

[30] Us – James Bay

[31] Pillowtalk – Zayn Malik

[32] Por toda a noite, em espanhol.

[33] There's No Way – Lauv feat. Julia Michaels

[34] The Legend of Zelda: Breath of the Wild é um jogo eletrônico de ação-aventura desenvolvido pela Nintendo Entertainment Planning & Development e publicado pela Nintendo. É o décimo nono título da série The Legend of Zelda e foi lançado mundialmente para Wii U e Nintendo Switch em 3 de março de 2017. Fonte: Wikipédia.

[35] Final Fantasy XV é um jogo eletrônico de RPG de ação desenvolvido e publicado pela Square Enix. Ele foi lançado mundialmente no dia 29 de novembro de 2016 para as plataformas PlayStation 4 e Xbox One. Fonte: Wikipédia.

[36] Xenoblade Chronicles 2, chamado no Japão de Xenoblade 2 é um jogo eletrônico de RPG de ação desenvolvido pela Monolith Soft e publicado pela Nintendo. O título faz parte da metassérie Xeno e é uma sequência de Xenoblade Chronicles, tendo sido lançado em 1 de dezembro de 2017 exclusivamente para Nintendo Switch. Fonte: Wikipédia.

[37] Bitches Broken Hearts – Billie Eilish

[38] Nicest Thing – Kate Nash

[39] Te amo em espanhol.

[40] Trecho da canção Segunda-feira, do cantor brasileiro Esteban

[41] Peer Pressure – James Bay feat. Julia Michaels

[42] Say You Love Me – Jessie Ware

[43] Deep – Julia Michaels

[44] Kate Nash – Nicest Thing

[45]

[46] Nicest Thing – Kate Nash

[47] Let You Love Me – Rita Ora